O CÓDIGO DA BÍBLIA

I

MICHAEL DROSNIN

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÔNIO

O CÓDIGO DA BÍBLIA

Michael Drosnin

Introdução

A reportagem é a primeira versão imperfeita da história. Este livro é o primeiro relato completo de um código na Bíblia que revela eventos que ocorreram milhares de anos após a Bíblia ter sido escrita.

Portanto, talvez seja a primeira versão imperfeita do futuro.

Estamos apenas a começar a compreender o código da Bíblia. É como um quebra-cabeças com um número infinito de peças, do qual temos apenas algumas centenas ou alguns milhares. Só podemos adivinhar a imagem completa.

A única coisa que posso afirmar com certeza é que existe um código na Bíblia e, em alguns casos dramáticos, ele previu eventos que depois aconteceram exatamente como profetizado.

Não há forma de saber se o código também está correto em relação ao futuro mais distante.

Tentei lidar com esta história da mesma forma que lidei com todas as outras: como um repórter de investigação. Passei cinco anos a verificar os factos.

Nada é aceite por fé.

Confirmei cada descoberta no código da Bíblia no meu próprio computador, utilizando dois programas diferentes — o mesmo que foi usado pelo matemático israelita que encontrou o código pela primeira vez, e um segundo programa escrito de forma independente dele.

Também entrevistei os cientistas nos Estados Unidos e em Israel que investigaram o código.

Muitos dos eventos descritos no livro foram testemunhados por mim. Os relatos de outros eventos baseiam-se em entrevistas com pessoas

diretamente envolvidas ou foram confirmados por notícias publicadas na imprensa.

Notas detalhadas sobre cada capítulo, notas sobre todas as ilustrações e uma reimpressão da experiência original que provou a realidade do código da Bíblia surgem no final do livro.

O meu objetivo foi relatar o que está codificado na Bíblia exatamente como teria relatado uma história do livro de ocorrências policiais quando estava no *Washington Post*, exatamente como teria relatado uma história de uma sala de reuniões corporativas quando estava no *Wall Street Journal*.

Não sou rabino nem padre, nem sou um estudioso da Bíblia. Não tenho crenças preconcebidas e tenho apenas um teste — a verdade.

Este livro não é a última palavra. É o primeiro relatório.

Capítulo Um

O Código da Bíblia

A 1 de setembro de 1994, viajei de avião para Israel e reuni-me em Jerusalém com um amigo próximo do Primeiro-Ministro Yitzhak Rabin, o poeta Chaim Guri. Entreguei-lhe uma carta que ele entregou imediatamente ao Primeiro-Ministro.

"Um matemático israelita descobriu um código oculto na Bíblia que parece revelar os detalhes de eventos que ocorreram milhares de anos após a Bíblia ter sido escrita", afirmava a minha carta a Rabin.

"A razão pela qual lhe estou a falar sobre isto é que a única vez que o seu nome completo — Yitzhak Rabin — aparece codificado na Bíblia, as palavras 'assassino que assassinará' cruzam-se com o seu nome.

"Isto não deve ser ignorado, porque os assassinatos de Anwar Sadat e de ambos John e Robert Kennedy também estão codificados na Bíblia — no caso de Sadat, com o primeiro e último nome do seu assassino, a data do homicídio, o local e como foi feito.

"Penso que corre um perigo real, mas que o perigo pode ser evitado."

A 4 de novembro de 1995, chegou a terrível confirmação: um tiro nas costas disparado por um homem que acreditava estar numa missão de Deus, o homicídio que fora codificado na Bíblia há três mil anos.

O assassinato de Rabin é uma confirmação dramática da realidade do código da Bíblia, o texto oculto no Antigo Testamento que revela o futuro.

O código foi descoberto pelo Dr. Eliyahu Rips, um dos maiores especialistas mundiais em teoria dos grupos, um campo da matemática que subjaz à física quântica. Foi confirmado por matemáticos famosos em Harvard, Yale e na Universidade Hebraica. Foi replicado por um descodificador de códigos sénior no Departamento de Defesa dos EUA. Passou por três níveis de revisão científica secular por pares numa importante revista de matemática dos EUA.

O assassinato de Rabin não foi o único evento moderno encontrado. Além dos assassinatos de Sadat e dos Kennedy, centenas de outros eventos que abalaram o mundo também estão codificados na Bíblia — desde a Segunda Guerra Mundial ao caso Watergate, do Holocausto a Hiroxima, da chegada do homem à Lua à colisão de um cometa com Júpiter.

E o assassinato de Rabin não foi o único evento encontrado antecipadamente. A colisão de Júpiter foi encontrada, com a data exata do impacto, antes de acontecer, e as datas da Guerra do Golfo foram encontradas na Bíblia antes de a guerra começar.

Isto não faz o sentido comum no nosso mundo secular e, como não sou religioso, normalmente seria dos primeiros a descartar isto como febre do milénio.

Mas eu sei disto há cinco anos. Passei muitas semanas com o matemático israelita, o Dr. Rips. Aprendi hebraico e verifiquei o código no meu próprio computador todos os dias. Falei com o homem do Departamento de Defesa, que confirmou de forma independente que o código da Bíblia de facto existe.

E fui a Harvard, a Yale e à Universidade Hebraica para me reunir com três dos matemáticos mais famosos do mundo. Todos eles confirmaram que existe um código na Bíblia que revela o futuro.

Não acreditei totalmente nisso até Rabin ser morto.

Fui eu próprio que encontrei a previsão do código da Bíblia sobre o seu assassinato, um aviso claro de que ele seria morto no ano hebraico que começou no final de 1995, mas nunca acreditei realmente que isso fosse acontecer. Quando ele foi morto, como previsto, quando previsto, o meu primeiro pensamento foi:

"Oh meu Deus, isto é real."

Não podia ser uma coincidência. As palavras "assassino que assassinará" cruzavam-se com o nome "Yitzhak Rabin" na única vez em que o seu nome completo aparece no Antigo Testamento. O código da Bíblia afirmava que ele seria morto no ano hebraico que começou em setembro de 1995. Agora, a 4 de novembro, ele estava morto.

O amigo de Rabin, Chaim Guri, disse-me que isso também foi a primeira coisa em que pensou quando o Primeiro-Ministro foi baleado.

"Foi como uma faca no meu coração", disse Guri. "Liguei para o Chefe de Estado-Maior, o General Barak, e disse: 'O repórter americano, ele já sabia disso há um ano, eu avisei o Primeiro-Ministro. Estava na Bíblia.' "

Quando encontrei pela primeira vez o homicídio de Rabin codificado, lembrei-me da primeira pergunta que o meu editor do livro me tinha feito: "E se soubesses do assassinato de Sadat antes de acontecer? Poderias tê-lo avisado e evitado que acontecesse?"

Com Rabin, eu tentei e falhei. Antes do assassinato, ninguém foi capaz de encontrar o nome do atirador ou a data exata. Poucos dias depois de ter contactado o Primeiro-Ministro pela primeira vez, o Dr. Rips e eu reunimo-nos com o cientista-chefe do Ministério da Defesa, o General Isaac Ben-Israel.

Procurámos detalhes. Mas apenas o ano do homicídio previsto era aparente.

Depois de Rabin ter sido morto, o nome do seu assassino, "Amir", foi imediatamente encontrado no código da Bíblia. Sempre estivera lá, mesmo acima do nome de Rabin, mas oculto à vista de todos.

"Amir" estava codificado no mesmo local que "Yitzhak Rabin" e "assassino que assassinará".

Além disso, as palavras "nome do assassino" apareciam no texto explícito da Bíblia no mesmo versículo em que o nome "Amir" aparecia no texto oculto. E também, nesse mesmo versículo, o texto oculto afirmava: "ele atacou, ele matou o Primeiro-Ministro".

Ele foi até identificado como um israelita que disparou a curta distância: "o seu assassino, um do seu povo, aquele que se aproximou".

O código revelou quando e onde aconteceria. "Em 5756", o ano hebraico que começou em setembro de 1995, cruzava-se tanto com "Telavive" como com "assassinato de Rabin". "Amir" aparecia novamente no mesmo lugar.

Mas antes de Rabin ser morto, sabíamos apenas que o código da Bíblia previa o seu homicídio "em 5756".

E Rabin ignorou o aviso.

"Ele não vai acreditar em si", dissera-me o seu amigo Guri quando lhe entreguei a carta pela primeira vez. "Ele não é de todo um místico. E é um fatalista."

Portanto, continuo sem saber se o assassinato poderia ter sido evitado. Apenas sei o que disse ao Primeiro-Ministro na minha carta: "Ninguém lhe pode dizer se um evento que está codificado está pré-determinado ou se é apenas uma possibilidade.

O meu próprio palpite é que se trata apenas de uma possibilidade — que a Bíblia codifica todas as probabilidades, e o que nós fazemos determina o resultado real."

Não tínhamos sido capazes de salvar a vida de Rabin. Mas, de repente, de forma brutal, eu tinha a prova absoluta de que o código da Bíblia era real.

Há cinco anos, quando viajei de avião para Israel pela primeira vez, o código da Bíblia e a própria Bíblia eram as coisas mais distantes do meu pensamento. Estava lá para me reunir com o chefe da inteligência israelita sobre o futuro da guerra.

Mas enquanto lá estava, soube de outro mistério, um que subitamente me puxou vários milénios atrás — 3200 anos, para ser exato, para o tempo em que, segundo a Bíblia, Deus falou com Moisés no Monte Sinai.

Quando estava a sair do quartel-general da inteligência, um jovem oficial que eu conhecera deteve-me. "Há um matemático em Jerusalém que devia ver", disse ele. "Ele encontrou a data exata em que a Guerra do Golfo começaria. Na Bíblia."

"Não sou religioso", disse eu, a entrar para o meu carro.

"Eu também não", disse o oficial. "Mas ele encontrou um código na Bíblia com a data exata, três semanas antes de a guerra começar."

Tudo parecia inacreditável. Mas o homem da inteligência israelita era tão secular quanto eu, e o homem que descobrira o código era considerado quase um génio no mundo da matemática. Fui vê-lo.

Eli Rips é um homem modesto. É tão reservado que tende a dar o crédito do seu próprio trabalho a outras pessoas, e ninguém adivinharia que ele é um matemático mundialmente famoso.

Quando me reuni com ele pela primeira vez, em junho de 1992, na sua casa nos arredores de Jerusalém, presumi que no final da noite saberia que a sua alegação não tinha qualquer fundamento.

Rips retirou um volume da sua estante e leu para mim, citando um sábio do século dezoito, um homem chamado o Génio de Vilna: "A regra é que tudo o que foi, é e será até ao fim dos tempos está incluído na Torah, da primeira à última palavra. E não apenas num sentido geral, mas quanto

aos detalhes de cada espécie e de cada um individualmente, e detalhes dos detalhes de tudo o que lhe aconteceu desde o dia do seu nascimento até ao seu fim."

Peguei numa Bíblia que estava na secretária do seu gabinete e pedi a Rips que me mostrasse a Guerra do Golfo.

Em vez de abrir a Bíblia, ele ligou o computador.

"O código da Bíblia é um programa de computador", explicou.

No ecrã do computador surgiram letras hebraicas realçadas em cinco cores diferentes, criando um padrão de palavras cruzadas.

Rips entregou-me uma folha impressa.

"Hussein", "Scuds" e "míssil russo" estavam todos codificados juntos no Génesis. A sequência completa do código afirmava: "Hussein escolheu um dia".

"Aqui, no Génesis, capítulo 14, onde temos a história das guerras de Abraão com os reinos vizinhos, encontrámos a data — 'fogo a 3 de Shevat'."

Rips desviou os olhos do computador.

"Essa é a data no calendário hebraico equivalente a 18 de janeiro de 1991", explicou ele. "É o dia em que o Iraque lançou o primeiro míssil Scud contra Israel."

"Quantas datas encontrou?", perguntei.

"Apenas esta, três semanas antes de a guerra começar", respondeu ele.

"Mas quem sabia, há 3000 anos, que haveria uma Guerra do Golfo, quanto mais que um míssil seria disparado a 18 de janeiro?"

"Deus."

O código da Bíblia foi descoberto na versão original em hebraico do Antigo Testamento, a Bíblia tal como foi escrita originalmente. Esse livro, hoje traduzido para todas as línguas, é a fundação de todas as religiões ocidentais.

O código da Bíblia é ecuménico, a informação é para todos. Mas o código só existe em hebraico, porque essa é a língua original da Bíblia.

Rips disse-me que a primeira pista da codificação fora encontrada há mais de 50 anos por um rabino em Praga, na Checoslováquia. O rabino, H.M.D. Weissmandel, notou que se saltasse cinquenta letras, e depois outras cinquenta, e depois outras cinquenta, a palavra "Torah" era soletrada no início do livro do Génesis. E que a mesma sequência de saltos soletrava novamente a palavra "Torah" no livro do Êxodo. E no livro dos Números. E no livro do Deuteronómio.

"Ouvi falar disso totalmente por acaso, a conversar com um rabino em Jerusalém", disse Rips. "Tentei encontrar o livro original e finalmente encontrei a única cópia que aparentemente existe, na Biblioteca Nacional de Israel. Havia apenas algumas páginas sobre o código, mas pareceu interessante."

Isso foi há doze anos.

"Ao início, tentei apenas contar letras como Weissmandel", disse Rips. "Sabe, Isaac Newton também tentou encontrar o código na Bíblia, e considerava-o mais importante do que a sua teoria do universo."

O primeiro cientista moderno, o homem que compreendeu a mecânica do nosso sistema solar e descobriu a força da gravidade, Sir Isaac Newton, estava seguro de que existia um código oculto na Bíblia que revelaria o futuro. Ele aprendeu hebraico e passou metade da sua vida a tentar encontrá-lo.

Na verdade, para Newton, de acordo com o seu biógrafo John Maynard Keynes, era uma obsessão. Quando Keynes se tornou reitor na Universidade de Cambridge, descobriu ali os manuscritos que Newton tinha embalado em 1696 quando se reformou como reitor.

Keynes ficou chocado.

A maior parte do milhão de palavras na própria caligrafia de Newton não era sobre matemática ou astronomia, mas sim sobre teologia esotérica. Revelavam que o grande físico acreditava que existia oculta na Bíblia uma profecia da história humana.

Newton, disse Keynes, tinha a certeza de que a Bíblia, e de facto todo o universo, era um "criptograma definido pelo Todo-Poderoso", e queria

"ler o enigma da divindade, o enigma dos eventos passados e futuros divinamente predeterminados".

Newton ainda procurava o código da Bíblia quando morreu. Mas a sua busca de uma vida inteira falhou, independentemente do modelo matemático que aplicasse.

Rips conseguiu. A descoberta que tinha escapado a Sir Isaac Newton foi feita por Eliyahu Rips porque ele tinha a única ferramenta essencial que faltava a Newton — um computador. O texto oculto da Bíblia foi codificado com uma espécie de bloqueio temporal. Não podia ser aberto até que o computador tivesse sido inventado.

"Quando apliquei um computador, fiz a grande descoberta", explicou Rips. "Encontrei palavras codificadas muito além do que as estatísticas permitiriam pelo acaso, e soube que estava perante algo de importância real."

"Foi a época mais feliz da minha vida", disse Rips, que veio para Israel a partir da introdução a reportagem é a primeira versão imperfeita da história. Este livro é o primeiro relato completo de um código na Bíblia que revela eventos que ocorreram milhares de anos após a Bíblia ter sido escrita.

Talvez seja, portanto, a primeira versão imperfeita do futuro.

Acabámos de começar a compreender o código da Bíblia. É como um quebra-cabeças com um número infinito de peças, do qual temos apenas algumas centenas ou alguns milhares. Só podemos adivinhar a imagem completa.

A única coisa que posso afirmar com certeza é que existe um código na Bíblia e, em alguns casos dramáticos, ele previu eventos que depois aconteceram exatamente como profetizado.

Não há forma de saber se o código também está correto em relação ao futuro mais distante.

Tentei lidar com esta história da mesma forma que lidei com todas as outras: como um repórter de investigação. Passei cinco anos a verificar os factos.

Nada é aceite por fé.

Confirmei cada descoberta no código da Bíblia no meu próprio computador, utilizando dois programas diferentes — o mesmo que foi usado pelo matemático israelita que encontrou o código pela primeira vez, e um segundo programa escrito de forma independente dele.

Também entrevistei os cientistas nos Estados Unidos e em Israel que investigaram o código.

Muitos dos eventos descritos no livro foram testemunhados por mim. Os relatos de outros eventos baseiam-se em entrevistas com pessoas diretamente envolvidas ou foram confirmados por notícias publicadas na imprensa.

Notas detalhadas sobre cada capítulo, notas sobre todas as ilustrações e uma reimpressão da experiência original que provou a realidade do código da Bíblia surgem no final do livro.

O meu objetivo foi relatar o que está codificado na Bíblia exatamente como teria relatado uma história do livro de ocorrências policiais quando estava no *Washington Post*, exatamente como teria relatado uma história de uma sala de reuniões corporativas quando estava no *Wall Street Journal*.

Não sou rabino nem padre, nem sou um estudioso da Bíblia. Não tenho crenças preconcebidas e tenho apenas um teste — a verdade.

Este livro não é a última palavra. É o primeiro relatório.

A 1 de setembro de 1994, viajei de avião para Israel e reuni-me em Jerusalém com um amigo próximo do Primeiro-Ministro Yitzhak Rabin, o poeta Chaim Guri. Entreguei-lhe uma carta que ele entregou imediatamente ao Primeiro-Ministro.

"Um matemático israelita descobriu um código oculto na Bíblia que parece revelar os detalhes de eventos que ocorreram milhares de anos após a Bíblia ter sido escrita", afirmava a minha carta a Rabin.

"A razão pela qual lhe estou a falar sobre isto é que a única vez que o seu nome completo — Yitzhak Rabin — aparece codificado na Bíblia, as palavras 'assassino que assassinará' cruzam-se com o seu nome.

"Isto não deve ser ignorado, porque os assassinatos de Anwar Sadat e de ambos John e Robert Kennedy também estão codificados na Bíblia —

no caso de Sadat, com o primeiro e último nome do seu assassino, a data do homicídio, o local e como foi feito.

"Penso que corre um perigo real, mas que o perigo pode ser evitado."

A 4 de novembro de 1995, chegou a terrível confirmação: um tiro nas costas disparado por um homem que acreditava estar numa missão de Deus, o homicídio que fora codificado na Bíblia há três mil anos.

O assassínio de Rabin é uma confirmação dramática da realidade do código da Bíblia, o texto oculto no Antigo Testamento que revela o futuro.

O código foi descoberto pelo Dr. Eliyahu Rips, um dos maiores especialistas mundiais em teoria dos grupos, um campo da matemática que subjaz à física quântica. Foi confirmado por matemáticos famosos em Harvard, Yale e na Universidade Hebraica. Foi replicado por um descodificador de códigos sénior no Departamento de Defesa dos EUA. Passou por três níveis de revisão científica secular por pares numa importante revista de matemática dos EUA.

O assassinato de Rabin não foi o único evento moderno encontrado. Além dos assassinatos de Sadat e dos Kennedy, centenas de outros eventos que abalaram o mundo também estão codificados na Bíblia — desde a Segunda Guerra Mundial ao caso Watergate, do Holocausto a Hiroxima, da chegada do homem à Lua à colisão de um cometa com Júpiter.

E o assassinato de Rabin não foi o único evento encontrado antecipadamente. A colisão de Júpiter foi encontrada, com a data exata do impacto, antes de acontecer, e as datas da Guerra do Golfo foram encontradas na Bíblia antes de a guerra começar.

Isto não faz o sentido comum no nosso mundo secular e, como não sou religioso, normalmente seria dos primeiros a descartar isto como febre do milénio.

Mas eu sei disto há cinco anos. Passei muitas semanas com o matemático israelita, o Dr. Rips. Aprendi hebraico e verifiquei o código no meu próprio computador todos os dias. Falei com o homem do Departamento de Defesa, que confirmou de forma independente que o código da Bíblia de facto existe.

E fui a Harvard, a Yale e à Universidade Hebraica para me reunir com três dos matemáticos mais famosos do mundo. Todos eles confirmaram que existe um código na Bíblia que revela o futuro.

Não acreditei totalmente nisso até Rabin ser morto.

Fui eu próprio que encontrei a previsão do código da Bíblia sobre o seu assassinato, um aviso claro de que ele seria morto no ano hebraico que começou no final de 1995, mas nunca acreditei realmente que isso fosse acontecer. Quando ele foi morto, como previsto, quando previsto, o meu primeiro pensamento foi:

"Oh meu Deus, isto é real."

Não podia ser uma coincidência. As palavras "assassino que assassinará" cruzavam-se com o nome "Yitzhak Rabin" na única vez em que o seu nome completo aparece no Antigo Testamento. O código da Bíblia afirmava que ele seria morto no ano hebraico que começou em setembro de 1995. Agora, a 4 de novembro, ele estava morto.

O amigo de Rabin, Chaim Guri, disse-me que isso também foi a primeira coisa em que pensou quando o Primeiro-Ministro foi baleado.

"Foi como uma faca no meu coração", disse Guri. "Liguei para o Chefe de Estado-Maior, o General Barak, e disse: 'O repórter americano, ele já sabia disso há um ano, eu avisei o Primeiro-Ministro. Estava na Bíblia.' "

Quando encontrei pela primeira vez o homicídio de Rabin codificado, lembrei-me da primeira pergunta que o meu editor do livro me tinha feito: "E se soubesses do assassinato de Sadat antes de acontecer? Poderias tê-lo avisado e evitado que acontecesse?"

Com Rabin, eu tentei e falhei. Antes do assassinato, ninguém foi capaz de encontrar o nome do atirador ou a data exata. Poucos dias depois de ter contactado o Primeiro-Ministro pela primeira vez, o Dr. Rips e eu reunimo-nos com o cientista-chefe do Ministério da Defesa, o General Isaac Ben-Israel.

Procurámos detalhes. Mas apenas o ano do homicídio previsto era aparente.

Depois de Rabin ter sido morto, o nome do seu assassino, "Amir", foi imediatamente encontrado no código da Bíblia. Sempre estivera lá, mesmo acima do nome de Rabin, mas oculto à vista de todos.

"Amir" estava codificado no mesmo local que "Yitzhak Rabin" e "assassino que assassinará".

Além disso, as palavras "nome do assassino" apareciam no texto explícito da Bíblia no mesmo versículo em que o nome "Amir" aparecia no texto oculto. E também, nesse mesmo versículo, o texto oculto afirmava: "ele atacou, ele matou o Primeiro-Ministro".

Ele foi até identificado como um israelita que disparou a curta distância: "o seu assassino, um do seu povo, aquele que se aproximou".

O código revelou quando e onde aconteceria. "Em 5756", o ano hebraico que começou em setembro de 1995, cruzava-se tanto com "Telavive" como com "assassinato de Rabin". "Amir" aparecia novamente no mesmo lugar.

Mas antes de Rabin ser morto, sabíamos apenas que o código da Bíblia previa o seu homicídio "em 5756".

E Rabin ignorou o aviso.

"Ele não vai acreditar em si", dissera-me o seu amigo Guri quando lhe entreguei a carta pela primeira vez. "Ele não é de todo um místico. E é um fatalista."

Portanto, continuo sem saber se o assassinato poderia ter sido evitado. Apenas sei o que disse ao Primeiro-Ministro na minha carta: "Ninguém lhe pode dizer se um evento que está codificado está pré-determinado ou se é apenas uma possibilidade.

O meu próprio palpite é que se trata apenas de uma possibilidade — que a Bíblia codifica todas as probabilidades, e o que nós fazemos determina o resultado real."

Não tínhamos sido capazes de salvar a vida de Rabin. Mas, de repente, de forma brutal, eu tinha a prova absoluta de que o código da Bíblia era real.

Há cinco anos, quando viajei de avião para Israel pela primeira vez, o código da Bíblia e a própria Bíblia eram as coisas mais distantes do meu pensamento. Estava lá para me reunir com o chefe da inteligência israelita sobre o futuro da guerra.

Mas enquanto lá estava, soube de outro mistério, um que subitamente me puxou vários milénios atrás — 3200 anos, para ser exato, para o tempo em que, segundo a Bíblia, Deus falou com Moisés no Monte Sinai.

Quando estava a sair do quartel-general da inteligência, um jovem oficial que eu conhecera deteve-me. "Há um matemático em Jerusalém que devia ver", disse ele. "He encontrou a data exata em que a Guerra do Golfo começaria. Na Bíblia."

"Não sou religioso", disse eu, a entrar para o meu carro.

"Eu também não", disse o oficial. "Mas ele encontrou um código na Bíblia com a data exata, três semanas antes de a guerra começar."

Tudo parecia inacreditável. Mas o homem da inteligência israelita era tão secular quanto eu, e o homem que descobrira o código era considerado quase um génio no mundo da matemática. Fui vê-lo.

Eli Rips é um homem modesto. É tão reservado que tende a dar o crédito do seu próprio trabalho a outras pessoas, e ninguém adivinharia que ele é um matemático mundialmente famoso.

Quando me reuni com ele pela primeira vez, em junho de 1992, na sua casa nos arredores de Jerusalém, presumi que no final da noite saberia que a sua alegação não tinha qualquer fundamento.

Rips retirou um volume da sua estante e leu para mi, citando um sábio do século dezoito, um homem chamado o Génio de Vilna: "A regra é que tudo o que foi, é e será até ao fim dos tempos está incluído na Torah, da primeira à última palavra. E não apenas num sentido geral, mas quanto aos detalhes de cada espécie e de cada um individualmente, e detalhes dos detalhes de tudo o que lhe aconteceu desde o dia do seu nascimento até ao seu fim."

Peguei numa Bíblia que estava na secretária do seu gabinete e pedi a Rips que me mostrasse a Guerra do Golfo.

Em vez de abrir a Bíblia, ele ligou o computador.

"O código da Bíblia é um programa de computador", explicou.

No ecrã do computador surgiram letras hebraicas realçadas em cinco cores diferentes, criando um padrão de palavras cruzadas.

Rips entregou-me uma folha impressa.

"Hussein", "Scuds" e "míssil russo" estavam todos codificados juntos no Génesis. A sequência completa do código afirmava: "Hussein escolheu um dia".

"Aqui, no Génesis, capítulo 14, onde temos a história das guerras de Abraão com os reinos vizinhos, encontrámos a data — 'fogo a 3 de Shevat'."

Rips desviou os olhos do computador.

"Essa é a data no calendário hebraico equivalente a 18 de janeiro de 1991", explicou ele. "É o dia em que o Iraque lançou o primeiro míssil Scud contra Israel."

"Quantas datas encontrou?", perguntei.

"Apenas esta, três semanas antes de a guerra começar", respondeu ele.

"Mas quem sabia, há 3000 anos, que haveria uma Guerra do Golfo, quanto mais que um míssil seria disparado a 18 de janeiro?"

"Deus."

O código da Bíblia foi descoberto na versão original em hebraico do Antigo Testamento, a Bíblia tal como foi escrita originalmente. Esse livro, hoje traduzido para todas as línguas, é a fundação de todas as religiões ocidentais.

O código da Bíblia é ecuménico, a informação é para todos. Mas o código só existe em hebraico, porque essa é a língua original da Bíblia.

Rips disse-me que a primeira pista da codificação fora encontrada há mais de 50 anos por um rabino em Praga, na Checoslováquia. O rabino, H.M.D. Weissmandel, notou que se saltasse cinquenta letras, e depois outras cinquenta, e depois outras campa, a palavra "Torah" era soletrada no início do livro do Génesis. E que a mesma sequência de saltos soletrava

novamente a palavra "Torah" no livro do Êxodo. E no livro dos Números. E no livro do Deuteronómio.

"Ouvi falar disso totalmente por acaso, a conversar com um rabino em Jerusalém", disse Rips. "Tentei encontrar o livro original e finalmente encontrei a única cópia que aparentemente existe, na Biblioteca Nacional de Israel. Havia apenas algumas páginas sobre o código, mas pareceu interessante."

Isso foi há doze anos.

"Ao início, tentei apenas contar letras como Weissmandel", disse Rips. "Sabe, Isaac Newton também tentou encontrar o código na Bíblia, e considerava-o mais importante do que a sua teoria do universo."

O primeiro cientista moderno, o homem que compreendeu a mecânica do nosso sistema solar e descobriu a força da gravidade, Sir Isaac Newton, estava seguro de que existia um código oculto na Bíblia que revelaria o futuro. Ele aprendeu hebraico e passou metade da sua vida a tentar encontrá-lo.

Na verdade, para Newton, de acordo com o seu biógrafo John Maynard Keynes, era uma obsessão. Quando Keynes se tornou reitor na Universidade de Cambridge, descobriu ali os manuscritos que Newton tinha embalado em 1696 quando se reformou como reitor.

Keynes ficou chocado.

A maior parte do milhão de palavras na própria caligrafia de Newton não era sobre matemática ou astronomia, mas sim sobre teologia esotérica. Revelavam que o grande físico acreditava que existia oculta na Bíblia uma profecia da história humana.

Newton, disse Keynes, tinha a certeza de que a Bíblia, e de facto todo o universo, era um "criptograma definido pelo Todo-Poderoso", e queria "ler o enigma da divindade, o enigma dos eventos passados e futuros divinamente predeterminados".

Newton ainda procurava o código da Bíblia quando morreu. Mas a sua busca de uma vida inteira falhou, independentemente do modelo matemático que aplicasse.

Rips conseguiu. A descoberta que tinha escapado a Sir Isaac Newton foi feita por Eliyahu Rips porque ele tinha a única ferramenta essencial que faltava a Newton — um computador. O texto oculto da Bíblia foi codificado com uma espécie de bloqueio temporal. Não podia ser aberto até que o computador tivesse sido inventado.

"Quando apliquei um computador, fiz a grande descoberta", explicou Rips. "Encontrei palavras codificadas muito além do que as estatísticas permitiriam pelo acaso, e soube que estava perante algo de importância real."

"Foi a época mais feliz da minha vida", disse Rips, que veio para Israel a partir da Rússia há mais de vinte anos e que ainda fala com um sotaque que é uma mistura de hebraico e russo.

Embora seja religioso e escreva duas letras hebraicas de agradecimento a Deus no canto superior direito de cada página dos seus cálculos, para ele, tal como para Newton, a matemática também é sagrada. Rips disse-me que tinha desenvolvido um modelo matemático sofisticado que, quando implementado por um programa de computador, confirmava que o Antigo Testamento está, de facto, codificado.

No entanto, ele encontrava-se num impasse para conseguir a grande descoberta final: uma forma de provar essa realidade de uma maneira simples e elegante. Foi então que conheceu outro israelita, Doron Witztum.

Witztum é físico, mas não tem ligação a nenhuma universidade e, em comparação com Rips, é um desconhecido no mundo da ciência. Mas foi Witztum quem completou o modelo matemático, e Rips considera-o "um génio como Rutherford".

Ele entregou-me uma cópia da experiência original deles, "Sequências de Letras Equidistantes no Livro do Génesis". O resumo na página de rosto dizia: "A análise de aleatorização indica que a informação oculta está tecida no texto do Génesis sob a forma de sequências de letras equidistantes. O efeito é significativo ao nível de 99,998%."

Li o artigo científico enquanto estávamos sentados na sua sala de estar. O que Rips e os seus colegas tinham feito foi procurar os nomes de trinta e dois grandes sábios, homens sábios desde os tempos bíblicos até aos tempos modernos, para determinar se os seus nomes e as datas dos seus nascimentos e mortes estavam codificados no primeiro livro da Bíblia.

Procuraram os mesmos nomes e as mesmas datas na tradução hebraica de *Guerra e Paz* e em dois textos originais em hebraico.

Na Bíblia, os nomes e as datas estavam codificados juntos. Em *Guerra e Paz* e nos outros dois livros, não estavam.

E as probabilidades de encontrar a informação codificada por mero acaso foram calculadas, em última análise, como sendo de 1 em 10 milhões.

Na sua experiência final, Rips pegou nos trinta e dois nomes e nas sessenta e quatro datas e baralhou-os em 10 milhões de combinações diferentes, de modo que 9.999.999 eram emparelhamentos incorretos e apenas um era o emparelhamento correto. Em seguida, executou um programa de computador para ver qual dos dez milhões de exemplos obtinha um melhor resultado — e apenas os nomes e datas corretos se juntaram na Bíblia.

"Nenhum dos emparelhamentos aleatórios coincidiu", disse Rips. "Os resultados foram 0 contra 9.999.999, ou seja, um em 10 milhões."

Um descodificador de códigos sénior na ultrassecreta Agência de Segurança Nacional (NSA), o posto de escuta clandestino do governo dos EUA perto de Washington, ouviu falar da surpreendente descoberta em Israel e decidiu investigar.

Harold Gans passara a vida a criar e a quebrar códigos para os serviços de informações americanos. Tinha formação como estatístico. Falava hebraico. E tinha a certeza de que o código da Bíblia era algo "completamente louco e ridículo".

Gans estava seguro de que conseguiria provar que o código não existia. Escreveu o seu próprio programa de computador e procurou a mesma informação que os israelitas tinham encontrado. Ficou surpreendido. Estava lá. As datas em que os sábios nasceram e morreram estavam codificadas juntamente com os seus nomes.

Gans não conseguia acreditar. Decidiu procurar informações totalmente novas no código da Bíblia para, desse modo, expor a falha na experiência de Rips, possivelmente até revelar uma farsa.

"Se isto fosse real", disse Gans, "então pensei que as cidades onde estes homens nasceram e morreram também deveriam estar codificadas."

Na sua experiência de 440 horas, Gans verificou não só os nomes dos trinta e dois sábios que Rips tinha finalmente utilizado, mas também outros trinta e quatro de uma lista anterior, testando todos os sessenta e seis contra os nomes das cidades, e os resultados fizeram dele um crente.

"Deu-me um arrepio na espinha", recordou Gans. As cidades também coincidiam com os nomes dos sábios no código da Bíblia.

O descodificador de códigos do Pentágono, utilizando o seu próprio programa de computador, tinha replicado de forma independente os resultados dos israelitas. Homens que viveram centenas e milhares de anos após a Bíblia ter sido escrita estavam ali codificados em detalhe. Rips encontrara as datas. Gans encontrara as cidades. O código da Bíblia era real.

"Concluímos que estes resultados fornecem corroboração dos resultados relatados por Witztum, Rips e Rosenberg", escreveu Gans num relatório final da sua investigação.

"Ao avaliar o código da Bíblia", disse ele mais tarde, "eu estava a fazer o mesmo tipo de trabalho que fazia no Departamento de Defesa."

"Ao início, eu estava 100% cético", disse o especialista em códigos do Pentágono. "Achei que tudo isto era apenas uma tolice. Propus-me a refutar o código e acabei por prová-lo."

A Bíblia estava codificada com informações sobre o passado e sobre o futuro de uma forma que era matematicamente impossível de acontecer por mero acaso, e que não se encontrava em nenhum outro texto.

Rips e Witztum submeteram o seu artigo científico a uma importante revista americana de matemática, a *Statistical Science*. O editor, Robert Kass, professor na Carnegie-Mellon, estava cético. Mas decidiu fazer com que o artigo fosse verificado por outros especialistas, o processo padrão de revisão por pares em todas as revistas científicas sérias.

Para surpresa de Kass, o artigo de Rips-Witztum passou. O primeiro revisor disse que a matemática era sólida. Kass recorreu a um segundo especialista. Este também disse que os números se confirmavam. Kass fez algo sem precedentes: recorreu a um terceiro especialista.

"Os nossos revisores ficaram perplexos", disse Kass. "As suas crenças prévias faziam-nos pensar que o Livro do Génesis não poderia de forma

alguma conter referências significativas a indivíduos dos tempos modernos. No entanto, quando os autores realizaram verificações adicionais, o efeito persistiu."

Kass enviou uma mensagem de e-mail aos israelitas: "O vosso artigo passou na terceira revisão por pares. Vamos publicá-lo."

Apesar do ceticismo automático dos matemáticos seculares, ninguém conseguiu encontrar falhas na matemática. Ninguém conseguiu levantar uma questão sem resposta sobre a experiência. Ninguém conseguiu desmistificar o facto surpreendente de que a Bíblia estava codificada — de que revelava eventos que ocorreram depois de a Bíblia ter sido escrita.

A BÍBLIA está construída como um jogo de palavras cruzadas gigante. Está codificada do início ao fim com palavras que se ligam para contar uma história oculta.

Rips explicou que cada código é um caso de adicionar cada quarta, décima segunda ou quinquagésima letra para formar uma palavra. Salta-se X espaços, e outros X espaços, e mais X espaços, e a mensagem oculta é soletrada. Como neste parágrafo. *

Mas é mais do que um simples código de saltos. Cruzando todo o texto conhecido da Bíblia, oculto sob o hebraico original do Antigo Testamento, encontra-se uma rede complexa de palavras e frases, uma nova revelação.

Existe uma Bíblia por baixo da Bíblia.

A Bíblia não é apenas um livro — é também um programa de computador. Foi primeiro cinzelada em pedra e escrita à mão num pergaminho, finalmente impressa como um livro, à espera que a alcançássemos ao inventar o computador. Agora pode ser lida da forma como sempre se pretendeu que fosse lida.

Para encontrar o código, Rips eliminou todos os espaços entre as palavras e transformou toda a Bíblia original numa única sequência contínua de letras, com 304.805 letras de comprimento.

Ao fazer isso, ele estava, na verdade, a restaurar a Torah para o que os grandes sábios dizem ter sido a sua forma original. Segundo a lenda, foi a forma como Moisés recebeu a Bíblia de Deus — "contígua, sem quebra de palavras".

O computador varre essa sequência de letras à procura de nomes, palavras e frases ocultas pelo código de saltos. Começa na primeira letra da Bíblia e procura todas as sequências de saltos possíveis — palavras soletradas com saltos de 1, 2, 3, até vários milhares. Depois, repete a pesquisa a partir da segunda letra, e faz o mesmo repetidamente até chegar à última letra da Bíblia.

- Comece na primeira letra do parágrafo acima, salte a cada três letras, e o código é revelado: "Rips Explained At Dach Tode Hs E Case Of Ddding Every...". A mensagem oculta — "READ THE CODE" (LEIA O CÓDIGO).

Depois de encontrar a palavra-chave, o computador pode procurar informações relacionadas. Vez após vez, encontra nomes, datas e locais ligados, codificados juntos — Rabin, Amir, Telavive, o ano do seu assassinato, tudo no mesmo lugar na Bíblia.

O computador pontua as correspondências entre as palavras usando dois testes — a proximidade com que aparecem juntas e se os saltos que soletram as palavras pesquisadas são os mais curtos na Bíblia.

Rips explicou como funciona, usando a Guerra do Golfo como exemplo. "Pedimos ao computador para procurar por Saddam Hussein", disse ele. "Depois, procurámos palavras relacionadas para ver se elas se juntavam de uma forma que fosse matematicamente significativa. Com a Guerra do Golfo, encontrámos 'Scuds' com 'mísseis russos', e a data em que a guerra começaria codificada com o nome Hussein."

As palavras formavam um jogo de palavras cruzadas. Consistentemente, o código da Bíblia reúne palavras interligadas que revelam informações relacionadas. Com Bill Clinton, Presidente. Com a chegada do homem à Lua, nave espacial e Apollo 11. Com Hitler, Nazi. Com Kennedy, Dallas.

Em experiência após experiência, os jogos de palavras cruzadas foram encontrados apenas na Bíblia. Não em *Guerra e Paz*, não em qualquer outro livro, e não em dez milhões de casos de teste gerados por computador.

Segundo Rips, há uma quantidade infinita de informações codificadas na Bíblia. Cada vez que um novo nome, palavra ou frase é descoberto no

código, forma-se um novo jogo de palavras cruzadas. Palavras relacionadas cruzam-se verticalmente, horizontalmente e diagonalmente.

Podemos usar o assassinato de Rabin como um estudo de caso.

Primeiro, pedimos ao computador para procurar na Bíblia o nome "Yitzhak Rabin". Apareceu apenas uma vez, com uma sequência de saltos de 4772.

O computador dividiu toda a Bíblia — a sequência inteira de 304.805 letras — em 64 linhas de 4772 letras. O impresso do código da Bíblia é uma imagem instantânea do centro dessa matriz. No meio da imagem está o nome "Yitzhak Rabin", com cada letra circulada.

Se "Yitzhak Rabin" fosse soletrado com um código de saltos de 10, então cada linha teria, em vez disso, 10 letras de comprimento. Se o salto fosse 100, então as linhas teriam 100 letras de comprimento. E cada vez que as linhas são reorganizadas, um novo conjunto de palavras e frases interligadas é criado.

Cada palavra de código determina como o computador apresenta o texto da Bíblia, que jogo de palavras cruzadas é formado. Há três mil anos, a Bíblia foi codificada de modo a que a descoberta do nome de Rabin revelasse automaticamente informações relacionadas.

Cruzando o nome "Yitzhak Rabin", encontrámos as palavras "assassino assassinará". Aparece na tabela abaixo com cada letra num quadrado:

As probabilidades contra o nome completo de Rabin aparecer com a previsão do seu assassinato eram de pelo menos 3000 para 1. Os matemáticos dizem que cem para um já está para além do acaso. O teste mais rigoroso alguma vez utilizado é de 1000 para 1.

Viajei para Israel para avisar Rabin a 1 de setembro de 1994. Mas foi só depois de ele ter sido morto, um ano mais tarde, que encontrámos o nome do seu assassino.

"Amir" estava codificado no mesmo local que "Yitzhak Rabin" e "assassino que assassinará". O nome de Amir estivera lá durante 3000 anos, à espera que o encontrássemos.

Mas o código da Bíblia não é uma bola de cristal — não se pode encontrar nada sem saber o que procurar.

Claramente, isto não era Nostradamus, não era "Uma Estrela Subirá no Oriente e um Grande Rei Cairá", palavras que podem mais tarde ser interpretadas como significando qualquer coisa que realmente aconteça.

Em vez disso, havia detalhes tão precisos como a história partilhada na CNN — o nome completo de Rabin, o nome do seu assassino, o ano em que foi morto — tudo exceto Amir foi encontrado antes de acontecer.

Ainda assim, era difícil de acreditar. Perguntei a Rips se não seria possível encontrar informações semelhantes em qualquer texto, combinações aleatórias de letras que não tivessem um significado real. Talvez encontrar a data da Guerra do Golfo, ou até o assassinato de Rabin, fosse apenas uma coincidência.

Rips tirou uma moeda do bolso e lançou-a ao ar. "Se esta for uma moeda justa", disse ele, "então metade das vezes deve sair cara, e metade das vezes deve sair coroa. Se eu lançar a moeda vinte vezes e sair cara todas as vezes, toda a gente presumirá que a moeda está viciada. A probabilidade de o mesmo lado sair vinte vezes seguidas é menos de uma em um milhão."

"A Bíblia é como a moeda viciada", disse Rips. "Está codificada."

Ele citou a sua experiência original, os sábios codificados no Génesis. "A única outra possibilidade é que tenha acontecido um evento aleatório — que nós, por acaso, tenhamos encontrado a melhor correspondência de trinta e dois nomes e sessenta e quatro datas — e isso só aconteceria uma vez em 10 milhões."

Mas se Rips estiver certo, se existir um código da Bíblia, se este previr o futuro, então a ciência convencional ainda não o consegue explicar.

Sem surpresa, alguns cientistas convencionais não conseguem aceitar isso. Um deles, um estatístico australiano, Avraham Hasofer, atacou o código da Bíblia antes de Rips publicar a sua experiência, antes de as provas matemáticas serem conhecidas. "Certos tipos de padrões devem inevitavelmente ocorrer em grandes conjuntos de dados", disse ele. "Não se pode encontrar uma disposição de dígitos ou letras sem padrão, tal como não se pode encontrar uma nuvem sem forma."

"Em todo o caso", disse Hasofer, "o uso de um teste estatístico em questões de fé levanta graves problemas."

Rips diz que o seu crítico está errado na ciência e errado na religião. Hasofer, nota ele, nunca fez um teste estatístico, nunca verificou a matemática e nunca olhou para o próprio código da Bíblia.

"Claro que se podem encontrar combinações aleatórias de letras em qualquer texto", diz Rips. "Claro que encontrará 'Saddam Hussein' em qualquer base de dados suficientemente grande, mas não encontrará 'Scuds', 'mísseis russos' e o dia em que a guerra começou, tudo no mesmo lugar, com antecedência. Não importa se estamos a procurar num texto de 100.000 ou 100.000.000 de letras, não encontrará informações coerentes — exceto na Bíblia.

"Grande parte da humanidade assume agora que a Bíblia é apenas folclore antigo, mito, que a ciência é a única imagem fiável da realidade. Outros dizem que a Bíblia, sendo a palavra de Deus, deve ser verdadeira e, portanto, a ciência deve estar errada. Penso que, finalmente, quando compreendermos bem ambas, a religião e a ciência se unirão — teremos uma Teoria do Campo Unificado."

Nos quase três anos decorridos desde que o artigo de Rips-Witztum foi publicado, ninguém apresentou uma contestação à revista de matemática.

Os principais cientistas que realmente examinaram o código da Bíblia confirmam-no. O especialista em códigos do Pentágono, os três revisores da revista de matemática, os professores de Harvard, Yale e da Universidade Hebraica começaram todos como céticos e terminaram como crentes.

EINSTEIN disse uma vez: "A distinção entre passado, presente e futuro é apenas uma ilusão, por mais persistente que seja." O tempo, disse Einstein, não é de todo o que parece. Não flui apenas numa direção, e o futuro existe simultaneamente com o passado.

O outro grande físico que definiu o nosso universo, Newton, não só disse que o futuro já existe, como acreditava que ele podia ser conhecido com antecedência, e de facto ele próprio procurou o código oculto na Bíblia que o revelaria.

Hoje, alguns cientistas, incluindo o físico de maior destaque no mundo atual, Stephen Hawking, acreditam que as pessoas poderão um dia ser capazes de viajar no tempo. "A viagem no tempo", diz Hawking, "poderá estar dentro das nossas capacidades no futuro."

Talvez o poeta T. S. Eliot estivesse certo: "O tempo presente e o tempo passado / Estão ambos talvez presentes no tempo futuro, / E o tempo futuro contido no tempo passado."

Mas eu não estava preparado para acreditar que o futuro estava codificado na Bíblia sem o tipo de evidência em que um repórter confia, informações que podem ser verificadas no mundo real.

Passei uma semana inteira com Eli Rips, a trabalhar com ele ao seu computador. Pedi-lhe para encontrar coisas relacionadas com os acontecimentos mundiais atuais, com um cometa que tinha acabado de ser avistado, com a ciência moderna, e vez após vez ele encontrou a informação que eu pedia codificada no Antigo Testamento. Quando verificámos o texto de controlo, *Guerra e Paz*, a informação não estava lá. Quando verificámos a Bíblia, estava.

Nessa semana, e em seis viagens subsequentes a Israel, e na minha própria investigação ao longo dos cinco anos seguintes, encontrámos dez e depois cem e depois mil eventos mundiais codificados na Bíblia. Era possível, num determinado dia, pegar no *New York Times* ou no *Jerusalem Post* e, se a história da primeira página fosse suficientemente importante, encontrá-la codificada num documento que tinha sido escrito há 3000 anos.

A informação, vez após vez, provou ser tão precisa quanto os relatos dos jornais atuais; os nomes, os locais, as datas estavam todos codificados desde o Génesis até ao Deuteronómio. E, por vezes, era encontrada com antecedência.

Seis meses antes das eleições de 1992, o código revelou a vitória de Bill Clinton. Ligado a "Clinton" estava o seu futuro título, "Presidente".

A maior convulsão recente na América, a queda de Richard Nixon na crise de Watergate, também está codificada na Bíblia. "Watergate" aparece com "Nixon" e o ano em que ele foi forçado a renunciar, 1974.

Onde "Watergate" está codificado, o texto oculto da Bíblia faz uma pergunta: "Quem é ele? Presidente, mas foi expulso."

A Grande Depressão está codificada com o colapso da bolsa de valores. "Colapso económico" e "Depressão" aparecem juntos na Bíblia, com a palavra "Ações". O ano em que tudo começou, 1929 ("5690"), está codificado no mesmo lugar.

Mas os triunfos do homem, como a chegada à Lua, também estão codificados. "Homem na Lua" aparece com "nave espacial" e "Apollo 11". Até a data em que Neil Armstrong pisou pela primeira vez a superfície lunar, 20 de julho de 1969, está na Bíblia.

As palavras de Armstrong, "Um pequeno passo para um homem, um salto gigante para a humanidade", ecoam no texto oculto da Bíblia. Onde a data em que ele pisou a Lua está codificada, os termos que cruzam "Lua" na Bíblia são: "Feito pela humanidade, feito por um homem."

Está tudo codificado no Génesis com "Apollo 11", no ponto onde Deus diz a Abraão: "Olha agora para os céus e conta as estrelas, se as puderes contar."

Nos anos seguintes à minha primeira viagem a Israel, continuei a pesquisar o código da Bíblia por minha conta, não como matemático, mas como um repórter de investigação, a verificar os factos.

O que é passível de prova, o que pode ser verificado além da matemática, são informações sobre o passado recente e o futuro próximo. Dois anos após o início da minha investigação, encontrei algo cósmico previsto no código — e depois assisti a isso acontecer no mundo real.

Em julho de 1994, o mundo testemunhou a maior explosão alguma vez vista no nosso sistema solar. Um cometa bombardeou Júpiter com a força de mais de mil milhões de megatons, criando bolas de fogo do tamanho da Terra.

Fui eu próprio que encontrei a codificação Júpiter / cometa na Bíblia, dois meses antes da colisão, utilizando um programa de computador escrito para mim em Israel, baseado no modelo matemático de Rips.

A colisão estava codificada duas vezes, uma no Livro do Génesis e outra no Livro de Isaías. O cometa, "Shoemaker-Levy", aparecia em ambas as vezes com o seu nome completo — os nomes dos astrónomos que o descobriram em 1993 — e o seu impacto com "Júpiter" era apresentado graficamente. No código da Bíblia, o nome do planeta e o nome do cometa

cruzam-se duas vezes. Em Isaías, a data exata do impacto foi indicada com antecedência, 16 de julho.

O evento que os astrónomos conseguiram prever com alguns meses de antecedência, o código da Bíblia previu exatamente com a mesma precisão 3000 anos antes de acontecer.

Foi uma daquelas descobertas tão dramáticas que me fez acreditar tudo de novo.

Ao longo de dois anos de investigação, continuei a perguntar-me: Poderia isto ser realmente verdade? Terá alguma inteligência não humana codificado a Bíblia? Todas as manhãs acordava a duvidar de tudo, apesar das provas esmagadoras.

Poderia tratar-se de uma farsa? Não uma nova revelação, mas sim outro diário de Hitler, um Clifford Irving cósmico?

Os rabinos e os professores nunca se puseram de acordo sobre as origens da Bíblia. As autoridades religiosas dizem que os primeiros cinco livros, do Génesis ao Deuteronómio, foram escritos há mais de 3000 anos por Moisés. As autoridades académicas dizem que foram escritos por muitas mãos ao longo de muitos séculos. O argumento acaba por ser irrelevante.

O Antigo Testamento é um texto definido há pelo menos mil anos. A Torah não mudou nesse período, e nenhum estudioso poria isso em causa. Existe uma versão completa do ano 1008 d.C. (o Códice de Leninegrado), e cada Bíblia hebraica que existe hoje é igual, letra por letra. Portanto, o texto utilizado no programa de computador — aquele no qual encontrei a data exata da colisão do cometa com Júpiter, 16 de julho de 1994 — não muda há pelo menos mil anos.

Uma farsa está simplesmente descartada, porque teria exigido um falsificador que conseguisse ver o futuro.

Nenhum falsificador tinha codificado a colisão de Júpiter, nem nos tempos bíblicos, nem na Idade Média, nem na primavera de 1994, dois meses antes de acontecer. Mais uma vez, senti-me seguro.

Fui ver Rips à Universidade de Columbia. Ele estava lá como professor visitante, ocupando o mesmo gabinete no edifício de matemática que outrora fora ocupado pelo presidente da Sociedade Matemática

Americana, Lipman Bers, que organizou a campanha mundial que libertou Rips de uma prisão soviética há vinte e seis anos.

Ainda na União Soviética, como jovem estudante de pós-graduação, Rips foi preso por se manifestar contra a invasão da Checoslováquia em 1968. Passou os dois anos seguintes como prisioneiro político. Foi apenas através da intercessão de matemáticos no Ocidente que Rips foi finalmente libertado e autorizado a emigrar para Israel.

Agora professor na Universidade Hebraica de Jerusalém, Rips também lecionou na Universidade de Chicago e em Berkeley, e é respeitado em todo o mundo da matemática.

No seu gabinete em Columbia, Rips olhou para o meu impresso da colisão de Júpiter. "Isto é emocionante", disse ele, tal como eu por vezes ainda maravilhado com a precisão do código da Bíblia.

Os astrónomos sabiam que o cometa iria atingir Júpiter porque podiam traçar a sua trajetória, sabiam quando porque podiam medir a sua velocidade. Mas quem quer que tenha codificado a Bíblia tinha a mesma informação milhares de anos antes de isso ser possível, milhares de anos antes de Shoemaker e Levy descobrirem o cometa, por isso, como podia a Bíblia codificar a data do impacto? Era, claro, a grande questão — como podia o futuro ser conhecido?

Fui com Rips ver um dos principais matemáticos de Harvard, David Kazhdan. Kazhdan disse-me que acredita que o código da Bíblia é real, mas não conseguiu explicar como funciona.

"Parece de facto que a Bíblia foi codificada há 3000 anos com informações sobre eventos futuros", disse Kazhdan. "Vi os resultados. Não existem bases científicas para o contestar. Penso que é real."

"Como funciona?", perguntei.

"Não sabemos", disse Kazhdan. "Mas reconhecemos a existência da eletricidade cem anos antes de a conseguirmos explicar."

Perguntei a Rips e a Kazhdan como podia alguém, homem ou Deus, ver o que ainda não existe. Eu sempre assumira que o futuro não existe até acontecer.

Rips respondeu primeiro com uma perspetiva teológica. "O mundo foi criado", disse ele. "O Criador não está confinado pelo tempo ou pelo espaço. Para nós, o futuro não existe. Para o Criador, todo o universo, do início ao fim, foi visto de um só fôlego."

Kazhdan deu uma explicação baseada em Newton. "A ciência aceita que se conhecermos a posição de cada molécula e átomo, podemos prever tudo", disse ele. "No mundo mecânico, se soubermos a posição e a velocidade de um objeto — uma bala ou um foguetão para Marte —, também poderemos saber precisamente quando e onde ele irá chegar. Portanto, não há problema nesse sentido em relação a conhecer o futuro."

"Mas se me pergunta se estou surpreendido por o futuro estar codificado na Bíblia", acrescentou Kazhdan, "claro que estou."

I. Piatetski-Shapiro, um importante matemático de Yale, também confirma o código da Bíblia, mas fica igualmente maravilhado com a sua revelação de acontecimentos que tiveram lugar muito depois de a Bíblia ter sido escrita.

"Acredito que o código é real", disse Piatetski-Shapiro. "Vi os resultados e foram bastante surpreendentes. Previsões do futuro, de Hitler e do Holocausto."

O israelita que trabalha com Rips, Doron Witztum, tinha feito uma pesquisa extensa sobre "o Holocausto" no código da Bíblia e encontrou-o detalhado com uma minúcia extraordinária.

"Hitler" e "Nazi" estavam codificados juntamente com "matança". "Na Alemanha" estava codificado com "Nazis" e "Berlim". E o homem que realmente geria os campos de concentração, "Eichmann", estava codificado com "os fornos" e "extermínio".

"Em Auschwitz" estava codificado onde o texto explícito da Bíblia decreta "o fim de toda a carne". Até os detalhes técnicos da "solução final" lá estavam. O gás utilizado para matar os judeus, "Zyklon B", estava codificado com "Eichmann".

Piatetski-Shapiro tinha visto estas descobertas e ficou impressionado. "Como matemático", disse ele, "o meu instinto diz-me que há algo de real aqui."

Mas o professor de Yale não consegue explicar como foi feito. "Não há forma, dentro das leis conhecidas da matemática, de explicar o ato de ver o futuro", disse ele. "A física de Newton é demasiado simples para explicar um conjunto de previsões tão complexo e detalhado. A física quântica também não é suficiente. O que estamos a falar aqui é de uma inteligência que se posiciona fora."

O matemático fez uma pausa por um momento, depois acrescentou: "Penso que essa é a única resposta — que Deus existe."

"Acha que um dia seremos capazes de o explicar em termos puramente científicos?", perguntei.

"Duvido", disse Piatetski-Shapiro. "Talvez uma parte, mas alguma parte permanecerá sempre desconhecida."

"É possível, teoricamente, acreditar no código da Bíblia sem acreditar em Deus", acrescentou. "Mas se assumirmos que Deus existe, não temos de responder à pergunta: Quem consegue ver o futuro?"

SE o futuro pode ser previsto, também pode ser alterado?

Se soubéssemos de Hitler com antecedência, poderíamos ter evitado a Segunda Guerra Mundial?

Poderiam Rabin ou Kennedy ter sido salvos da bala de um assassino?

Mesmo que Amir ou Oswald tivessem sido encontrados no código da Bíblia com antecedência, poderiam ter sido travados?

Haveria uma probabilidade alternativa — de que os atiradores fossem apanhados, de que Rabin ou Kennedy sobrevivessem?

A questão é saber se o código da Bíblia nos diz o que vai acontecer ou o que pode acontecer, se apresenta um único futuro pré-determinado ou se prevê todos os futuros possíveis.

Os físicos estão presos no mesmo debate desde que Werner Heisenberg formulou o seu famoso Princípio da Incerteza. Stephen Hawking definiu-o em termos simples: "Com certeza que não se podem prever eventos futuros com exatidão se não se conseguir sequer medir o estado atual do universo com exatidão!"

A maioria dos cientistas acredita que o Princípio da Incerteza é uma propriedade fundamental e inevitável do mundo. E este afirma que não existe um único futuro, mas sim muitos futuros possíveis.

Hawking colocou a questão desta forma: "A mecânica quântica não prevê um único resultado definitivo para uma observação. Em vez disso, prevê uma série de resultados possíveis diferentes e diz-nos a probabilidade de cada um deles."

Será que o código da Bíblia, tal como a física quântica, apresenta todas as probabilidades? Ou as previsões codificadas estão gravadas na pedra? Algumas, como o assassinato de Rabin, acontecem claramente. Terão todas as previsões sido concretizadas?

Ainda não temos experiência suficiente com o código da Bíblia para o saber, mas mesmo a regra aparentemente inabalável do Princípio da Incerteza pode não se aplicar ao código.

No final, toda a ciência convencional, na verdade todos os conceitos convencionais da realidade, podem ser irrelevantes. Se algum ser que está fora do sistema, fora das nossas três dimensões, fora do tempo, codificou a Bíblia, o código pode não obedecer a nenhuma das nossas leis, científicas ou outras.

Até Hawking admite que as regras do acaso podem não se aplicar a Deus: "Poderíamos ainda imaginar que existe um conjunto de leis que determina os acontecimentos por completo para algum ser sobrenatural."

Uma vez que admitimos que não estamos sozinhos — que existe alguma inteligência para além da nossa —, tudo o resto deve ser reexaminado.

E o maior cientista do nosso tempo, Einstein, nunca aceitou que o universo fosse governado pelo acaso. "A mecânica quântica é certamente imponente", disse Einstein. "Mas uma voz interior diz-me que ainda não é a coisa real. A teoria diz muito, mas não nos aproxima realmente do segredo do 'Velho'."

"Deus", disse Einstein, "não joga aos dados."

PODERÁ realmente existir um código na Bíblia que registou eventos milhares de anos antes de acontecerem, que contou a nossa história antes

do tempo, que poderá agora revelar um futuro que para nós ainda não existe?

Fui ver o matemático mais famoso de Israel, Robert J. Aumann. Ele é um dos maiores especialistas mundiais em teoria dos jogos e membro da Academia Nacional de Ciências de Israel e dos EUA.

"O código da Bíblia é simplesmente um facto", disse Aumann.

"A ciência é impecável", continuou ele. "Os resultados de Rips são amplamente significativos, muito além de tudo o que normalmente se vê na ciência. Li o material dele minuciosamente e os resultados são diretos e claros."

"Estatisticamente, está muito além do que normalmente é exigido. O padrão mais rigoroso alguma vez aplicado é de 1 em 1000. Os resultados de Rips são significativos, pelo menos, ao nível de 1 em 100.000. Simplesmente não se veem resultados assim em experiências científicas comuns."

"É muito importante tratar isto como qualquer outra experiência científica: de forma muito fria, muito metódica; testa-se e observam-se os resultados. Tanto quanto consigo ver, o código da Bíblia é simplesmente um facto."

"Estou a falar como um contabilista. Verifiquei os livros e está *Kosher*", disse Aumann. "Não é apenas *Kosher*, é *Glatt Kosher*."

Aumann estivera cético. Ao início, não conseguia acreditar que um código na Bíblia revelasse o futuro. "Vai contra toda a minha formação como matemático e até contra o pensamento religioso com o qual me sinto confortável", disse ele. "É tão diferente de tudo o que é conhecido pela ciência. Não houve nada de semelhante em todas as centenas de anos da ciência moderna."

Aumann falou com matemáticos de renome em Israel, nos Estados Unidos e por todo o mundo. Ninguém conseguiu encontrar uma falha na matemática. Ele acompanhou o trabalho de Rips durante anos e continuou a investigá-lo durante meses.

Finalmente, a 19 de março de 1996, o matemático mais famoso de Israel disse à Academia de Ciências de Israel: "O código da Bíblia é um facto estabelecido."

HÁ AINDA uma grande parte que ninguém sabe sobre o código da Bíblia. Rips, que sabe mais do que qualquer outra pessoa, diz que é como um quebra-cabeças gigante com milhares de peças, do qual temos apenas algumas centenas.

"Quando o código da Bíblia se tornar amplamente conhecido e as pessoas tentarem usá-lo para prever o futuro, devem saber que é complicado", diz Rips. "Todas as probabilidades podem estar lá, e o que nós fazemos pode determinar o que realmente acontece. Talvez tenha sido feito desta forma para preservar o livre-arbítrio.

"A pior coisa que poderia acontecer seria algumas pessoas interpretarem o que encontram no código da Bíblia como mandamentos, como algo a dizer-lhes o que fazer — e não é isso, é apenas informação, e podem ser apenas probabilidades."

Mas se todas as probabilidades estão no código da Bíblia, isso apenas eleva a grande questão para um novo nível. Como pode cada momento da história humana estar codificado? No vasto curso da história, até o assassinato de Rabin, a chegada à Lua e o caso Watergate são todos meros momentos. Como podem estar todos codificados num único livro?

Perguntei a Rips se havia algum limite para a informação que estava no código, quanta da nossa história estava oculta na Bíblia.

"Tudo", disse o matemático. Ele citou novamente a declaração que me tinha lido quando nos conhecemos pela primeira vez, as palavras do sábio do século dezoito, o Génio de Vilna: "Tudo o que foi, é e será até ao fim dos tempos está incluído na Torah."

Como poderia isso ser possível, se o texto original do Antigo Testamento tinha apenas 304.805 letras de comprimento?

"Teoricamente, não há limite para a quantidade de informação que poderia ser codificada", disse Rips. Ele pegou no meu bloco de notas legal e começou a escrever uma equação.

"Se temos um conjunto finito, podemos procurar o conjunto das partes, e o conjunto de todos os seus subconjuntos", disse ele. "E cada elemento de cada conjunto pode estar ativado ou desativado." No bloco de notas, ele tinha escrito uma fórmula: S,P(S),P(P(S))=P2(S)…PK(S).

Eu não conseguia compreender a matemática, mas percebi a ideia. Mesmo com uma base de dados limitada, poderia haver um número infinito de combinações e permutações.

"Pelo menos 10 ou 20 mil milhões", disse Rips. Ele explicou o significado desse número: "Se começar a contar a partir de 1 e nunca mais parar, dia e noite, levará 100 anos a contar até 3 mil milhões." Por outras palavras, o código da Bíblia contém mais informação do que aquela que conseguiríamos sequer contar, quanto mais encontrar, em várias vidas. E isso não tem em conta os "jogos de palavras cruzadas" criados quando 2, 3 ou 10 palavras diferentes são ligadas entre si. No final, diz Rips, a quantidade de informação é incalculável e, provavelmente, infinita.

E esse é apenas o primeiro e mais rudimentar nível do código da Bíblia.

SEMPRE pensámos na Bíblia como um livro. Sabemos agora que essa foi apenas a sua primeira encarnação. É também um programa de computador. Não apenas um livro que Rips digitou num computador, mas algo que o seu autor original concebeu de facto para ser interativo e estar em constante mudança.

O código da Bíblia pode ser uma série temporizada de revelações, cada uma desenhada para a tecnologia da sua época.

Pode ser uma forma de informação que ainda não conseguimos imaginar plenamente, algo que seria tão estranho para nós hoje como um computador seria para os nómadas do deserto há 3000 anos.

"É quase certo que tem muitos mais níveis de profundidade, mas ainda não dispomos de um modelo matemático suficientemente poderoso para o alcançar", diz Rips. "Provavelmente assemelha-se menos a um jogo de palavras cruzadas e mais a um holograma. Estamos apenas a olhar para matrizes bidimensionais, e provavelmente deveríamos estar a olhar em, pelo menos, três dimensões, mas não sabemos como."

E ninguém consegue explicar como o código foi criado.

Todos os cientistas, todos os matemáticos e físicos que compreendem o código, concordam que nem os supercomputadores mais rápidos que temos hoje — nem todos os Crays na sala de guerra do Pentágono, ou todos os *mainframes* da IBM, nem todos os computadores atualmente no mundo

a trabalhar juntos — conseguiriam ter codificado a Bíblia da forma como foi feito há 3000 anos.

"Nem consigo imaginar como seria feito, como alguém poderia tê-lo feito", diz Rips. "É uma mente que ultrapassa a nossa imaginação."

O programa de computador que revela o código da Bíblia não é, quase de certeza, a última forma que a Bíblia assumirá. A sua próxima encarnação provavelmente já existe, à espera que inventemos a máquina que a revelará.

"Mas mesmo aquilo que sabemos como encontrar, provavelmente nunca conseguiremos acabar de descodificar", diz Rips. "Mesmo nesse nível, a informação é provavelmente infinita."

Ninguém sabe ainda se cada um de nós, e todo o nosso passado e todo o nosso futuro, está nalgum código de nível superior ainda desconhecido na Bíblia, se ela é, de facto, uma espécie de Livro da Vida. Mas, aparentemente, todas as figuras de relevo, todos os grandes eventos da história mundial, podem ser encontrados com o nível de codificação que já conhecemos.

Todos os líderes da Segunda Guerra Mundial — "Roosevelt", "Churchill", "Estaline", "Hitler" — estão lá. "América", "revolução" e 1776 ("5536") aparecem juntos. "Napoleão" está codificado com "França", mas também com "Waterloo" e "Elba".

A revolução que mudou o século XX, la "revolução" comunista na "Rússia", está codificada com o ano em que triunfou, 1917 ("5678").

Grandes artistas e escritores, inventores e cientistas desde a antiguidade até aos tempos modernos também estão codificados na Bíblia. "Homero" é identificado como o "poeta grego".

"Shakespeare" é vaticinado numa única sequência de código que soletra não só o seu nome, mas também os seus feitos: "Shakespeare" — "apresentado no palco" — "*Hamlet*" — "*Macbeth*".

"Beethoven" e "Johann Bach" estão ambos codificados como "compositores alemães", e "Mozart" é identificado como um "compositor" de "música". "Rembrandt" está codificado com "holandês" e "pintor". "Picasso" é chamado "o artista".

Cada grande avanço na tecnologia moderna parece estar registado. Os "Irmãos Wright" estão codificados com "avião". "Edison" está codificado tanto com "eletricidade" como com "lâmpada". "Marconi" está codificado com "rádio".

Os dois cientistas que definiram o universo para o mundo moderno, "Newton" e "Einstein", estão ambos codificados na Bíblia, cada um com a sua principal descoberta.

"Newton", que explicou a mecânica do nosso sistema solar, como os planetas são mantidos nos seus lugares pela força da gravidade, surge com "gravidade". Até a própria busca de Newton por um código na Bíblia que revelasse o futuro está codificada na Bíblia. "Código da Bíblia" também aparece com "Newton".

"Einstein" está codificado uma vez. "Profetizaram uma pessoa cerebral" aparece no mesmo local. A palavra "ciência", sobreposta pelas palavras "uma nova e excelente compreensão", cruza-se com o seu nome. E mesmo acima de "Einstein", o texto oculto afirma: "Ele transformou a realidade atual."

A sua "teoria da relatividade" também está codificada. Na verdade, a compreensão total do universo que escapou a Einstein, a Teoria do Campo Unificado, também pode ter sido codificada na Bíblia há 3000 anos. Com o seu nome, na única vez em que aparece, e novamente com a teoria da relatividade, o código dá a mesma pista: "Adiciona uma quinta parte."

Aparentemente, a resposta que Einstein procurava não será encontrada nas nossas três dimensões do espaço, ou na sua quarta dimensão do tempo, mas sim na quinta dimensão que todos os físicos quânticos concordam agora existir.

"Os textos religiosos mais antigos", observou Rips, "também afirmam que existe uma quinta dimensão. Chamam-lhe 'uma profundeza de bem e uma profundeza de mal'."

Céu e Inferno? É o tipo de questão que outrora preocupava o mundo, mas que poucos cientistas, e menos repórteres ainda, levam hoje a sério. Mas o código da Bíblia força-nos a fazer as maiores perguntas.

PROVA ISTO que existe um Deus?

Para Eli Rips, a resposta é sim. "O código da Bíblia é uma prova científica firme", afirma o matemático. Mas Rips já acreditava em Deus antes de encontrar as provas.

Muitos outros dirão também que temos agora a primeira evidência secular da Sua existência. Eu estou convencido apenas de que nenhum ser humano poderia ter codificado la Bíblia desta forma. Temos, sim, a primeira prova científica de que alguma inteligência superior à nossa existe, ou pelo menos existia na altura em que a Bíblia foi escrita.

Não sei se é Deus. Apenas sei que nenhum ser humano poderia ter codificado a Bíblia há 3000 anos e previsto o futuro com exatidão.

Se o assassinato de Rabin, a Guerra do Golfo e a colisão de um cometa com Júpiter estão todos codificados, e claramente estão, então alguma inteligência muito diferente da nossa o fez.

O código da Bíblia exige que aceitemos aquilo que a própria Bíblia apenas nos pode pedir para acreditar — que não estamos sozinhos.

Mas o código não existe simplesmente para anunciar a existência de quem o codificou. A Bíblia foi codificada para lançar um aviso.

Capítulo Dois

Holocausto Atómico

AS palavras explícitas tanto do Antigo como do Novo Testamento prevêm que a "Batalha Final" começará em Israel, com um ataque à Cidade Santa, Jerusalém, e acabará por envolver o mundo inteiro.

No Apocalipse, é contado desta forma: "Satanás será solto da sua prisão e sairá para enganar as nações que estão nos quatro cantos da Terra, Gogue e Magogue, para as reunir para a batalha. Cercaram o acampamento

do povo de Deus, a cidade que Ele ama. Mas desceu fogo do Céu e devorou-os."

No código da Bíblia, apenas uma capital mundial corresponde tanto a "Guerra Mundial" como a "holocausto atómico" — "Jerusalém".

No dia em que Rabin foi morto, encontrei as palavras "todo o seu povo para a guerra" codificadas na Bíblia. O aviso de guerra total estava oculto na mesma matriz de código que previa o assassinato.

"Todo o seu povo para a guerra" aparecia logo acima de "assassino assassinará", no mesmo local que "Yitzhak Rabin".

Regressei imediatamente a Israel de avião.

O assassinato de Rabin mudou tudo. Foi o primeiro momento em que o código da Bíblia me pareceu inteiramente real, o momento em que o que estava codificado se tornou um facto de vida ou de morte. E agora o código avisava que o país inteiro estava em perigo.

Enquanto Israel chorava Rabin, trabalhei com Eli Rips na sua casa nos arredores de Jerusalém. Tentámos descodificar os detalhes da nova previsão — "todo o seu povo para a guerra".

Rips e eu pesquisámos o código da Bíblia à procura de sinais de um conflito catastrófico. Ainda não sabíamos que o código alertava para um ataque atómico contra Jerusalém. Ainda não tínhamos encontrado "Guerra Mundial".

Mas, na primeira execução do computador, encontrámos as palavras "Holocausto de Israel". O "holocausto" estava codificado uma única vez, começando num versículo do Génesis onde o patriarca Jacob diz aos seus filhos o que acontecerá a Israel no "Fim dos Dias".

"A primeira questão é quando", disse Rips, e verificou imediatamente os cinco anos seguintes, cada ano no resto do século. De repente, empalideceu e mostrou-me os resultados.

O atual ano hebraico, 5756 — o final de 1995 e a maior parte de 1996 no calendário moderno — aparecia no mesmo local que o novo "holocausto" previsto.

Era uma tabela nitidamente assustadora. O ano unia-se de facto a "Holocausto de Israel". Era uma correspondência perfeita. "5756" estava soletrado num versículo da Bíblia onde o "holocausto" estava codificado.

O ano 2000, 5760 no calendário antigo, também era uma correspondência muito boa. Mas o último ano do século parecia distante naquele momento. Na segunda semana de novembro de 1995, nos dias que se seguiram ao assassinato de Rabin, o facto esmagador era a clara codificação do "holocausto" com o ano corrente.

"Quais são as probabilidades?", perguntei a Rips. "Uma em mil", disse ele.

"O que poderia causar um holocausto no Israel moderno?", perguntei. A única coisa que conseguíamos imaginar era um ataque nuclear. Encontrámo-lo agora codificado na Bíblia, uma declaração surpreendente de um perigo moderno no texto antigo — "holocausto atómico".

"Holocausto atómico" aparecia apenas uma vez. Três anos nos cinco seguintes estavam codificados no mesmo lugar — 1996, 1997 e o ano 2000. Mas, mais uma vez, o ano que nos chamou a atenção foi o ano corrente, 5756. "Em 5756" estava codificado logo abaixo de "holocausto atómico".

"Quais são as probabilidades de isso acontecer duas vezes por acaso?", perguntei. "Mil vezes mil", disse Rips.

Havia indícios de perigo ao longo de todo o resto do século e mais além. Se o código da Bíblia estivesse correto, Israel estaria num perigo sem precedentes durante pelo menos cinco anos.

Mas apenas um outro ano estava tão claramente codificado com "holocausto atómico" como 1996 — 1945, o ano de Hiroxima.

Olhámos novamente para a frase "todo o seu povo para a guerra", a afirmação que surgia com o assassinato de Rabin. As mesmas palavras — "todo o seu povo para a guerra" — também estavam codificadas com "holocausto atómico". Na verdade, essas palavras apareciam três vezes no texto explícito da Bíblia e estavam codificadas duas vezes com "holocausto atómico".

Rips calculou novamente as probabilidades. Mais uma vez, eram de pelo menos mil para um.

Perguntei a Rips quão provável era que cada elemento do perigo previsto — a guerra, o holocausto, o ataque atómico — estivesse codificado contra probabilidades tão elevadas. "Não temos forma de o calcular", disse Rips. "Mas está na ordem de muitos milhões para um."

O CÓDIGO da Bíblia parecia estar a prever um novo holocausto, a destruição de um país inteiro. Se uma guerra nuclear eclodisse no Médio Oriente, quase de certeza que desencadearia um conflito global, talvez uma Guerra Mundial.

E os acontecimentos previstos estavam realmente a acontecer como profetizado. Um Primeiro-Ministro já estava morto. Eu não podia simplesmente esperar para ver se a previsão seguinte também se tornaria realidade.

Tínhamos informações que poderiam ter salvado Rabin, mas não conseguimos evitar o seu homicídio. Agora tínhamos informações que poderiam evitar uma guerra. Era, para mim, uma situação verdadeiramente bizarra. Tinha tropeçado por acaso num código na Bíblia que claramente revelava eventos futuros.

Mas eu não era religioso, não acreditava em Deus e tudo aquilo não fazia sentido para mim.

Tinha sido repórter no *Washington Post* e no *Wall Street Journal*, tinha escrito um livro baseado em dez mil documentos, estava habituado a factos concretos nas nossas três dimensões.

Não era um estudioso da Bíblia. Nem sequer falava hebraico, a língua da Bíblia e do código. Tive de o aprender do zero.

Mas tinha encontrado o assassinato de Rabin codificado na Bíblia. Quase mais ninguém sabia sequer que o código existia. Apenas Rips sabia que este também parecia prever um ataque atómico, outro holocausto, talvez uma Guerra Mundial. E ele era um matemático, não um repórter. Não tinha experiência em lidar com líderes governamentais. Não tinha estado disposto a avisar Rabin. Não estava preparado para falar com o novo Primeiro-Ministro, Shimon Peres.

Todos os meus instintos de repórter diziam que este novo perigo não podia ser real. Todos os líderes árabes tinham acabado de ir ao funeral de Rabin. A paz parecia mais segura do que nunca no final de 1995.

"Todo o seu povo para a guerra" parecia uma ameaça muito remota. Não houvera uma guerra real desde que Israel derrotou o Egito e a Síria em 1973. Não houvera nenhuma revolta interna desde que a Intifada terminou com o aperto de mão entre Rabin e Arafat em 1993. Não houvera sequer um grande ataque terrorista em três anos.

Israel estava mais em paz do que alguma vez estivera desde que o Estado moderno foi estabelecido após a Segunda Guerra Mundial.

Um "holocausto atómico" parecia mais do que improvável. Uma "Guerra Mundial" parecia inacreditável. Mas eu também nunca tinha acreditado realmente que Rabin seria morto. Apenas sabia que o seu homicídio estava codificado. E agora Rabin estava morto.

Ele foi morto, exatamente como previsto, em 5756, o ano hebraico que começou em setembro de 1995.

Olhei novamente para os novos impressos do computador. "A próxima guerra" estava codificada uma vez na Bíblia. "Será após a morte do Primeiro-Ministro", afirmava o texto oculto. Os nomes "Yitzhak" e "Rabin" estavam codificados no mesmo versículo.

Estava agora seguro de que o código da Bíblia revelava o futuro. Mas continuava sem saber se todas as previsões se tornavam realidade. E continuava sem saber se o futuro podia ser alterado.

Enquanto permanecia acordado a pensar em como chegaria a Shimon Peres e no que lhe diria, a resposta à questão maior atingiu-me subitamente.

Em hebraico, cada letra do alfabeto é também um número. As datas e os anos podem ser escritos com letras e, no código da Bíblia, aparecem sempre dessa forma. As mesmas letras que soletravam o ano corrente, 5756, também formavam uma pergunta.

As letras que representavam os números 5756, o ano do holocausto previsto, soletravam claramente um desafio para todos nós: "Vais mudá-lo?"

Menos de uma semana após a morte de Rabin, enviei uma carta ao novo Primeiro-Ministro, Shimon Peres, alertando-o para o novo perigo codificado na Bíblia.

A minha carta a Peres afirmava:

"Existe um código oculto na Bíblia que revelou o homicídio de Rabin um ano antes de acontecer.

"Escrevo-lhe agora porque o código da Bíblia indica um novo perigo para Israel — um 'holocausto atómico'.

"A informação sobre a ameaça de 'holocausto atómico' de Israel é detalhada. A origem do perigo é nomeada e está prevista para este ano hebraico, 5756.

"Acredito que o perigo pode ser evitado, se for compreendido. Isto não é religião. A solução é inteiramente secular."

A primeira reação do Primeiro-Ministro foi de incredulidade. "Astrólogos e cartomantes contactam-me a toda a hora com um aviso ou outro", disse Peres ao seu amigo de longa data, um membro proeminente do Partido Trabalhista, Elhanan Yishai, quando este lhe entregou a minha carta a 9 de novembro.

Tinha passado menos de uma semana desde que Rabin fora morto. Peres não tinha tempo para previsões num código da Bíblia.

A assessora de imprensa do Primeiro-Ministro, Eliza Goren, estava igualmente cética. Ela estava ao lado de Rabin quando este foi baleado, tinha visto a carta que eu lhe enviara um ano antes a avisar do assassinato e, mesmo assim, não conseguia acreditar que o código fosse real.

"Somos todos pessoas racionais aqui, Michael", disse ela. "Estamos no século vinte."

Eu sou um repórter, não um adivinho. Não queria fazer previsões. Não queria ser o homem que voava pelo mundo a dizer: "Cuidado com os Idos de Março".

E eu não fazia ideia de se o perigo de um "holocausto atómico" existia fora do código da Bíblia. Mas especialistas americanos em terrorismo nuclear disseram-me que era mais do que plausível. Na verdade, disseram que era quase um milagre que ainda não tivesse acontecido. A antiga União Soviética era um mercado aberto, os Estados árabes radicais eram os compradores mais prováveis e Israel era o alvo óbvio.

"Nunca antes um império se desintegrou estando na posse de 30.000 armas nucleares, 40.000 toneladas de armas químicas, toneladas de

materiais fósseis e dezenas de milhares de cientistas e técnicos que sabem como fabricar estas armas, mas não sabem como ganhar a vida", afirmava um relatório do Senado dos EUA sobre o mercado negro soviético.

Um funcionário russo que investigou o roubo de urânio enriquecido de uma base de submarinos nucleares em Murmansk explicou a situação de forma mais simples: "Até as batatas são muito melhor vigiadas."

Eu não precisava de falar com os especialistas para saber que o perigo era real. Tinha estado em Moscovo em setembro de 1991, escassas semanas após o golpe falhado contra Gorbatchov, quando a União Soviética parecia colapsar da noite para o dia. Tudo estava à venda.

Lembrei-me de me reunir com um grupo de cientistas militares russos, incluindo alguns dos principais especialistas em armas nucleares. Nenhum deles tinha dinheiro para comprar uma camisa decente. Os punhos das suas mangas e os colarinhos estavam todos rasgados e gastos. O cientista mais sénior presente, que tinha projetado um importante sistema de mísseis soviético, chamou-me à parte e ofereceu-se para mo vender. Obviamente, os terroristas árabes não teriam qualquer dificuldade em comprar uma bomba.

O perigo indicado no código da Bíblia poderia ser real. Mas eu não tinha forma de o confirmar, nem forma de o evitar.

Vários dias após o meu regresso aos Estados Unidos, consegui finalmente contactar o vice-chefe da inteligência israelita, o General Jacob Amidror. Esperava que ele, tal como Peres, descartasse o código da Bíblia. As altas patentes do governo israelita eram, na altura, desafiadoramente seculares, e os oficiais militares e das informações eram mais seculares do que ninguém.

Assegurei imediatamente ao General Amidror que se tratava de informações secretas, não de religião. "Não sou religioso", disse-lhe eu. "Sou um repórter de investigação. Para mim, o código da Bíblia é informação, não religião."

"Como pode dizer isso?", respondeu Amidror. "Como pode dizer que não é Deus? Isto foi codificado na Bíblia há 3000 anos."

Afinal, Amidror era religioso. Ele não só aceitava o código como real, como o aceitava como a palavra de Deus. Nas altas patentes quase

totalmente seculares da inteligência israelita, eu tinha chegado ao único homem que não precisava de garantias sobre o código da Bíblia.

Contudo, Amidror disse que não conseguia encontrar evidências do perigo declarado no mundo real. "Se existe um perigo, ele vem do outro reino", disse ele. "Nesse caso, tudo o que podemos fazer é rezar."

LOGO APÓS o dia de Ano Novo de 1996, o principal conselheiro militar de Peres, o General Danny Yatom, ligou-me para Nova Iorque. "O Primeiro-Ministro leu a sua carta e leu a sua carta para Rabin", disse Yatom. "Ele quer reunir-se consigo."

Viajei de volta para Israel e, para me preparar para a reunião com Peres, voltei a trabalhar com Eli Rips.

Reverificámos toda a matemática. Rips digitou "holocausto de Israel" e o atual ano hebraico "5756" no seu computador. Eles coincidiam. As probabilidades eram de uma em mil. Digitou "holocausto atómico" e o ano. Mais uma vez, coincidiam. As probabilidades eram de mais de uma em mil, 8 em 9800.

Quem lançaria um ataque atómico contra Israel? Quem era o inimigo?

A cruzar "holocausto atómico" estavam as palavras "da Líbia". E "Líbia" aparecia mais duas vezes na mesma tabela.

O nome do líder da Líbia, "Kadafi", estava codificado no último livro da Bíblia, num versículo que afirmava: "O Senhor trará contra ti uma nação de longe, que voará como a farsa de uma águia."

E as palavras "artilharia líbia" também estavam codificadas, novamente com o ano corrente, "5756". As probabilidades de a arma estar codificada com o ano eram, uma vez mais, de pelo menos mil para um.

"Artilheiro atómico" também estava codificado na Bíblia, e a localização exata parecia estar indicada. Era "o Pisga", uma cordilheira na Jordânia, as mesmas montanhas que Moisés subiu para ver a Terra Prometida.

Quando verifiquei o texto explícito da Bíblia, o primeiro versículo que mencionava o Pisga também afirmava, quase abertamente: "Arma aqui, neste lugar, camuflada."

Parecia inacreditável que as próprias palavras do Antigo Testamento, escritas há 3000 anos, revelassem a localização de uma arma atómica prestes a ser disparada contra Israel. E, no entanto, se o perigo era real, se um "holocausto de Israel", se um "holocausto atómico" estava iminente, então era perfeitamente lógico.

Se existia realmente um código na Bíblia, se este realmente contava o futuro, então, naturalmente, este preciso momento em que a terra da Bíblia poderia ser obliterada, em que o povo da Bíblia poderia ser exterminado, seria o aviso que estaria mais claramente codificado, suficientemente importante até para ser declarado no texto explícito.

"É muito consistente", disse Rips. "É claramente intencional."

Rips confirmou que o ataque atómico estava claramente codificado, contra probabilidades muito longas, e que matematicamente estava para lá do acaso. No entanto, estava nervoso com a minha reunião com Peres.

"O Todo-Poderoso pode ter guardado o futuro dos olhos de qualquer pessoa que não estivesse destinada a vê-lo", disse Rips.

A 26 de janeiro de 1996, reuni-me com Shimon Peres no gabinete do Primeiro-Ministro em Jerusalém e alertei-o para o ataque atómico codificado.

Na nossa reunião, o Primeiro-Ministro fez apenas uma pergunta: "Se está previsto, o que podemos fazer?"

"É um aviso, não uma previsão", respondi eu. Disse-lhe que acreditava que a Bíblia codifica probabilidades, que nada estava pré-determinado. "O que nós fazemos determina o resultado", disse eu.

Entreguei a Peres dois impressos de computador do código da Bíblia. Um mostrava as palavras "holocausto de Israel" codificadas com o atual ano hebraico, 5756. No outro, surgiam as palavras "holocausto atómico", novamente com o ano corrente. Disse-lhe que as probabilidades de isso acontecer por acaso eram de pelo menos 1000 para 1.

Peres interrompeu: "Uma em mil de que vai acontecer?"

Ninguém conseguia indicar as probabilidades de o holocausto realmente acontecer, expliquei eu. Ninguém compreendia ainda o código suficientemente bem para fazer isso. Mas as probabilidades contra o ano de

1996 coincidir duas vezes com o perigo no código eram de pelo menos 1000 para 1. Matematicamente, estava além do acaso.

"Se o código da Bíblia estiver correto, Israel estará em perigo durante o resto deste século, pelos próximos cinco anos", disse eu ao Primeiro-Ministro. "Mas este ano pode ser crítico."

A origem do perigo parecia ser a Líbia. Mostrei a Peres que no código "Líbia" cruzava "holocausto atómico".

"Não sei se isso significa que um ataque será lançado a partir da Líbia ou de outro local por terroristas apoiados pela Líbia", disse eu. "O meu próprio palpite é que Kadafi comprará um dispositivo atómico de uma das antigas repúblicas soviéticas e que os terroristas o usarão contra Israel."

Peres absorveu tudo em silêncio. Ficou claro que ele tinha lido cuidadosamente a minha carta e que não se tinha esquecido da carta que enviei a Rabin um ano antes do assassinato.

Não fez perguntas filosóficas profundas sobre o código da Bíblia. Nunca mencionou Deus. Não perguntou se o seu próprio nome estava codificado, uma pergunta natural após a morte de Rabin. Tinha apenas uma coisa em mente: o perigo declarado para Israel.

Não parecia surpreendido com a ameaça de um ataque atómico. Peres estivera encarregue de criar as próprias armas nucleares de Israel numa base militar ultrassecreta em Dimona. Sabia com que facilidade um dispositivo nuclear podia ser convertido para uso terrorista.

"Não sei se Israel está em algum perigo real", disse eu ao Primeiro-Ministro antes de partir. "Apenas sei que está codificado na Bíblia."

No dia seguinte, 27 de janeiro de 1996, o líder da Líbia, Muammar Kadafi, fez uma rara declaração pública. Apelou a todos os países árabes para que adquirissem armas nucleares.

"Os árabes, que estão ameaçados por Israel, têm o direito de comprar armas nucleares de qualquer forma possível", disse ele.

Quando Kadafi emitiu a sua declaração, eu estava no topo do Monte Nebo, na Jordânia, o cume das montanhas de Pisga que Moisés subiu para ver a Terra Prometida, a cordilheira acima do Mar Morto que o código da Bíblia identificava como o local de lançamento para um ataque atómico.

Parecia haver uma afirmação quase aberta no código da Bíblia de que a arma estava aqui. "Sob as encostas do Pisga" cruzava "artilheiro atómico". E a linha logo acima era como o X num mapa.

Ali, o versículo original da Bíblia dizia: "A fim de que prolongues os teus dias na Terra."

Era uma passagem curiosa para cruzar com "artilharia atómica", e o mesmo versículo também cruzava com "holocausto atómico". Parecia oferecer esperança de que o ataque pudesse ser evitado. Uma mensagem oculta nesse versículo da Bíblia dizia como.

Em hebraico, as mesmas letras que soletram "a fim de que prolongues" também soletram as palavras "endereço" e "data". O endereço era claro. Era a cordilheira na Jordânia, "o Pisga", a localização da arma atómica que aparecia logo abaixo de "endereço".

Mas não conseguimos encontrar la data. Sabíamos onde procurar, mas não quando.

Ainda assim, fui até lá, e era aí que eu estava quando Kadafi fez a sua ameaça, no dia seguinte à minha reunião com Peres.

Havia três milhas de colinas estéreis e vales desérticos "sob as encostas do Pisga", qualquer um dos quais poderia ocultar uma peça de artilharia ou um lançador de mísseis. Especialistas em terrorismo nuclear nos EUA tinham-me dito que um projétil de artilharia atómica podia ser carregado numa mochila por um homem forte, ou facilmente por dois homens. E havia milhares de projéteis de artilharia atómica espalhados por toda a antiga União Soviética, cada um deles capaz de destruir uma cidade inteira.

Era misterioso estar ali de pé, onde Moisés poderia ter estado, e olhar através do Mar Morto para Israel, perfeitamente visível do outro lado da água, sabendo que algures nas colinas e vales circundantes terroristas líbios poderiam estar a preparar-se para lançar uma ogiva nuclear contra Telavive ou Jerusalém.

Regressei a Jerusalém um dia mais tarde para me reunir com Danny Yatom, o General que marcou o meu encontro com Peres e que estava prestes a ser nomeado chefe da famosa agência de inteligência de Israel, a Mossad.

Yatom tinha acabado de regressar das conversações de paz falhadas com a Síria em Washington, mas já tinha falado com Peres sobre a nossa reunião.

"Ele levou isto a sério?", perguntei a Yatom.

"Ele reuniu-se consigo", disse o General.

Discutimos em maior detalhe o perigo de um "holocausto atómico" codificado na Bíblia. Yatom queria saber quando e onde. Disse-lhe o que estava indicado, mas acrescentei: "O local, a data podem ser apenas probabilidades. Podemos estar errados sobre cada detalhe, mas certos sobre o perigo geral."

Yatom fez-me a mesma pergunta que Peres tinha feito: "Se está codificado, o que podemos fazer?"

"Não se pode impedir um cometa de atingir Júpiter", disse eu. "Mas pode certamente impedir a Líbia de atacar Israel."

Três dias depois, num discurso em Jerusalém, Peres disse pela primeira vez em público que o maior perigo que o mundo enfrentava era que as armas nucleares "caíssem nas mãos de países irresponsáveis e fossem carregadas aos ombros de fanáticos".

Era uma reafirmação clara do aviso no código da Bíblia — de que Kadafi compraria um dispositivo atómico e que terroristas apoiados pela Líbia o usariam contra Israel.

Mas se o código da Bíblia estava certo, Peres estava errado. Não era o maior perigo que o mundo enfrentava.

"Se isto for minimamente real", disse eu ao General Yatom, "é o início do perigo, não o fim."

Capítulo Três

Todo o Seu Povo Para a Guerra

NA manhã de domingo, 25 de fevereiro de 1996, Israel foi atingido pelo pior ataque terrorista em três anos. Um bombista suicida palestiniano fez explodir um autocarro na hora de ponta em Jerusalém, matando 23 pessoas.

Nos nove dias seguintes, mais dois atentados bombistas em Jerusalém e Telavive elevaram o número de mortos para 61, despedaçaram a paz no Médio Oriente e mergulharam Israel de volta num estado de guerra.

Eu sabia o dia em que a vaga de terror começaria desde o dia em que Rabin morreu. Logo acima de "assassino assassinará" havia uma segunda previsão: "todo o seu povo para a guerra".

Essas mesmas palavras apareciam mais duas vezes na Bíblia, ambas as vezes com uma data: "A partir de 5 de Adar, todo o seu povo para a guerra." O dia 5 de Adar correspondia à mesma data no antigo calendário hebraico que 25 de fevereiro de 1996.

O aviso sinistro do código da Bíblia — "todo o seu povo para a guerra" — tinha-se concretizado no dia exato previsto pelo código.

Mais uma vez, tal como quando Rabin foi morto, fiquei abalado. Os atentados abalaram-me, na verdade, menos do que a nova prova de que o código da Bíblia era real.

Quatro meses antes, quando Israel estava em paz, quando a paz parecia tão segura que os líderes do mundo árabe foram ao funeral de Rabin, o código da Bíblia tinha previsto que no final de fevereiro Israel estaria em guerra.

Um mês antes, quando me reuni com o Primeiro-Ministro Peres, essa previsão ainda parecia tão improvável que tive receio de lha contar e minar o meu aviso de um "holocausto atómico".

E agora, no próprio dia em que a Bíblia tinha previsto há 3000 anos, a guerra tinha começado, e o próprio Peres declarou que Israel estava em guerra, "uma guerra em todos os sentidos da palavra".

Era uma confirmação arrepiante da exatidão do código da Bíblia, e todos os detalhes dos três ataques suicidas também estavam codificados.

"Autocarro", "Jerusalém" e "atentado" apareciam todos juntos. Até a rua onde os terroristas palestinianos fizeram explodir autocarros por duas

vezes, em dois domingos seguidos, estava nomeada na Bíblia — "Jaffa Road". O mês e o ano, "Adar 5756", a data hebraica equivalente a fevereiro e março de 1996, estava codificada com a localização exata dos ataques e a palavra "terror".

De facto, no texto oculto da Bíblia onde "autocarro" está codificado, havia uma descrição completa dos ataques matinais: "fogo, grande estrondo, acordaram cedo, e viajarão, e haverá terror."

O último ataque terrorista, um atentado suicida no coração de Telavive que elevou o número de mortos para 61, a 4 de março de 1996, também estava detalhado no código da Bíblia.

O nome do centro comercial, "Dizengoff", surge com "Telavive" e "terrorista". "Atentado terrorista" e "Telavive" também estavam codificados juntos. O nome do grupo terrorista por trás dos ataques estava codificado na Bíblia com a arma — "bomba do Hamas" — e a atravessá-lo estava o ano, "5756".

A carnificina em Jerusalém e Telavive, a imagem horrível dia após dia de corpos despedaçados, dividiu Israel ao meio, dividiu os árabes e os judeus e trouxe um fim súbito e sangrento a uma paz que parecia tão certa. Metal retorcido e carne rasgada substituíram a imagem do famoso aperto de mão entre o agora assassinado Primeiro-Ministro israelita Rabin e o líder palestiniano Arafat.

Quando Rabin foi morto, houve apenas o choque da sua morte e da realidade do código da Bíblia. Quando os atentados começaram na data exata que o código previra, o choque foi maior. Porque eu sabia agora que o código também previa um "holocausto atómico", um "holocausto de Israel", uma "Guerra Mundial".

E o aviso sinistro — "todo o seu povo para a guerra" — que estava codificado com o assassinato de Rabin, o aviso que previu com tanta precisão a data exata em que a nova vaga de terrorismo começaria, também previa um perigo muito maior. Por duas vezes, essas mesmas palavras — "todo o seu povo para a guerra" — apareciam no código da Bíblia com "holocausto atómico".

NO ÚLTIMO dia de abril de 1996, após o Primeiro-Ministro Peres se ter reunido com o Presidente Clinton, reuni-me novamente com o General Danny Yatom na Embaixada de Israel em Washington. Yatom tinha

acabado de ser nomeado chefe da Mossad, a agência de inteligência secreta de Israel.

Ele saiu de uma receção diplomática para se encontrar comigo. Ficámos sozinhos do lado de fora do portão da Embaixada, afastados da multidão de dignitários no pátio. Em todo o perímetro, legiões de polícias, agentes do Serviço Secreto com miras de visão noturna e seguranças israelitas com cães de guarda patrulhavam a zona.

Entreguei a Yatom um mapa do antigo Israel, destacando a montanha onde Moisés esteve na Jordânia para ver la Terra Prometida.

"Se existe uma zona de preparação que parece mais provável para um ataque atómico contra Israel, é esta", disse-lhe eu.

Yatom abriu o envelope. "Se o perigo for minimamente real, pode ser imediato", disse eu. "Está indicado 6 de maio, à noite."

Na verdade, ainda não tínhamos conseguido encontrar nenhuma data claramente codificada. "6 de maio" estava indicado, mas a combinação de letras que o soletrava em hebraico surgia tantas vezes na Bíblia que não tinha um significado claro. Matematicamente, não tinha significado.

Ainda assim, era a única data aparente, e faltava apenas uma semana.

"Não sei se essa data tem algum significado real", disse eu a Yatom. "Mas o código da Bíblia previu a data exata do primeiro atentado ao autocarro. Pode ter apenas uma semana para verificar isto."

O dia 6 de maio chegou e passou sem incidentes. Yatom não encontrou nenhuma arma. Israel não foi atacado.

Mas, precisamente quando eu estava pronto para duvidar do código da Bíblia, ele mais uma vez se concretizou.

Uma semana antes das históricas eleições de 29 de maio de 1996 em Israel — uma votação que decidiria se o país daria continuidade à paz selada pelo aperto de mão entre Rabin e Arafat —, encontrei o resultado previsto no código da Bíblia.

"Primeiro-Ministro Netanyahu" estava codificado no Antigo Testamento, e a palavra "eleito" cruzava o seu nome. Na mesma linha, no mesmo versículo da Bíblia, estava a sua alcunha, "Bibi".

Eu não acreditava que isso fosse acontecer. Benjamin Netanyahu era o opositor declarado do plano de paz. Shimon Peres era o seu arquiteto e o herdeiro legítimo de Yitzhak Rabin. Eu estava seguro de que Israel não voltaria atrás, mesmo após a vaga de atentados terroristas.

Tinha a certeza de que Peres seria reeleito. Todas as sondagens concordavam. Ninguém esperava que Netanyahu ganhasse.

No dia anterior à votação, liguei para Eli Rips e disse-lhe que tinha encontrado "Primeiro-Ministro Netanyahu" codificado na Bíblia. Foi Rips quem descobriu que "eleito" corria transversalmente ao seu nome. Estatisticamente, estava além do acaso. As probabilidades eram superiores a 200 para 1.

Se Netanyahu ganhasse, o código da Bíblia parecia prever que ele morreria em breve. "Certamente ele será morto" corria mesmo em cima de "Primeiro-Ministro Netanyahu" na Bíblia. Na linha seguinte, cruzando novamente o seu nome, estava a ameaça bíblica de morte prematura: "a sua alma será ceifada". É a frase utilizada especificamente para descrever a morte de um homem antes de atingir os 50 anos. Netanyahu tinha 46.

A sua morte não estava tão claramente prevista como a de Rabin. As probabilidades de estar codificada com o seu nome eram de 100 para 1. O assassinato de Rabin estava codificado contra probabilidades de 3000 para 1.

Mas havia morte por toda a tabela que previa a eleição de Netanyahu. "Assassinado" aparecia duas vezes. O código também parecia indicar que ele poderia morrer numa guerra. O texto oculto completo que previa a sua morte dizia: "a sua alma será ceifada numa batalha."

A nota que escrevi para mim próprio no dia anterior às eleições dizia: "Se me guiasse apenas pelo código da Bíblia, teria de dizer que Netanyahu, se for eleito, não viverá até ao fim do seu mandato."

Mas eu não estava preocupado. Não acreditava que o código da Bíblia pudesse estar certo desta vez. Não acreditava que Netanyahu fosse morrer. Tinha a certeza de que Netanyahu nem sequer ganharia as eleições.

A 29 de maio de 1996, tal como o código da Bíblia tinha previsto, Benjamin Netanyahu foi eleito Primeiro-Ministro de Israel.

A votação foi tão renhida — 50,4 contra 49,6 por cento — que o resultado só foi seguro dois dias após as eleições. Foi um empate técnico finalmente determinado pelos votos por correspondência. E, no entanto, estava codificado na Bíblia há 3000 anos.

A Casa Branca, a OLP, os sondadores e toda a imprensa israelita foram apanhados de surpresa. Ninguém esperava que Netanyahu ganhasse. Como todos os outros, fui dormir na noite das eleições a pensar que Peres tinha ganho e acordei para descobrir que Netanyahu era o novo Primeiro-Ministro.

Mais uma vez, fiquei chocado. Tive a mesma sensação de horror que senti quando Rabin foi assassinado e quando a vaga de terror começou na data prevista. A grande surpresa não foi a vitória inesperada de Netanyahu sobre Peres, mas o facto de ter sido prevista há 3000 anos.

Mais uma vez, o código da Bíblia estava certo e eu estava errado. Não estava apenas a confirmar os meus próprios instintos ou a prever o óbvio. Estava, em vez disso, a revelar consistentemente e com antecedência coisas que ninguém esperava que acontecessem.

O perigo de um "holocausto atómico" pareceu subitamente muito real de novo. Não era apenas porque o próprio código da Bíblia parecia real outra vez, mas também porque "Netanyahu" estava codificado com todo o desenrolar de eventos que conduziram ao horror, começando com o assassinato de Rabin e terminando num ataque atómico. Era como se as peças de um quebra-cabeças se estivessem a juntar, completando lenta e inexoravelmente alguma imagem horrível.

"NETANYAHU" encaixava-se no seu lugar mesmo entre "Yitzhak Rabin" e o seu assassino "Amir", logo acima das palavras que eu tinha encontrado no dia em que Rabin foi baleado: "Todo o seu povo para a guerra."

E vi agora que a cruzar o nome "Amir" estavam as palavras "ele mudou a nação, ele os tornará maus". Era como se o atirador enlouquecido tivesse substituído o pacificador Rabin pelo homem que iria agora liderar "todo o seu povo para la guerra", Netanyahu.

E com "Netanyahu" surgiam palavras de terror bíblico — "para o grande horror, Netanyahu". Essas mesmas palavras, que sugerem um evento tão terrível que não tem equivalente fora da escala cósmica da

Bíblia, aparecem novamente com a previsão da sua eleição, a única vez que "Primeiro-Ministro Netanyahu" está codificado.

E as mesmas palavras — "para o grande horror, Netanyahu" — apareciam uma terceira vez. Estavam codificadas com "holocausto atómico".

No dia seguinte ao discurso de vitória do novo Primeiro-Ministro, liguei para o seu pai em Jerusalém. Ben-Zion Netanyahu é um dos conselheiros mais próximos do seu filho, o patriarca de uma antiga família sionista cujo próprio pai, ao chegar a Israel, mudou o apelido da família para uma palavra que em hebraico significa "dado por Deus". O Professor Netanyahu é um estudioso da Inquisição, das origens antigas do ataque aos judeus que conduziu ao Holocausto de Hitler.

Bibi reúne-se com ele todos os sábados. Mas quando Ben-Zion Netanyahu recebeu a minha carta na manhã de sexta-feira, não esperou. Entregou-a ao Primeiro-Ministro no próprio dia. A minha carta afirmava:

"Pedi ao seu pai para lhe entregar esta carta, porque disponho de informações que sugerem uma ameaça a Israel que o senhor deve compreender pessoalmente para poder confrontar.

"A ameaça é revelada por um código oculto na Bíblia que predisse com exatidão eventos que aconteceram milhares de anos após a Bíblia ter sido escrita.

"Predisse o assassinato de Rabin, predisse a data exata em que os atentados terroristas deste ano começariam e também predisse a sua eleição.

"Agora, avisa sobre um 'holocausto atómico'.

"Não sei se Israel está realmente em perigo. Apenas sei que o perigo está codificado na Bíblia.

"Levo isto a sério porque previu que Rabin morreria em 5756, que os terroristas atacariam a 25 de fevereiro e que o senhor seria Primeiro-Ministro.

"Se a ameaça de um 'holocausto atómico' também for real, poderá haver apenas um curto espaço de tempo para a evitar. Encontrámos novas informações que podem revelar uma data."

TÍNHAMOS finalmente encontrado o dia em que Israel poderia ser atacado — o último dia do ano hebraico de 5756, 13 de setembro de 1996.

"Holocausto de Israel" estava codificado com "29 de Elul" — a data no antigo calendário hebraico equivalente a 13 de setembro. "Arma atómica" também estava codificada com "29 de Elul".

Faziam exatamente três anos desde o dia do famoso aperto de mão entre Yitzhak Rabin e Yasser Arafat no relvado da Casa Branca. Se 13 de setembro de 1993 foi o início da paz após 4000 anos de guerra entre árabes e judeus, então 13 de setembro de 1996 poderia ser o golpe horrível final nessa batalha interminável.

Seis semanas antes da data prevista para o "holocausto atómico", viajei de volta para Israel. Ainda não tinha sido marcada nenhuma reunião com o novo Primeiro-Ministro. Em Israel, fui primeiro ver Eli Rips. O pai do Primeiro-Ministro já lhe tinha ligado e, enquanto eu estava lá, Rips retribuiu a chamada telefónica de Ben-Zion Netanyahu.

O matemático disse-lhe que o código da Bíblia parecia, de facto, indicar que Israel enfrentava um ataque atómico. Disse que estava claramente codificado contra probabilidades muito elevadas. Mas também disse que ninguém sabia se existia algum perigo real.

"Existe um código na Bíblia", disse Rips. "Mas não sabemos se é sempre preditivo."

"As palavras 'holocausto atómico' e 'holocausto de Israel' aparecem, de facto, com o ano corrente", acrescentou. "Mas ninguém sabe se isso significa que o perigo é imediato, ou inevitável, ou se existe sequer algum perigo real."

"O que é claro", disse Rips ao pai do Primeiro-Ministro, "é que as palavras que indicam o perigo estão codificadas intencionalmente."

"Ele vai reunir-se consigo", disse Rips ao desligar o telefone. "Ele expressou espanto, mas disse que se reuniria consigo."

"SE ISTO for real, então passarei a acreditar em Deus, não apenas em Deus, mas no Deus de Israel, e terei de me tornar religioso", disse Ben-Zion Netanyahu quando entrei na sua sala de estar.

Era uma afirmação de peso para aquele sionista desafiadoramente secular, um dos judeus que confiavam em armas, e não em Deus, para criar a nova nação após a Segunda Guerra Mundial. Disse-lhe que eu não acreditava em Deus e que não era religioso.

"Como pode dizer isso?", instou Netanyahu. "Tem de ser sobrenatural. Nenhum homem fez isto. Se existe um código na Bíblia, então ele tem 2000 ou 3000 anos. E revela o que acontece agora. Se for real, Deus existe."

"Então, por que me veio ver?", perguntou ele, sem fazer uma pausa.

"Porque o código da Bíblia indica que Israel está num perigo sem precedentes, e o Primeiro-Ministro precisa de saber", respondi.

"O Primeiro-Ministro já sabe disso", disse ele. "Eu sei disso. Não precisamos de um código na Bíblia para nos dizer isso."

"Mas o código afirma que Israel enfrenta um 'holocausto atómico', possivelmente este ano", disse eu.

Mostrei-lhe os impressos do código da Bíblia. A previsão do assassinato de Rabin. A previsão da eleição do seu filho. As duas previsões de um "holocausto de Israel" e de um "holocausto atómico".

"Se isto está realmente codificado, então foi codificado por um ser sobrenatural tão mais avançado do que nós, que nós somos formigas. Como podemos impedi-lo?", perguntou Netanyahu.

Netanyahu e Rips, na verdade todas as pessoas com quem me reuni, pareciam assumir que, se o código era real, tinha de vir de Deus. Eu não.

Eu conseguia perfeitamente acreditar que vinha de alguém bom, que queria salvar-nos, mas que não era o nosso Criador. Claramente, não era alguém omnipotente, caso contrário simplesmente impediria o perigo, em vez de codificar um aviso.

Tudo o que disse ao pai do Primeiro-Ministro, contudo, foi que nada estava pré-determinado, que aquilo que nós fizéssemos decidiria o resultado.

"Vou falar com o meu filho", disse Netanyahu. "Vou tentar marcar uma reunião."

ENQUANTO esperava por uma resposta do Primeiro-Ministro, analisei as evidências no código da Bíblia de que Israel estava em perigo.

A única codificação de "a próxima guerra" captou novamente a minha atenção. Quando a encontrei pela primeira vez, parecera uma confirmação clara de uma ligação entre o assassinato de Rabin e a ameaça de holocausto atómico.

Mesmo acima de "a próxima guerra", o texto oculto da Bíblia afirmava: "Será após a morte do Primeiro-Ministro." No mesmo versículo, os nomes "Yitzhak" e "Rabin" também estavam codificados.

Mas agora, ao olhar de novo, vi que o mesmo texto oculto fazia uma segunda previsão — "outro morrerá".

Era uma confirmação impressionante de que Netanyahu também poderia estar em perigo, e ligava a sua morte prevista a "a próxima guerra".

Voltei a ver o seu pai para lhe dizer a única coisa que tinha omitido na nossa primeira reunião: o mesmo código que previra a eleição do seu filho também parecia prever que ele morreria no cargo.

Ben-Zion Netanyahu já tinha perdido um filho. O irmão do Primeiro-Ministro, Jonathan, fora morto enquanto liderava o famoso raide de comandos a Entebbe, que libertou centenas de reféns a 4 de julho de 1976. Em Israel, ele era um herói nacional.

Eu não queria dizer ao velho Netanyahu que o seu outro filho estava agora em perigo. Mas se alguém conseguia chegar à fala com o Primeiro-Ministro, era aquele idoso a quem eu mostrava agora o novo conjunto de impressos do código da Bíblia.

"Primeiro-Ministro Netanyahu" estava codificado uma vez na Bíblia. A palavra "eleito" cruzava o seu nome. "Encontrámos isto uma semana antes de o seu filho ser eleito", disse eu.

Mostrei-lhe um segundo impresso. A palavra "Cairo" aparecia com "Primeiro-Ministro Netanyahu". Foi a primeira capital árabe que ele visitou. O terceiro impresso mostrava as palavras "para Amã", novamente no mesmo local que "Primeiro-Ministro Netanyahu". A sua viagem à capital da Jordânia estava marcada para a semana seguinte.

"As primeiras três previsões já se concretizaram", disse eu. "Penso que devemos levar a quarta previsão também a sério."

Entreguei ao pai do Primeiro-Ministro o quarto impresso. As palavras "certamente ele será morto" cruzavam "Primeiro-Ministro Netanyahu".

O código fazia parecer inevitável. Assegurei ao velho Netanyahu que era apenas uma probabilidade, não um facto determinado.

Ele pediu para ver novamente a previsão do assassinato de Rabin e olhou para ela em silêncio por um momento. E disse novamente que falaria com o seu filho.

"Vi o meu filho esta noite", disse-me Ben-Zion Netanyahu no dia anterior à data programada para a minha partida de Israel. "Ele não se quer reunir."

"O Bibi não é um místico, é muito prático, muito obstinado, e simplesmente não acredita nisto", disse o seu pai.

Era assustadoramente semelhante às palavras que o amigo de Rabin usara quando tentei alertá-lo para o assassinato previsto: "Ele não vai acreditar em si. Ele não é de todo um místico. E é um fatalista."

E agora Rabin estava morto.

Voei de regresso a Nova Iorque e enviei uma última carta ao Primeiro-Ministro Netanyahu. Ele recebeu-a mesmo antes do Ano Novo hebraico. A minha carta afirmava: "De acordo com o código, Israel estará em perigo durante os próximos quatro anos, mas este ano pode ser crítico, e os dias imediatamente anteriores ao *Rosh Hashanah* podem ser o momento."

A contagem decrescente final começava agora. O código da Bíblia tinha provado mais uma vez ser real, prevendo com exatidão uma eleição israelita que todas as sondagens tinham falhado, tal como tinha previsto com exatidão o dia em que uma vaga de terror começaria, tal como tinha previsto com exatidão o ano em que Rabin seria morto.

Mas, à medida que se aproximava o dia 13 de setembro de 1996, o dia do holocausto previsto, o novo Primeiro-Ministro recusava-se a atender ao aviso.

Faziam três anos desde o dia do aperto de mão entre Rabin e Arafat. Rabin estava agora morto, como o código da Bíblia previra. A paz estava agora morta, como o código da Bíblia previra. Peres, o arquiteto da paz, tinha sido substituído por Netanyahu, o opositor da paz, como o código da Bíblia previra.

Tudo o que fora declarado para 5756, o ano do "holocausto atómico" previsto, se tinha concretizado.

À medida que o ano chegava ao fim, eu não conseguia esquecer a pergunta soletrada pelas letras hebraicas que também designavam o ano, o desafio aparentemente dirigido a nós agora: "Vais mudá-lo?"

E depois descobri que 5756 também estava codificado com o "Fim dos Dias".

Capítulo Quatro

O Livro Selado

OS DOIS grandes Apocalipses bíblicos, o Livro de Daniel no Antigo Testamento e o Livro do Apocalipse no Novo Testamento, são previsões de um horror sem precedentes, a ser totalmente revelado quando um livro secreto for aberto no "Fim dos Dias".

No Apocalipse, é o livro selado por "sete selos" que só pode ser aberto pelo Messias: "E vi na mão direita daquele que estava assentado sobre o trono um livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos. E ninguém no Céu, nem na Terra, nem debaixo da Terra, podia abrir o livro, nem olhar para ele."

Em Daniel, que é a versão original da mesma história, um anjo revela o futuro supremo ao profeta hebreu e depois diz-lhe: "Mas tu, ó Daniel, encerra as palavras e sela o livro, até ao tempo do Fim."

Foram estes dois versículos que levaram Isaac Newton a procurar um código na Bíblia.

O Fim é vaticinado quatro vezes nos cinco livros originais. Verifiquei o primeiro, onde o patriarca Jacob diz aos seus doze filhos "o que vos sucederá no Fim dos Dias".

No código da Bíblia, "5756" aparecia no mesmo lugar. "Em 5756" corria precisamente a cruzar "no Fim dos Dias". É o ano no antigo calendário hebraico que começou em setembro de 1995 e terminou em setembro de 1996. Nenhum outro ano nos dez seguintes coincidia. As probabilidades de o ano corrente estar codificado com o "Fim dos Dias" por acaso eram de 100 para 1.

Eu não conseguia acreditar que o Apocalipse começasse agora.

Verifiquei a segunda menção ao Tempo do Fim na Bíblia. Aqui, Moisés diz ao povo de Israel "todas as coisas que te sucederão no Fim dos Dias". Estava codificada com o assassinato de Rabin.

Verifiquei a terceira. Pouco antes de Moisés morrer, no seu discurso final aos antigos israelitas, ele avisou novamente que "o mal vos sucederá no Fim dos Dias". Isso também estava codificado com o assassinato de Rabin.

Verifiquei a quarta, onde o misterioso feiticeiro Balaão diz a um antigo inimigo de Israel "o que este povo fará ao teu povo no Fim dos Dias".

A sua visão apocalíptica tinha um eco assustador de realidade. Predizia uma grande batalha no Médio Oriente, uma futura guerra entre Israel e os árabes, um conflito terrível que traria a muitas nações "a ruína perpétua".

"Vê-lo-ei, mas não agora", disse Balaão há 3000 anos. "Contemplá-lo-ei, mas não de perto."

No código da Bíblia, essa previsão do "Fim dos Dias" coincidia com "holocausto atómico" e "Guerra Mundial".

HAVIA uma outra forma em que o "Fim dos Dias" era vaticinado na Bíblia. Estava nas primeiríssimas palavras do final do Livro de Daniel, logo após o anjo se recusar a contar ao profeta os detalhes de um Apocalipse que ele diz que durará três anos e meio.

"Vai, Daniel, porque estas palavras estão encerradas e seladas até ao tempo do Fim", diz o anjo. "Tu te levantarás para a tua herança no Fim dos Dias."

Verifiquei esta expressão bíblica final do Tempo do Fim no código da Bíblia. Também coincidia com o ano corrente, 1996. As probabilidades de "em 5756" e "Fim dos Dias" aparecerem novamente juntos por acaso eram superiores a 200 para 1.

Fiz uma execução de computador cobrindo mais de cem anos. Nenhum outro ano no próximo século coincidia com ambas as profecias bíblicas do "Fim dos Dias".

O código da Bíblia afirmava claramente que o Fim começava agora — que o ano corrente, o ano que no calendário moderno começou no final de 1995 e terminou no final de 1996, era o início do Apocalipse há muito profetizado.

Mas o código não dizia quando terminaria o "Fim dos Dias".

Olhei novamente para o último capítulo de Daniel, onde o livro secreto é selado. Ali é declarado que o "livro selado" revelará os detalhes de um horror maior do que o mundo alguma vez viu: "E haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação."

O código da Bíblia parecia de facto ser um aviso da catástrofe final. Não era claro quando aconteceria, mas o código parecia afirmar que haveria uma terceira "Guerra Mundial", um "holocausto atómico", o verdadeiro Armagedão.

Durante mais de quatro anos eu tinha estado a investigar o código da Bíblia e, desde o início, sabia que ambas as principais previsões do Tempo do Fim diziam que este seria totalmente revelado quando um livro secreto fosse aberto.

Mas até este momento, nunca tinha percebido que o código da Bíblia poderia ser o livro secreto. No entanto, se o código da Bíblia era real, só poderia ter um propósito — alertar o mundo para um perigo sem precedentes. Nada menos do que isso poderia explicar um código de 3000 anos no livro mais central do mundo. E o perigo deve estar mesmo em cima de nós, caso contrário não estaríamos a encontrar o código da Bíblia agora.

Alguma inteligência que conseguia ver o futuro codificou a Bíblia. Sabia quando o perigo existiria. Projetou o código para ser encontrado por uma tecnologia que não existiria até então.

Poderia o código da Bíblia ser o "livro selado"? Estava selado, com uma espécie de bloqueio temporal, que não podia ser aberto até que o computador fosse inventado. Tínhamos realmente aberto o "livro selado"? Poderia isto ser realmente o "Fim dos Dias"?

Lembrei-me da advertência de Eli Rips de que o código da Bíblia era como um quebra-cabeças gigante com milhares de peças, e nós tínhamos apenas um punhado. Uma imagem estava claramente a emergir, mas era demasiado grande e demasiado horripilante para se acreditar.

Voei de regresso a Israel e reuni-me novamente com Rips na sua casa em Jerusalém. Olhámos juntos para o local na Bíblia onde as duas declarações bíblicas do "Fim dos Dias" estavam codificadas juntas, e onde ambas estavam codificadas com o ano corrente.

"Consegue acreditar que isto é real?", perguntei a Rips.

"Sim", disse ele calmamente.

"Acha que o código da Bíblia pode ser o 'livro selado'?", perguntei.

O matemático que descobriu o código da Bíblia também nunca se tinha apercebido de que o código poderia ser o profetizado "livro selado", o texto secreto que a própria Bíblia afirma que será aberto como uma revelação final no "Fim dos Dias".

"Obviamente, se o perigo que está codificado for real, se houver um 'holocausto atómico', isso cumpriria a profecia de Daniel", disse Rips.

Ele abriu a sua Bíblia e leu em voz alta as famosas palavras: "E haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação."

O livro secreto, concordou Rips, fora desenhado para ser aberto agora.

"É por isso que Isaac Newton não o conseguiu fazer", disse Rips. "Estava 'selado até ao tempo do Fim'. Tinha de ser aberto com um computador."

Disse a Rips que eu não acreditava realmente que haveria um "Fim dos Dias", muito menos que começaria agora.

"Estou convencido de que o comentário antigo é verdadeiro", disse Rips. "Ele afirma que haveria um tempo terrível antes da vinda do Messias."

Disse a Rips que eu não conseguia acreditar numa salvação sobrenatural. Tinha a certeza de que a única ajuda que iríamos ter era o próprio código da Bíblia. Eu mal conseguia acreditar sequer nisso.

Olhei novamente para o local onde o "Fim dos Dias" estava codificado com "em 5756". Duas outras palavras destacavam-se nessa matriz de código. O nome do assassino de Rabin, "Amir", e a palavra "guerra".

"Amir" estava soletrado na mesma sequência de saltos que "Fim dos Dias", precisamente onde cruzava o ano em que Rabin foi morto. E logo abaixo do ano estava a palavra "guerra".

Não era claro quando começaria a "guerra" prevista, mas era claro que o código se destinava a este momento no tempo.

O "Fim dos Dias" já não era um evento mítico num futuro distante. De acordo com o código da Bíblia, já tinha começado. Este era o início do Apocalipse há muito profetizado.

Mas tanto o perigo como a sua prevenção pareciam estar codificados. "Praga" estava lá, mas também "paz", e uma palavra que podia ser lida ou como um apelo ou como um comando — "Salva!".

Rips abriu a sua Bíblia em Daniel novamente e apontou para as palavras que se seguiam imediatamente à previsão de um "tempo de angústia" sem precedentes: "E, naquele tempo, livrar-se-á o teu povo, todo aquele que se achar escrito no livro."

Teria o "livro selado" sido aberto, talvez mesmo a tempo, para nos avisar do perigo supremo, o "Fim dos Dias" há tanto tempo ameaçado?

Eu não conseguia acreditar. Nunca acreditei que haveria um Apocalipse. Sempre assumira que era uma ameaça vazia, o porrete que todas as religiões usavam para manter as pessoas na linha.

Ao longo de toda a história, os profetas da desgraça pensaram ver na Bíblia previsões de que o mundo acabaria nos seus próprios tempos. Liam as palavras de Daniel e do Apocalipse e tinham a certeza de que era um retrato do momento presente.

Os guardiões dos Manuscritos do Mar Morto, os zelotas que esconderam cópias de quase todos os livros da Bíblia em cavernas acima

do Mar Morto há mais de 2000 anos, tinham a certeza de que a Batalha Final estava mesmo em cima deles.

Os primeiros cristãos acreditavam que o Novo Testamento afirmava claramente que o Fim viria durante as suas próprias vidas. Não avisou Cristo: "Não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam"?

Em cada época seguinte, alguém surgia para dizer que o Fim era agora. No primeiro milénio, no ano 1000 d.C. Em todas as épocas de guerra e crise. E citavam sempre la Bíblia, e tinham sempre a certeza de que tinham perfurado o véu, visto através da linguagem simbólica e sabiam exatamente quando o Fim viria.

E estavam sempre errados.

Mas nenhum cientista sério tinha alguma vez encontrado um código computorizado na Bíblia, um facto matematicamente provado que fora confirmado por todos os outros cientistas que realmente o examinaram. E ninguém tinha alguma vez encontrado um código que previsse com exatidão eventos reais no mundo real. Ninguém antes tinha encontrado nomes e datas com antecedência. Ninguém antes tinha encontrado o nome de um cometa e o dia em que este atingiria Júpiter. Ninguém antes tinha encontrado o nome de um Primeiro-Ministro, e o nome do seu assassino, e o ano em que seria morto. Ninguém antes tinha encontrado o dia exato em que uma guerra começaria.

O código da Bíblia era diferente.

SE O CÓDIGO da Bíblia era um aviso para este mundo, de onde veio? Quem poderia olhar com 3000 anos de antecedência e codificar o futuro na Bíblia?

A própria Bíblia, claro, diz que Deus é o autor, que ditou os cinco livros originais a Moisés no Monte Sinai: "E disse o Senhor a Moisés: Sobe a mim ao monte, e estarei ali; e dar-te-ei as tábuas de pedra e a Torah."

Foi, de acordo com la Bíblia, um encontro sobressaltado. No silêncio que precede o amanhecer no deserto, houve subitamente um trovão terrível, e a montanha negra que se erguia no alto foi iluminada por um relâmpago explosivo. Grandes chamas irromperam do topo da montanha, como se o próprio cume tivesse sido incendiado e, na claridade crescente, a vasta extensão de deserto ao redor começou a tremer.

Acordados sobressaltados pelo trovão, pelo relâmpago e pelo tremor do chão sob os seus pés, 600.000 homens, mulheres e crianças correram para fora das suas tendas e olharam horrorizados para a montanha que agora tremia violentamente e fumegava como uma fornalha. O som de uma buzina de carneiro ressoou acima do trovão, e um homem deu um passo em frente em direção à montanha.

Subitamente, uma voz chamou-o do nada: "Moisés, sobe ao topo do monte."

Era 1200 a.C. De acordo com a Bíblia, no topo do Monte Sinai, Moisés ouviu a voz a que chamamos "Deus". E essa voz deu-lhe as dez leis que definiram a civilização ocidental, os Dez Mandamentos, e ditou-lhe o livro a que chamamos Bíblia.

Mas quando Deus diz: "Eis que faço uma aliança; farei maravilhas diante de todo o teu povo", o código diz "computador".

A palavra "computador" aparece seis vezes no texto explícito da Bíblia, oculta dentro da palavra hebraica para "pensamento". Quatro das seis aparições anacrónicas de "computador" ocorrem nos versículos do Êxodo que descrevem a construção da Arca da Aliança, a famosa "Arca Perdida" que carregava os Dez Mandamentos.

O código sugere que até a escrita das leis nas duas tábuas de pedra pode ter sido gerada por computador. "E as tábuas eram obra de Deus; também a escrita era a mesma escrita de Deus, esculpida nas tábuas", afirma o Êxodo 32:16. Mas codificada nesse mesmo versículo está uma mensagem oculta: "foi feito por computador."

O código deve estar a descrever um dispositivo muito além de qualquer um que tenhamos desenvolvido até hoje. O *New York Times* noticiou recentemente que a humanidade pode estar pronta para dar o próximo salto, para domar o mundo dentro dos átomos e criar "um método de processamento de informação tão poderoso que estaria para a computação comum como a energia nuclear está para o fogo". Este "computador quântico", disse o *Times*, poderia realizar em minutos cálculos que os supercomputadores mais rápidos que temos atualmente levariam centenas de milhões de anos a concluir.

O astrónomo Carl Sagan observou uma vez que, se existisse outra vida inteligente no universo, parte dela teria certamente evoluído muito mais

cedo do que nós, e teria tido milhares, ou centenas de milhares, ou milhões, ou centenas de milhões de anos para desenvolver a tecnologia avançada que nós apenas agora estamos a começar a desenvolver.

"Após milhares de milhões de anos de evolução biológica — no planeta deles e no nosso —, uma civilização alienígena não pode estar em sincronia tecnológica connosco", escreveu Sagan.

"Existem seres humanos há mais de vinte mil séculos, mas temos rádio há apenas cerca de um século", escreveu Sagan. "Se as civilizações alienígenas estão atrás de nós, provavelmente estão demasiado atrás para terem rádio. E se estão à nossa frente, provavelmente estão muito à nossa frente. Pense nos avanços técnicos no nosso mundo ao longo de apenas alguns séculos. O que para nós é tecnologicamente difícil ou impossível, o que nos pode parecer magia, para eles pode ser trivialmente fácil."

O autor de *2001*, Arthur C. Clarke — que vislumbrou um misterioso monólito negro que reaparece em etapas sucessivas da evolução humana, cada vez que estamos prontos para ser levados a um nível superior —, fez uma observação semelhante: "Qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível de magia."

O que o código da Bíblia sugere é que, por trás dos "milagres" do Antigo Testamento, havia uma tecnologia avançada.

O código chama-lhe um "computador". Mas pode estar apenas a utilizar a linguagem que conseguimos compreender. "A história sugere que cada época recorre à sua tecnologia mais impressionante como uma metáfora para o cosmos, ou até para Deus", afirma o físico australiano Paul Davies no seu livro *A Mente de Deus*.

Uma vez que a raiz da própria palavra que significa "computador" em hebraico também significa "pensamento", quando o código da Bíblia revela um "computador" por trás dos "milagres", pode na verdade estar a revelar uma "mente".

Mas não uma mente como a nossa, tal como não se trata de um computador como o nosso.

A ÚNICA crença básica partilhada por todas as principais religiões é a existência de uma inteligência externa, não humana: Deus.

Se o código da Bíblia prova uma coisa, é que uma inteligência não humana realmente existe, ou pelo menos existia na altura em que a Bíblia foi escrita. Nenhum ser humano poderia ter olhado com milhares de anos de antecedência e codificado naquele livro antigo os detalhes do mundo de hoje.

Esquecemo-nos de que a Bíblia é a nossa história mais conhecida de um encontro imediato. O contacto há tanto tempo esperado de uma outra inteligência na verdade já ocorreu há muito tempo.

Segundo a Bíblia, aconteceu quando uma voz falou do nada a Abraão, e novamente quando falou a Moisés a partir de uma sarça ardente.

O código da Bíblia é, de facto, uma forma alternativa de contacto que os cientistas que procuram vida inteligente além deste planeta têm sugerido: "a descoberta de um artefacto ou de uma mensagem alienígena na Terra ou perto dela".

O físico Davies teorizou que o "artefacto alienígena" poderia estar "programado para se manifestar apenas quando a civilização na Terra ultrapassasse um determinado limiar de avanço". Isso descreve perfeitamente o código da Bíblia. Ele tinha um bloqueio temporal. Só podia ser aberto assim que os computadores fossem inventados.

O resto da visão de Davies é, mais uma vez, uma descrição precisa do código da Bíblia: "O artefacto poderia então ser interrogado diretamente, tal como com um terminal de computador interativo moderno, e um tipo de diálogo seria imediatamente estabelecido. Um dispositivo deste tipo — na verdade, uma cápsula do tempo extraterrestre — poderia armazenar vastas quantidades de informação importante para nós."

Davies, vencedor do Prémio Templeton para a ciência e religião, imagina "depararmo-nos com o artefacto na Lua ou em Marte" ou "descobri-lo subitamente na superfície da Terra quando chegar a altura certa".

Na verdade, sempre o tivemos. É o livro mais conhecido do mundo. Nós é que nunca tínhamos reconhecido o que ele realmente era.

O QUE Moisés realmente recebeu no Monte Sinai foi uma base de dados interativa à qual, até agora, não conseguíamos aceder plenamente.

A Bíblia que "Deus" ditou a Moisés era, na verdade, um programa de computador. Primeiro foi esculpida em pedra e escrita em pergaminhos. Depois foi encadernada num livro. Mas no código é chamada de "o antigo programa de computador".

Agora, o programa de computador pode ser reproduzido e revelar a verdade oculta sobre o nosso passado e o nosso futuro.

O próprio termo "código da Bíblia" está codificado na Bíblia, e as mesmas palavras também significam: "Ele ocultou, escondeu a Bíblia." A sugestão é que existe uma outra Bíblia codificada dentro da história que é contada abertamente no Antigo Testamento.

O código computorizado confirma claramente que ele é o "selo", o bloqueio temporal que até agora protegeu os segredos ocultos. "Selado diante de Deus" cruza-se de facto com "código da Bíblia".

E "computador" está codificado no último capítulo de Daniel, começando no mesmíssimo versículo que ordena ao profeta que "encerre as palavras e sele o livro, até ao tempo do Fim".

O código da Bíblia é o secreto "livro selado".

A PROFECIA, claro, não é um exclusivo do código. Acontece ao longo de toda a Bíblia. O patriarca Jacob diz aos seus doze filhos o que acontecerá no futuro distante. Moisés revela dois futuros possíveis aos antigos israelitas.

De facto, Jack Miles, na sua biografia de Deus vencedora do Prémio Pulitzer, afirma: "É o milagre da previsão — a adivinhação do futuro a nível internacional, mais do que qualquer milagre no campo de batalha, que se espera que leve toda a gente à adoração do Deus verdadeiro."

Mas o código da Bíblia dá-nos, pela primeira vez, uma linha direta com o futuro. Em vez de dependermos de profetas que veem visões e interpretam sonhos, podemos agora aceder por computador a um código antigo oculto na Bíblia.

A existência do código é, na verdade, revelada em duas histórias bem conhecidas de profecia antiga.

O adivinho mais conhecido da Bíblia é José. Vendido como escravo pelos seus irmãos invejosos, ele ascendeu até se tornar o governante virtual do Egito ao contar o futuro ao Faraó.

José foi o único a saber que o sonho do Faraó com as sete vacas gordas e as sete vacas magras previa uma grande fome. A sua previsão salvou todo o Egito da inanição.

"Poderá haver outra pessoa que tenha em si o espírito de Deus como este homem tem?", pergunta o Faraó à sua corte. E diz a José: "Visto que Deus te mostrou tudo isto, ninguém há tão sábio; segundo a tua palavra se governará todo o meu povo."

O Faraó nomeia José seu regente e dá-lhe um novo nome: "Zafenate-Paneia".

É sempre escrito dessa forma, em todas as traduções da Bíblia, e, mesmo no hebraico original, é sempre tratado como um nome. Ao longo dos milénios, houve muitas especulações eruditas sobre o seu significado. Alguns dizem que é a tradução hebraica de um nome egípcio originalmente escrito em hieróglifos. Os estudiosos supuseram que significa "revelador de segredos". Outros dizem que significa "o deus fala, e vive".

Mas, na verdade, o suposto nome tem um significado muito claro em hebraico: "descodificador do código". Talvez ninguém o tenha visto antes porque ninguém sabia que existia um código na Bíblia.

Portanto, a Bíblia chama José de "descodificador do código". Uma tradução alternativa sugere que ele criou o código para nós o encontrarmos agora: "José codificou, tu descodificarás."

Mas José não pode ser o codificador. A Bíblia nem sequer existia até "Deus" a ditar a Moisés no Monte Sinai, centenas de anos após a morte de José.

O nome de José em hebraico significa "ele acrescentará". O texto oculto completo no Génesis 41:45 reza, portanto, na verdade: "O código será acrescentado, tu vais descodificá-lo."

Novamente no Livro de Daniel, o que parece ser uma história de profecia antiga é, na verdade, uma revelação do código da Bíblia. Também ali Deus impressiona o maior governante da Terra, o Rei da Babilónia, ao revelar o futuro. Ele vaticina a ascensão e a queda de reinos antigos.

"Certamente o vosso Deus é Deus de deuses, e o Senhor dos reis, e o revelador dos segredos, pois pudeste revelar este segredo", diz o Rei a Daniel.

Mas as mesmas palavras que em hebraico significam "revelador de segredos" também significam "pergaminho secreto". E o texto oculto completo afirma: "Ele revelou os segredos o suficiente para que fosses capaz de revelar este pergaminho secreto."

O código da Bíblia é o "pergaminho secreto".

Estará o mesmo "Deus" que revelou o futuro a José, que revelou o futuro a Daniel, agora, através do código da Bíblia, também a revelar o futuro a nós? Parecia ser mais uma vez, como Miles colocou, "a adivinhação do futuro a nível internacional".

O assassinato de Rabin, e o ano em que aconteceria, foram revelados com antecedência. A Guerra do Golfo, e a data em que começaria, foram precisamente vaticinadas.

Mas eu ainda não sabia se as previsões de uma terceira "Guerra Mundial", de um "holocausto atómico", do "Fim dos Dias" eram também exatas. E perguntava-me por que razão "Deus" revelaria o perigo, em vez de simplesmente o evitar.

"O Deus que está a ajudar José", nota Miles, "era grande o suficiente para saber o que se estava a passar, mas não grande o suficiente para determinar o que se passaria."

O mesmo poderia ser verdade para quem quer que tenha codificado la Bíblia. Conseguia ver o futuro, mas não podia alterá-lo. Apenas podia esconder na Bíblia um aviso.

O Livro de Daniel, sugere Miles, apresenta a história humana como "uma vasta bobina de filme cujo conteúdo pode ser conhecido antes de ser projetado". Deus pode "fornecer uma antevisão".

A questão era saber se nós, ao vermos o filme, poderíamos mudá-lo; se nós, ao abrirmos o "livro selado", iríamos apenas conhecer o horror do "Fim dos Dias" ou também conseguir evitá-lo.

"MESMO dentro de um mundo criado por um Deus todo-poderoso e benevolente, pode haver uma luta entre o bem e o mal cujo resultado é incerto", diz Eli Rips.

O código da Bíblia pode ser um conjunto de probabilidades. O livro selado poderia conter todos os nossos futuros possíveis. Cada evento previsto parece estar codificado com pelo menos dois resultados possíveis.

Rips concorda que o código da Bíblia pode ter uma vertente positiva e uma vertente negativa, duas afirmações opostas da realidade entrelaçadas: "Como num tribunal, um Defensor e um Acusador."

"É possível que existam sempre duas afirmações opostas codificadas para preservar o nosso livre-arbítrio, e pode ser que o código da Bíblia esteja escrito como um debate", disse Rips.

"Segundo o Midrash, o mundo foi criado duas vezes — foi primeiro concebido do ponto de vista do julgamento absoluto, do certo e do errado. Depois, Deus viu que o mundo não poderia existir desta forma, que não havia espaço para a imperfeição humana, e acrescentou a misericórdia.

"Mas não é como misturar água quente e fria e obter água morna, é como misturar fogo e neve e cada um preservar a sua existência separada. Essas podem ser as duas vertentes no código da Bíblia."

Rips, no entanto, não acredita que existam dois codificadores. "A Bíblia deve ter sido codificada toda de uma vez por uma única mente", insistiu ele. "Mas pode codificar dois pontos de vista diferentes."

Ele abriu a Bíblia em Isaías 45:7 e leu para mim: "Eu formo a luz e crio as trevas; eu faço a paz e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas estas coisas."

Para Rips, como matemático e como judeu devoto, não há necessidade de fazer a pergunta: Quem é o codificador? A resposta é óbvia. O codificador, o Defensor e o Acusador são todos um só. É Deus.

PARA mim, não era assim tão simples. Eu tinha provas de que existia um código, mas não provas de que existia um Deus. Se o código da Bíblia viesse de um Deus todo-poderoso, Ele não precisaria de nos contar o futuro. Ele próprio poderia mudá-lo.

O código parecia, em vez disso, vir de alguém bom, mas não todo-poderoso, que queria alertar-nos para um perigo terrível para que pudéssemos evitá-lo nós próprios.

O Livro do Apocalipse afirma que a Batalha Final virá de surpresa, como um ladrão na noite. De facto, as palavras que surgem mesmo antes do Armagedão são: "Eis que venho como ladrão." A Bíblia é um aviso de uma ruína súbita e inevitável.

Mas a verdadeira mensagem do código da Bíblia é precisamente o oposto. Um aviso é codificado na Bíblia para que possamos evitar o Apocalipse ameaçado.

A verdade está oculta no último capítulo de Daniel, nos versículos que descrevem o "livro selado". Eles revelam que o livro secreto foi desenhado para ser encontrado agora. Este ano, 1997, no antigo calendário hebraico 5757, está codificado com as palavras: "Ele selou o livro até ao tempo do Fim." Mesmo acima disso, o texto oculto afirma: "para vós, os segredos ocultos." E, a cruzar "5757", surgem novamente essas mesmas palavras, que também significam "para vós, foi codificado".

Mas quem era o codificador?

As últimas palavras ditas a Daniel — "Tu, porém, vai até ao fim; porque repousarás, e estarás na tua herança no fim dos dias" — têm um segundo significado. Elas também contam a história de alguém que tem estado a lutar ao longo de todo o tempo para evitar um desastre previsto e trazer a história a um bom fim: "Tu perseverarás pelo destino de todos até ao Fim dos Dias."

Alguém escondeu na Bíblia um aviso — a informação de que precisamos para evitar a destruição deste mundo.

Capítulo Cinco

O Passado Recente

"PARA ver o futuro é preciso olhar para trás", afirma o Livro de Isaías.

Por isso, quando descobri que o código da Bíblia afirmava que o Apocalipse era agora — que o "Fim dos Dias" já tinha começado, que o verdadeiro Armagedão poderia começar com um ataque atómico contra Israel —, como não tinha forma de investigar o futuro, comecei a investigar o passado.

O momento em que este mundo esteve mais próximo de um Apocalipse, pelo menos desde o Dilúvio, foi a Segunda Guerra Mundial.

"Guerra Mundial", "Hitler" e "Holocausto" estão todos codificados juntos na Bíblia, no último livro do Antigo Testamento. "Este mundo devastado, Guerra Mundial" está soletrado numa única sequência de código, a única vez que "Guerra Mundial" aparece.

Os nomes de todos os líderes da Segunda Guerra Mundial — "Roosevelt", "Churchill" e "Estaline", além de "Hitler" — estão no código da Bíblia. Todos os principais combatentes, "Alemanha", "Inglaterra", "França", "Rússia", "Japão" e os "Estados Unidos", também estão codificados com "Guerra Mundial".

O ano em que a guerra começou, 1939, está codificado tanto com "Guerra Mundial" como com "A. Hitler", e a palavra "Nazi" aparece no mesmo lugar. "O Holocausto" está codificado com 1942, o ano em que a "solução final", o extermínio em massa de todos os judeus na Europa, foi ordenada.

A entrada súbita da América na guerra, quando os japoneses atacaram Pearl Harbor, é contada de forma vívida no código da Bíblia. Codificada com "Roosevelt" está o seu título, "Presidente", e a sua declaração de guerra de 7 de dezembro de 1941: "Ele deu a ordem para atacar no dia da grande derrota."

"Pearl Harbor" está codificado, e as palavras "destruição da fortaleza" correm a cruzá-lo. A base naval é identificada como a localização de "a frota". Também aparece com "Guerra Mundial", 7 de dezembro — e "Hiroxima".

"Hiroxima" está soletrada com uma sequência de saltos de 1945, o mesmo que o ano em que a bomba foi lançada. O impacto dessa primeira bomba atómica também é descrito — "Hiroxima para acabar com os tiros em todo o mundo" — no ponto do Génesis onde o texto explícito afirma:

"Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a Terra e pesou-lhe em seu coração."

"Holocausto atómico" está codificado com "5705", o ano hebraico equivalente a 1945. O ano cruza-se na verdade com "holocausto atómico" na única vez em que essas palavras aparecem na Bíblia.

O perigo imediato nunca pareceu tão real. Se a última Guerra Mundial estava codificada com tanta exatidão, então era impossível ignorar o aviso do código da Bíblia sobre a próxima guerra.

"A PRÓXIMA guerra" estava codificada na Bíblia com um texto oculto que afirmava: "será após a morte do Primeiro-Ministro."

Todos os assassinatos que mudaram o curso da história humana — os homicídios de Abraham Lincoln e Mahatma Gandhi, Anwar Sadat e Yitzhak Rabin, e de ambos John e Robert Kennedy — foram previstos na Bíblia.

A única vez que "Presidente Kennedy" aparece, as palavras seguintes na mesma sequência de código são "para morrer". O nome da cidade onde ele seria baleado, "Dallas", estava codificado no mesmo lugar.

"Oswald" está codificado com "nome do assassino que assassinará". As mesmas palavras, do mesmo versículo da Bíblia, foram codificadas com "Yitzhak Rabin" e o nome do seu assassino, "Amir".

"Atirador apontado" e "franco-atirador" também estão codificados com "Oswald", e há até uma descrição precisa de como ele mataria Kennedy — "ele atingirá na cabeça, morte".

A própria morte de Oswald também está vaticinada no código. O nome do homem que o baleou, "Ruby", aparece com "Oswald", e o texto oculto diz "ele matará o assassino".

O nome do irmão do Presidente assassinado, "R.F. Kennedy", também aparece na Bíblia. E o segundo assassinato de um Kennedy também foi previsto. Na verdade, os dois homicídios estão codificados juntos no mesmo lugar.

Numa única tabela aparecem as palavras "Presidente Kennedy para morrer" — "Dallas" — "R.F. Kennedy" — "segundo governante será morto".

A cruzar o nome "R.F. Kennedy" está o nome do seu assassino, "S. Sirhan". E é no ponto exato em que "Sirhan" e "Kennedy" se cruzam que o texto oculto afirma: "Segundo governante será morto."

Há um padrão impressionante nos assassinatos no mundo moderno. São os líderes que trazem esperança que são mortos. E cada um dos homicídios está codificado na Bíblia.

"A. Lincoln" está codificado duas vezes, no Génesis e no Deuteronómio. O nome do seu assassino, "Booth", aparece três vezes num versículo da Bíblia que cruza "Lincoln". E "assassinado" cruza "A. Lincoln" na única outra vez em que o nome do Presidente que libertou os escravos está codificado.

O homem que liderou a luta da Índia pela liberdade contra o domínio colonial, Mahatma Gandhi, está codificado no Livro do Êxodo. E o seu nome, "M. Gandhi", é imediatamente seguido no código da Bíblia pelas palavras "ele será morto".

O assassinato do outro líder no Médio Oriente que, tal como Rabin, é mais lembrado por tentar trazer a paz, o Presidente egípcio Anwar Sadat, também está codificado. O seu nome, o nome do seu assassino, Khaled Islambouli, e a data do assassinato, 6 de outubro de 1981, aparecem todos juntos.

"Khaled disparará sobre Sadat" está numa tabela, e "ele assassinará" cruza "Sadat" noutra onde a data hebraica "8 de Tishrei" também aparece. Até o local, um "desfile militar", está codificado no Antigo Testamento.

Há três mil anos, cada grande assassinato dos últimos dois séculos foi previsto e detalhado com exatidão no código da Bíblia.

Foi o que tentei dizer ao Primeiro-Ministro Rabin, um ano antes de ele também ser morto: "A única vez que o seu nome completo — Yitzhak Rabin — aparece codificado na Bíblia, as palavras 'assassino que assassinará' cruzam-se com o seu nome. Isto não deve ser ignorado, porque os assassinatos de Anwar Sadat e de ambos John e Robert Kennedy também estão codificados na Bíblia."

O código dizia que Rabin seria morto "em 5756", o ano hebraico que começou em setembro de 1995. O ano estava codificado com "assassinato de Rabin" e "Telavive".

E agora, Rabin estava também morto, como previsto, onde previsto, quando previsto.

SE O CÓDIGO da Bíblia estava certo, a "próxima guerra" viria após um assassinato, mas seria desencadeada por um ato de terrorismo. O Médio Oriente era o centro do terrorismo mundial, e cada um dos atentados bombistas, dos homicídios, dos massacres, estava codificado na Bíblia.

O primeiro ataque que encontrei foi impressionante porque o código da Bíblia de 3000 anos estava à frente das notícias. Eu voava para Telavive em dezembro de 1992 quando a hospedeira de bordo me entregou o *Jerusalem Post*. Na primeira página estava uma manchete em parangonas: "Polícia de Fronteira Raptado". Executei imediatamente o nome dele, "Toledano", no programa de pesquisa no meu computador portátil. Apareceu apenas uma vez, codificado no Livro do Génesis.

"Cativeiro de Toledano", indicava a sequência completa do código. Junto ao "d" em "Toledano" estava o nome da cidade onde ele fora raptado, "Lod". E o código também dizia: "Ele morrerá."

O relato do jornal dizia que o seu destino ainda era desconhecido. No dia seguinte, o seu corpo foi encontrado.

Mais tarde, quando foram publicadas as transcrições das confissões dos terroristas capturados, um dos palestinianos relembrou os momentos que se seguiram ao rapto. Disse que houve uma discussão entre os três terroristas sobre se deviam matar o polícia e afirmou que disse aos outros: "Não derrameis sangue." Essas mesmas palavras apareciam com "Toledano" no código da Bíblia.

O código da Bíblia também previu o pior ato de terrorismo inverso no Israel moderno, o massacre de trinta árabes que rezavam numa mesquita em fevereiro de 1994. O nome do assassino, um médico israelita, "Goldstein", o nome da cidade onde os homicídios ocorreram, "Hebron", e as palavras "homem da casa de Israel que matará" apareciam todas juntas na Bíblia.

O local do massacre revela algo sobre as raízes antigas do perigo atual no Médio Oriente, e quão inextricavelmente ligado tudo isto está à Bíblia. A mesquita foi construída no topo de um templo, que por sua vez foi construído no topo de um túmulo. Acredita-se ser o túmulo onde Abraão, Isaac e Jacob, os patriarcas bíblicos, estão enterrados.

Há muito que é um ponto crítico no conflito israelo-árabe. Em 1929, houve outro massacre em Hebron. Os palestinianos revoltaram-se e mataram 67 judeus, expulsando os sobreviventes da cidade. Isso também foi previsto no código da Bíblia. "Hebron" aparece com o ano da revolta ("5689"), e o texto oculto completo afirma: "Hebron, que os expulsou."

Hoje, quinhentos judeus fortemente armados vivem num enclave em redor do Túmulo dos Patriarcas, e mais algumas centenas numa colonização próxima chamada Kiryat Arba, cercados por 160.000 árabes. Os colonos israelitas recusam-se a partir. Citam a Bíblia para fundamentar a sua reivindicação. O capítulo 23 do Génesis afirma-o claramente: "O campo e a caverna que nele está foram outorgados a Abraão como propriedade de sepultura."

Abraão comprou a terra como túmulo para a sua esposa, Sara, e para a sua família há 4000 anos. Os árabes não contestam a escritura antiga. Apenas notam que Abraão era, segundo a Bíblia, também o pai deles.

As palavras originais do Génesis afirmam: "Sara morreu em Kiryat Arba, que é Hebron." O texto oculto do mesmo versículo afirma: "Lutareis na cidade da emboscada, que é Hebron."

Mas, à medida que o século XX se aproxima do fim, homicídios aleatórios, mesmo massacres à escala de Hebron, não são o verdadeiro perigo. Terroristas munidos de armas de destruição maciça são a nova ameaça.

Essa ameaça emergiu subitamente em dois locais totalmente inesperados: Tóquio e Oklahoma City. No entanto, ambos os ataques estavam codificados na Bíblia.

A 20 de março de 1995, houve um ataque com gás venenoso no metro de Tóquio por parte de uma seita religiosa lunática, a Aum Shinrikyo. Doze pessoas foram mortas e mais de 5000 ficaram feridas quando o gás nervoso alemão Sarin, desenvolvido por cientistas nazis, foi libertado nas carruagens do metro durante a hora de ponta matinal.

"A seita", notou um relatório do Senado dos EUA, "ganhou assim a distinção de se tornar o primeiro grupo, sem ser uma nação em tempo de guerra, a usar armas químicas a grande escala." O vice-presidente da comissão, o Senador Sam Nunn, afirmou: "Acredito que este ataque sinaliza que o mundo entrou numa nova era."

"Aum Shinrikyo" estava codificada na Bíblia com "metro" e "praga". A palavra "gás" estava codificada duas vezes no mesmo lugar.

Quando a polícia japonesa invadiu o quartel-general da seita religiosa, encontrou gás venenoso suficiente para matar 10 milhões de pessoas, cada homem, mulher e criança em Tóquio. A seita do Juízo Final tinha ligações mundiais, pelo menos mil milhões de dólares em ativos e, além do gás nervoso, tinha também armazenado vastas quantidades de agentes de guerra biológica, incluindo antraz. Tinha inclusivamente enviado uma equipa ao Zaire para recolher o mortal vírus Ébola e também tentou adquirir armas nucleares.

O que poderia ter acontecido — se os líderes da Aum Shinrikyo não tivessem sido capturados, os seus planos descobertos e as suas armas apreendidas — também estava codificado na Bíblia.

"Tóquio será evacuada" era a profecia não realizada, a probabilidade que foi evitada. Codificada com "Tóquio, Japão" estava a palavra bíblica para "pragas", o termo usado na Bíblia para as Dez Pragas do Egito, e a palavra imediatamente a seguir era "arma voadora".

"Esquadrão de aviões" também foi codificado com "pragas", e o gás venenoso "cianeto" e o vírus incurável "Ébola" apareceram no mesmo local. Mais tarde, a polícia japonesa relatou que os documentos apreendidos no quartel-general da Aum mostravam que a seita planeava um assalto massivo a Tóquio, utilizando helicópteros tripulados e robóticos equipados para pulverizar agentes biológicos e químicos mortíferos.

O líder do grupo, Shoko Asahara, previu que o mundo estava a chegar ao fim. Antes de ser preso, Asahara fixou uma nova data para o Armagedão: 1996. O ano codificado com "Tóquio será evacuada" foi "5756", a data no antigo calendário hebraico equivalente a 1996. Uma praga de proporções bíblicas quase tinha sido desencadeada sobre Tóquio, e o que poderia ter acontecido estava codificado na Bíblia.

UM mês mais tarde, às 9 horas da manhã de 19 de abril de 1995, um camião-bomba fez explodir o Edifício Federal Murrah em Oklahoma City, matando 168 pessoas, incluindo 20 crianças. Em poucas horas, a polícia prendeu Timothy McVeigh, um antigo sargento do Exército com ligações à direita militante. O atentado de Oklahoma foi o pior ataque terrorista na história americana. Estava codificado na Bíblia quase com o mesmo detalhe com que foi relatado nos boletins noticiosos da televisão.

"Oklahoma" apareceu com as palavras "morte terrível, assustadora" e "terror". O alvo foi nomeado: "Edifício Murrah".

E com ele havia uma descrição do horror: "morte", "desolado", "massacrado", "morto, despedaçado". O principal suspeito foi identificado: "o seu nome é Timothy McVeigh". De facto, dispostas como palavras cruzadas no Livro do Êxodo, estavam as acusações apresentadas contra McVeigh no massacre de 19 de abril de 1995: "O seu nome é Timothy McVeigh — Dia 19 — à 9.ª hora — de manhã — ele emboscou, ele atacou, terror — dois anos a partir da morte de Koresh".

Os investigadores do governo alegaram que McVeigh queria vingar a seita de Koresh, um grupo religioso apocalítico, cuja maioria dos membros morreu num inferno que pôs fim ao seu tiroteio com agentes federais exatamente dois anos antes, a 19 de abril de 1993. E havia um eco perturbador da insanidade dessa seita no versículo da Bíblia onde a tragédia de Oklahoma estava codificada: "o terror de Deus estava sobre as cidades que estavam ao redor deles".

O passado recente estava codificado em detalhes extraordinários. Mas as duas perguntas que eu tinha desde o início — Poderíamos encontrar os detalhes dos acontecimentos antes de eles acontecerem? e, Poderíamos mudar o futuro? — continuavam sem resposta. Timothy McVeigh tinha permanecido oculto na Bíblia durante 3000 anos, e só foi encontrado no código depois de ter sido acusado de matar 168 pessoas em Oklahoma. Yigal Amir não pôde ser encontrado com antecedência, embora o assassinato de Rabin tivesse sido previsto. A alegada conspiração da Aum Shinrikyo contra Tóquio era desconhecida até os seus líderes serem presos. Portanto, a grande questão ainda permanecia — Se este era realmente o início do "Fim dos Dias", o que poderíamos fazer a esse respeito? Já não era apenas uma reflexão filosófica. Se o código da Bíblia estivesse correto, e o seu registo relativo ao passado recente sugeria que poderia estar, este mundo poderia estar prestes a enfrentar desastres tanto provocados pelo homem como naturais numa escala nunca antes vista, acontecimentos tão terríveis que nada nos preparou para eles, exceto as profecias há muito conhecidas na Bíblia.

Capítulo Seis

Armagedão

HÁ mais de 2000 anos, uma seita messiânica escondeu-se nas colinas acima do Mar Morto, esperando que os anjos se lhes juntassem para a batalha final contra o mal, preparando-se para a "Guerra dos Filhos da Luz com os Filhos das Trevas". Temendo que os romanos destruíssem as últimas cópias restantes da Bíblia, este pequeno grupo de antigos israelitas escondeu centenas de pergaminhos em rolo nas grutas das escarpas do deserto. Em 1947, um pastor beduíno atirou uma pedra para dentro de uma das grutas e ouviu o som de cerâmica a quebrar.

Dentro da urna partida, encontrou a cópia mais antiga conhecida de qualquer livro da Bíblia. Eu escalei essas escarpas dias depois de saber pela primeira vez que a Bíblia, provada pelos Manuscritos do Mar Morto como tendo pelo menos 2000 anos, ocultava um código computorizado que previa acontecimentos que aconteceram milhares de anos após a Bíblia ter sido escrita. Sentei-me durante horas no topo da montanha estéril, olhando para a paisagem desolada que não tinha mudado nos milénios desde que a seita ali acampara à espera do Fim.

No dia seguinte, fui ao Santuário do Livro em Jerusalém e vi em exibição a mais antiga profecia do Apocalipse, o rolo de Isaías com 2500 anos. Todo o texto original de Isaías, encontrado intacto naquelas grutas acima do Mar Morto, estava agora enrolado de ponta a ponta em redor de um enorme tambor que assentava num pedestal, sobre um poço aberto profundo no centro do museu em cúpula. Por que razão, perguntei-me, o rolo era exibido desta forma única?

Liguei para Armand Bartos, o arquiteto que desenhou o museu que agora albergava os Manuscritos do Mar Morto. "Foi originalmente concebido para que o tambor pudesse retrair-se automaticamente, descer para o nível inferior e ser coberto por placas de aço", disse Bartos. "Porquê?", perguntei. "Foi feito para proteger a cópia da Bíblia mais antiga conhecida no mundo", disse ele. "De quê?", perguntei. "De uma guerra nuclear."

Ninguém sabia ainda que no antigo rolo, enrolado em redor do enorme tambor, montado num dispositivo concebido para resistir a uma bomba atómica, estava um aviso oculto de que Jerusalém poderia, de facto, ser destruída num ataque nuclear, um "holocausto atómico" que poderia desencadear uma "Guerra Mundial", o verdadeiro Armagedão. O segredo estava num "livro selado". Isaías descreve um terrível Apocalipse ainda por vir, uma visão verdadeiramente assustadora de uma guerra futura, e depois

afirma: "Para vós toda esta visão não é mais do que palavras seladas num livro".

É a primeira referência ao "livro selado" secreto na Bíblia. É uma visão do nosso futuro que foi escondida, primeiro numa gruta e depois num código que ninguém conseguiu decifrar até que o computador fosse inventado. Ao princípio, afirma Isaías, ninguém seria capaz de abrir o "livro selado": "E se entregares o livro a alguém que sabe ler, dizendo-lhe: Lê isto, por favor, ele responderá: Não posso, está selado". Mas finalmente, Isaías prevê que o "livro selado" será aberto: "Naquele dia os surdos ouvirão as palavras do livro, e da penumbra e das trevas os olhos dos cegos as verão". E no texto oculto, os mesmos versículos de Isaías revelam que o livro selado é o código da Bíblia: "Ele reconheceu as palavras, elas serão computorizadas, o seu relatório eles ouviram neste dia, os segredos, as palavras mágicas do livro". O aviso com 2500 anos de uma guerra nuclear só poderia ser encontrado com um computador. E agora o código da Bíblia revelava quando e onde o verdadeiro Apocalipse poderia começar.

Verifiquei todos os anos nos próximos cem anos. Apenas dois anos, 2000 e 2006, estavam claramente codificados com "Guerra Mundial". Os mesmos dois anos também estavam codificados com "holocausto atómico". Eram os únicos dois anos nos próximos cem codificados tanto com "holocausto atómico" como com "Guerra Mundial". Não há forma de saber se o código está a prever uma guerra em 2000 ou em 2006. O ano 2000 está codificado duas vezes, mas 2006 é matematicamente a melhor correspondência. E não há, escusado será dizer, forma de saber se o perigo é real. Mas se o código da Bíblia estiver correto, uma terceira Guerra Mundial até ao fim do século é pelo menos possível, e uma Guerra Mundial nos próximos dez anos é uma probabilidade que não podemos ignorar.

"Holocausto atómico" e "Guerra Mundial" estão codificados juntos. A próxima guerra, de acordo com o código, será travada com armas de destruição maciça que o mundo nunca viu serem usadas em batalha antes. A Segunda Guerra Mundial terminou com Hiroxima, mas agora existem pelo menos 50 000 armas nucleares, desde obuses de artilharia atómica a mísseis balísticos de ogivas múltiplas. Cada uma pode destruir uma cidade inteira. O mundo inteiro poderia ser obliterado em poucas horas. A Terceira Guerra Mundial seria literalmente o Armagedão.

O aviso de quando, onde e como o nosso mundo poderia enfrentar o verdadeiro Armagedão, uma Guerra Mundial nuclear, foi ocultado nos

versículos mais sagrados da Bíblia há 3000 anos. Quando abrimos o "livro selado" para procurar a Terceira Guerra Mundial, descobrimos que o ano em que ela poderia começar foi previsto num rolo de vinte e duas linhas que é central para a Bíblia. O rolo chama-se "Mezuzah". Contém as 170 palavras que, de entre todas as 304 805 palavras dos cinco livros originais da Bíblia, Deus ordenou que fossem mantidas num rolo separado e colocadas à entrada de cada casa. "Em 5760" e "em 5766", os anos 2000 e 2006, estão codificados nessas 170 palavras. "Guerra Mundial" — a única vez que está codificada em toda a Bíblia — aparece no mesmo local e cruza um dos versículos sagrados.

"Holocausto atómico" — a única vez que está codificado na Bíblia — também aparece com os mesmos dois anos nos mesmos dois versículos do rolo. A Mezuzah contém quinze versículos e começa com o mandamento mais importante: "Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus, o Senhor é um". Duas vezes dentro desses poucos versículos, Deus diz exatamente como as palavras devem ser preservadas: "E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração; e as ensinarás diligentemente a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te. Também as atarás por sinal na tua mão, e te serão por frontais entre os teus olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas". Os anos em que a Terceira Guerra Mundial poderia começar foram revelados nas palavras mais cuidadosamente guardadas do Antigo Testamento.

E onde os anos 2000 e 2006 estão codificados, o texto oculto do rolo sagrado avisa sobre a guerra: "Bombardeará o teu país, terror, devastação, está a ser lançado". Não poderia ser por acaso que o aviso de quando o mundo poderia enfrentar uma guerra nuclear estivesse codificado em dois dos vinte e dois versículos da Bíblia que Deus ordena duas vezes que sejam memorizados, ensinados às crianças e recitados todos os dias e todas as noites. Não poderia ser por acaso que os anos mais claramente codificados com "Guerra Mundial" estivessem ambos ocultos nas 170 palavras que foram guardadas num rolo separado durante 3000 anos e que ainda hoje estão fixadas na entrada de quase todas as casas em Israel. Se faltar apenas uma única letra, uma Mezuzah não pode ser usada. Alguém quis ter a certeza absoluta, não importava o que acontecesse ao resto da Bíblia, de que estas palavras, este rolo, fossem preservados exatamente como originalmente escritos, com o seu código oculto intacto.

E esse antigo código, que agora previa que a Terceira Guerra Mundial poderia começar dentro de uma década, também tinha previsto que a Segunda Guerra Mundial começaria "em 5700" — no calendário moderno, 1939-1940. "Em 5700, o cremador veio", afirma o texto oculto completo, prevendo não apenas a guerra, mas os fornos do Holocausto. O Armagedão nos anos 2000-2006 era o aviso codificado nos mesmos versículos sagrados da Bíblia, o código cuidadosamente preservado na Mezuzah que com tanta precisão previu a última Guerra Mundial.

EM VEZ de uma guerra nuclear entre superpotências, o mundo pode agora enfrentar uma nova ameaça — terroristas armados com armas nucleares. "Terrorismo" está codificado com "Guerra Mundial", e logo abaixo de "terceira" aparecem as palavras "guerra de morte". Sugere uma guerra de aniquilação total. Está claramente codificado com "holocausto atómico". O colapso súbito da União Soviética mudou o mundo. Removeu o principal adversário da América, mas tornou o maior arsenal do mundo de armas nucleares acessível a terroristas.

Um comité do Senado dos EUA confirmou o perigo no ano passado. "Nunca antes um império se desintegrou estando na posse de 30 000 armas nucleares", afirmou o vice-presidente, o senador Sam Nunn. Classificando a antiga União Soviética como um "vasto supermercado potencial de armas nucleares, químicas e biológicas", o senador Richard Lugar alertou que "a probabilidade de uma, duas ou uma dúzia de armas de destruição maciça detonarem na Rússia, ou na Europa, ou no Médio Oriente, ou mesmo nos Estados Unidos, aumentou". "A queda do comunismo" foi prevista no código da Bíblia. A única vez que a palavra "comunismo" aparece, "a queda de" e "russo" estão codificados com ela. "China" está codificada logo abaixo. Entrelaçada com "na China" está uma previsão — "próxima". Para muitos no Ocidente, o colapso da União Soviética foi visto como uma vitória. O fim do comunismo na China seria visto como um triunfo final.

Mas o caos noutra potência nuclear também aumentaria o risco de que armas que podem destruir cidades inteiras pudessem ser vendidas a terroristas ou roubadas por estes. Se o código da Bíblia estiver correto, terroristas nucleares podem desencadear a próxima Guerra Mundial. Pode começar como o primeiro-ministro Peres sugeriu escassos dias após eu me ter reunido com ele, quando uma arma nuclear "cai nas mãos de países irresponsáveis e é carregada aos ombros de fanáticos". A Segunda Guerra Mundial terminou com uma bomba atómica. A Terceira Guerra Mundial pode começar dessa forma.

JERUSALÉM, a cidade mais disputada da história — desde o tempo em que o rei David a conquistou, e os babilónios a incendiaram, e os romanos a destruíram, e os cruzados a cercaram, ao longo de 3000 anos de conflito sangrento que não terminou quando os israelitas a retomaram na guerra de 1967 — está claramente codificada na Bíblia como o alvo do ataque nuclear previsto. Apenas uma capital mundial está codificada em qualquer parte da Bíblia com "holocausto atómico" ou "Guerra Mundial" — "Jerusalém".

O nome da cidade está oculto num único versículo da Bíblia. "Jerusalém" está codificada dentro da ameaça de Deus de punir Israel ao longo da história — "Eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me odeiam". "A tua cidade a ser destruída por um ato de terrorismo" cruza "holocausto atómico". E o alvo é confirmado na mais antiga profecia do Apocalipse, aquela encontrada intacta entre os Manuscritos do Mar Morto, o Livro de Isaías com 2500 anos. "Ai de ti, Ariel, Ariel, a cidade onde David acampou!", avisa Isaías, usando um antigo nome bíblico para Jerusalém. O cerco que reduz a Cidade Santa a "pó" é descrito em palavras que são vividamente apocalíticas: "De repente, num instante, o Senhor dos Exércitos virá com trovões, e com terramotos, e grande estrondo, com tufão de vento, e tempestade, e labaredas de fogo consumidor". É uma visão extraordinariamente precisa de um "holocausto atómico", conforme previsto há milhares de anos, expressa nas únicas palavras que um antigo vidente poderia usar para a descrever.

Compare-se isto com uma descrição moderna do bombardeamento atómico de Hiroxima: "Toda a cidade ficou arruinada instantaneamente. O centro da cidade foi aplanado. Meia hora após a explosão, os incêndios provocados pelo impulso térmico começaram a fundir-se numa tempestade de fogo que durou seis horas. Durante quatro horas, ao meio-dia, um violento redemoinho, nascido das estranhas condições meteorológicas produzidas pela explosão, devastou ainda mais a cidade". As palavras que parecem ecoar Isaías pertencem ao relato clássico de Jonathan Schell sobre o bombardeamento de 1945 em O Destino da Terra. Ninguém em Hiroxima ouviu a explosão.

O estoiro criou um vácuo. Mas a quilómetros de distância houve um estrondo tremendo, um "trovão" terrível diferente de tudo o que já se tinha ouvido. A bomba de Hiroxima foi detonada no ar, a quase 2000 pés acima da cidade. Se uma bomba nuclear fosse detonada no solo, como

provavelmente aconteceria em qualquer ataque terrorista, o horror seria ainda maior. Toda a população de uma cidade seria instantaneamente reduzida a pó. Novamente, segundo Schell: "Qualquer ser humano na área seria reduzido a fumo e cinzas; simplesmente desapareceriam. A população incinerada, agora pó radioativo, elevar-se-ia na nuvem de cogumelo e depois cairia de volta ao solo". Agora escute-se novamente Isaías: "Abatida, falarás desde o chão, a tua fala sairá sumida do pó, a tua voz subirá da terra como a de um fantasma, e desde o pó sussurrará a tua fala. E a multidão dos teus inimigos será como o pó miúdo, e a multidão dos terríveis como a pragana que passa. E acontecerá num momento, de repente". É uma descrição invulgar para um cerco antigo, mas uma visão perfeita das consequências de um ataque nuclear e de um contra-ataque.

E depois há a passagem curiosa e enigmática: "Para vós toda esta visão não é mais do que palavras seladas num livro". Elas permaneceram seladas, até agora, reveladas por um código que pode existir para nos alertar no momento crítico do iminente ataque atómico. "Arma atómica" está codificada em Isaías. O "m" em "atómica" é também o "m" em "Jerusalém". Onde "Jerusalém" cruza "arma atómica", cruza também a palavra "rolo". E sobrepondo-se a "rolo" estão as palavras "ele abriu-o". E o antigo nome para Jerusalém, "Ariel", o nome usado no aviso de Isaías sobre o Apocalipse, está codificado com "Guerra Mundial".

A profecia bíblica do Armagedão, há muito conhecida, parecia ser confirmada pelo código da Bíblia. Jerusalém, o centro das três grandes religiões do mundo ocidental, a lendária cidade onde David governou, onde Jesus morreu, onde Maomé ascendeu ao Céu, poderia ser obliterada numa batalha final provocada pelo ódio religioso. O verdadeiro Armagedão poderia ser uma Guerra Mundial nuclear. Eu nunca tinha acreditado nas profecias apocalípticas da Bíblia. Nunca acreditei que Deus ou o Diabo destruiriam o mundo, ou que as forças do bem e do mal se enfrentariam numa Batalha Final. Mas a afirmação do código da Bíblia de que a batalha final, o Armagedão, poderia começar no Médio Oriente com um ato de terrorismo nuclear parecia demasiado real.

A palavra "Armagedão" vem do último livro do Novo Testamento, num versículo que parece fantasioso: "Pois são espíritos de demónios, que operam prodígios; os quais vão ao encontro dos reis de toda a terra, para os congregar para a batalha do grande dia do Deus Todo-Poderoso. E os congregou no lugar que em hebraico se chama Armagedão." Mas o Armagedão é um lugar real. É o nome grego para uma antiga cidade em

Israel, Megido. Em hebraico, "Monte Megido" é "Harmegiddo". "Armagedão" é simplesmente a transliteração grega desse nome.

Fui lá tarde uma noite. Estava a conduzir de regresso a Jerusalém e vi uma placa de autoestrada verde e branca com um nome que só tinha visto antes na Bíblia, "Megido". Passava da meia-noite, mas parei para ver as ruínas da cidade fortificada. Parecia inconcebível que este lugar remoto pudesse alguma vez ser o cenário de uma grande batalha.

Mas perto de Megido, escondida dos turistas, fica uma das bases aéreas mais importantes de Israel, Ramat David. Fica no norte, de frente para o inimigo implacável de Israel, a Síria. Estaria na linha da frente de qualquer guerra real no Médio Oriente moderno. "Armagedão" está codificado na Bíblia com o nome do líder da Síria, Hafez Asad. Na verdade, o nome do local real da Batalha Final há muito profetizada aparece com o seu nome numa única sequência de saltos: "Armagedão, holocausto de Asad". "Síria" está codificado com "Guerra Mundial". É o país que se destaca, porque não é esperado. "Rússia", "China" e "EUA" também aparecem com "Guerra Mundial". Mas eles são as três superpotências com maior probabilidade de estarem envolvidas. A "Síria" é a surpresa.

Mas se o Armagedão for real, pode começar da forma como está profetizado no texto simples da Bíblia. O último livro do Novo Testamento prevê uma guerra final de fúria sem precedentes: "Satanás será solto da sua prisão e sairá a enganar as nações que estão nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, para os ajuntar em batalha." Ninguém sabe onde se localizavam os antigos "Gogue e Magogue". Mas a profecia original da Batalha Final, contada em Ezequiel, é que Israel será invadido a partir do Norte: "Vireis do vosso lugar, dos confins do norte, tu e muitos povos contigo, todos montados a cavalo, uma grande companhia e um exército poderoso." O único inimigo moderno a norte de Israel é a Síria.

"Síria" está codificado em Ezequiel, começando no versículo que prevê a invasão. Os aliados da Síria são nomeados: "Pérsia" e "Pute", países que agora se chamam Irão e Líbia. O texto simples de Ezequiel prevê uma terrível batalha entre Israel e as nações árabes circundantes, "uma grande matança nos montes de Israel". De acordo com o código da Bíblia, é assim que a Terceira Guerra Mundial poderá começar — com um ataque atómico contra Jerusalém, seguido de uma invasão de Israel.

No mesmo museu em Jerusalém onde os Manuscritos do Mar Morto estão em exibição, onde a visão original do Apocalipse foi montada num dispositivo projetado para resistir a um ataque atómico, há outra exposição. O manuscrito original da Teoria da Relatividade de Einstein e a equação que mudou o mundo, que iniciou a era atómica — $E = mc^2$ — é mostrado ali na própria caligrafia do cientista. Mas o que realmente me chamou a atenção foi outra coisa que Einstein tinha dito: "Não sei com que armas a Terceira Guerra Mundial será travada, mas a Quarta Guerra Mundial será travada com paus e pedras." No final do século vinte, estamos ameaçados por um tipo de caos que o mundo nunca enfrentou antes. Construímos armas que podem destruir a civilização humana num único dia, e essas armas podem agora estar à solta.

As previsões no código da Bíblia parecem cumprir a profecia aberta da Bíblia, e ao horror é agora dado um rosto, um tempo e um lugar — uma Guerra Mundial nuclear, talvez pelo ano 2000 ou 2006, o verdadeiro Armagedão, talvez dentro de uma década. E esse não é o fim do perigo previsto.

Capítulo Sete

Apocalipse

Em cada visão do Apocalipse, o golpe final é um terramoto massivo. No Apocalipse, o último livro do Novo Testamento, é a sétima praga do sétimo anjo: "E houve um grande terramoto, como nunca houve desde que há homens sobre a terra; tal foi este tão grande terramoto. E todas as ilhas fugiram; e os montes não se acharam." Ezequiel realmente prevê que a guerra final com "Gogue e Magogue" terminará dessa maneira: "Naquele dia haverá um grande terramoto na terra de Israel. Todos os homens que estão sobre a face da terra tremerão diante da minha presença; e os montes serão deitados abaixo, e os passos alcantilados cairão, e todos os muros desabarão por terra."

A destruição deste mundo por um enorme terramoto é constantemente ameaçada e predita nas palavras simples da Bíblia. "Farei estremecer os céus, e a terra se moverá do seu lugar", adverte Deus em Isaías. "Os homens entrarão nas cavernas das rochas e nas covas da terra, por causa do terror do Senhor, quando ele se levantar para sacudir terrivelmente a terra."

E escondido no último versículo da Bíblia original, as palavras que encerram a história que a Bíblia diz que Deus ditou a Moisés no Monte Sinai, está o mesmo aviso: "Para aniquilar, destruir totalmente, ele lançou uma força violenta, e para todos o grande terror: fogo, terramoto." Não pode ser por acaso que o último segredo revelado no código da Bíblia seja o golpe final ameaçado em cada profecia aberta do Apocalipse. O código parece alertar que, ao longo dos próximos cem anos, haverá uma série de "grandes terramotos" por todo o mundo. Três anos estão claramente codificados com "o grande terror": 2000, 2014 e 2113. O ano distante é a melhor correspondência. Não está claro se o código está a indicar uma série de desastres ou uma série de adiamentos. Os primeiros terramotos, no entanto, podem ocorrer na primeira década do próximo século, talvez até ao final deste século.

O Apocalipse há muito vislumbrado, se for real, começará não numa terra mítica e distante, mas em cidades reais, no mundo real. Os Estados Unidos, a China, o Japão e Israel estão todos codificados com "grande terramoto" e anos num futuro próximo. O código da Bíblia parece prever que o próximo grande terramoto neste país atingirá a Califórnia. Todos os grandes sismos que já abalaram esse estado foram previstos. O maior que alguma vez atingiu os Estados Unidos — o grande terramoto de São Francisco de 1906 — foi codificado há 3000 anos. "S.F. Calif." e 1906 aparecem juntos. "Fogo, terramoto" também está codificado com o ano, e o texto oculto afirma "cidade consumida, destruída". O maior terramoto recente a atingir o continente americano, novamente em São Francisco, também está codificado. O ano, 1989, as palavras "fogo, terramoto" e "S.F. Calif." aparecem todas no mesmo lugar.

Mas Los Angeles é matematicamente a melhor correspondência com "grande terramoto" de qualquer grande cidade do mundo. "L.A. Calif." está codificado com "grande terramoto" contra probabilidades muito altas, e tanto "América" como "EUA" também aparecem com o cataclismo previsto. Os sismólogos concordam que o sul da Califórnia é a área mais provável nos Estados Unidos a enfrentar um grande terramoto num futuro próximo. O Serviço Geológico dos EUA afirmou em 1995 que existe uma "probabilidade de 80 a 90% de um terramoto de magnitude 7 ou superior no sul da Califórnia antes de 2024". Os especialistas que fizeram essa previsão falharam o último grande sismo na área de Los Angeles, aquele em janeiro de 1994 que matou 61 pessoas em Northridge. Não foi numa linha de falha conhecida e não foi previsto. Exceto no código da Bíblia.

"5754", no calendário moderno 1994, estava codificado com "grande terramoto" e "L.A. Calif.".

Isso foi apenas um tremor comparado com o cataclismo previsto, e um ano num futuro próximo aparece com Los Angeles exatamente no mesmo lugar onde o desastre de 1994 foi previsto. Cruzando "grande terramoto", logo abaixo de "L.A. Calif.", está o ano 2010. E o mesmo ano, "5770" no calendário hebraico, está codificado novamente com o nome da cidade, sobrepondo-se na verdade a "fogo, terramoto". É apenas uma probabilidade. Tanto o código quanto os sismólogos podem estar errados. Mas o código da Bíblia parece prever que o grande terramoto atingirá Los Angeles em 2010.

Três outras áreas do mundo também estão codificadas com "grande terramoto". Todas estão codificadas com os mesmos dois anos, 2000 e 2006. Não há forma de saber qual delas poderá realmente ser atingida na próxima década. "Grande terramoto" está codificado com "China". Foi o cenário do pior terramoto na história mundial, o cataclismo de 1976 que matou 800.000 chineses. Aquele ano, "5736", cruza "terramoto" logo acima de "China". Mas a China pode ser atingida novamente. Logo acima de 1976 há outra data, "em 5760", o ano 2000. "China" aparece três vezes com "grande terramoto", novamente com 2000 e também com 2006.

Israel, que não sofreu nenhum grande terramoto este século, é o lugar mais proeminentemente declarado no texto simples da Bíblia. Ezequiel prevê abertamente "um grande terramoto na terra de Israel". "Israel" também aparece quatro vezes com "grande terramoto" no código da Bíblia, mas Israel aparece tantas vezes na Bíblia que não há forma de calcular a significância matemática. Israel está, no entanto, localizado naquela que pode ser a maior linha de falha do mundo, a fenda do Mar Vermelho que, em tempos pré-históricos, se moveu tão violentamente que separou a África da Ásia. Mas o país com maior probabilidade de perigo, de acordo com o código da Bíblia, é o Japão.

Quando o conheci pela primeira vez, o meu editor pediu-me para prever um acontecimento mundial. Eu recusei. "Não sei nada sobre o amanhã", disse-lhe. "Apenas sei o que está codificado na Bíblia." Mas ele continuou a insistir e, finalmente, disse-lhe que, se uma coisa parecia provável, era que o Japão iria sofrer uma série de grandes terramotos. Três meses depois, o Japão teve o pior terramoto em mais de trinta anos. Aconteceu numa área remota, por isso poucos morreram, mas na escala

Richter foi um evento de grande magnitude. Verifiquei-o no código da Bíblia. O epicentro exato do sismo estava codificado, "Okushiri", uma ilha tão pequena que até muitos japoneses não sabiam que existia até ao terramoto. A matriz completa dizia: "Okushiri em julho será abalada". O terramoto ocorreu a 12 de julho de 1993.

Descobri isso mesmo antes de uma viagem programada ao Japão. Senti-me compelido a partilhar o que sabia. Se o terramoto de Okushiri estava codificado com tanta precisão, então os outros terramotos previstos também poderiam ser reais. Fui ver a Ministra do Gabinete japonês responsável pela preparação para terramotos, Wakako Hirônaka. O marido dela é um matemático famoso, e ela ficou interessada, mas perplexa. "O que posso fazer?", perguntou-me. "Evacuar Tóquio?" Na verdade, "Tóquio será evacuada" estava codificado na Bíblia. Mas não quando, ou porquê. Um ano mais tarde, a cidade portuária de Kobe foi devastada por um sismo massivo que matou 5000 pessoas. Isso também tinha sido previsto no Antigo Testamento. "Kobe, Japão" estava codificado. Com isso estavam as palavras "fogo", "terramoto", "o grande". E o ano em que aconteceu, 1995 ("5755"), cruzava "fogo, terramoto".

"Japão" é também o país mais claramente codificado com um futuro "grande terramoto". Os anos 2000 e 2006 aparecem no mesmo lugar. Mais uma vez, não há forma de saber se o perigo declarado é real. Mas parece haver uma urgência apocalíptica no aviso sobre o Japão, tal como existe sobre Israel. Na verdade, no código da Bíblia, parece haver uma ligação quase misteriosa entre os dois países. Ambos são repetidamente declarados como estando num perigo sem precedentes. "Japão" e "Israel" aparecem juntos com as duas declarações bíblicas do "Fim dos Dias". "Japão" está codificado com "holocausto de Israel". "Israel e Japão" estão novamente juntos no texto oculto da Bíblia como uma única frase, e os nomes dos dois países cruzam a única codificação de "ano da praga". E o "Japão" é o único país, além de Israel, codificado com "Batalha Final".

Um desastre de proporções bíblicas parece estar ameaçado ao longo do código da Bíblia para ambos os países. Em Israel, o perigo imediato parece ser a guerra nuclear. No Japão, o perigo imediato parece ser um terramoto catastrófico. E se o mundo inteiro puder ser ameaçado pela guerra que o código da Bíblia prevê que começará em Israel, o mundo inteiro também poderá ser abalado por um terramoto que atingirá o Japão. "Colapso económico" está codificado uma vez na Bíblia.

O ano em que a última Grande Depressão começou, 1929, está codificado no mesmo lugar. E "colapso económico" também está codificado com as palavras "terramoto atingiu o Japão". O Japão é agora tão central para a economia global que qualquer grande desastre naquele país teria impacto em todo o mundo. A verdadeira convulsão global pode ser um grande "colapso económico", em vez de um "grande terramoto". Mas o perigo final que enfrentamos pode ser o maior desastre natural que a humanidade alguma vez testemunhou.

Há sessenta e cinco milhões de anos, um asteroide maior do que o Monte Evereste atingiu a Terra, explodindo com a força de 300 milhões de bombas de hidrogénio, e matou todos os dinossauros. "Asteroide" e "dinossauro" estão codificados juntos na Bíblia. O nome bíblico para as primeiras criaturas que Deus criou na Terra também está codificado no mesmo lugar. "E Deus criou os grandes Tanin", afirma o primeiro capítulo do Génesis. A palavra significa "dragões" ou "monstros". Descreve um animal enorme que já não existe. E "dragão" está codificado a cruzar "dinossauro", logo acima de "asteroide". Com eles está codificado o nome do dragão que, segundo a legenda, Deus matou antes da Criação. É certamente intencional que o nome do dragão que a Bíblia diz que Deus combateu — "Raabe" — apareça no código da Bíblia exatamente onde o "asteroide" atinge o "dinossauro". Na verdade, o texto oculto completo afirma: "Atingirá Raabe".

Isto sugere que a extinção dos dinossauros foi a verdadeira matança do dragão, o evento cósmico recordado por Isaías: "Não és tu aquele que cortou em pedaços a Raabe, e feriu o dragão?" Os cientistas concordam agora que a humanidade nunca teria evoluído a menos que os dinossauros tivessem sido exterminados pelo asteroide. Mas também se perguntam se a humanidade poderá enfrentar um destino semelhante, se nós também seremos exterminados por uma rocha vinda a toda a velocidade do espaço sideral. Um importante astrónomo americano, Brian Marsden, diretor do Observatório Smithsonian em Cambridge, Massachusetts, deu o primeiro alarme em 1992.

Ele calculou que um cometa chamado Swift-Tuttle, que tinha acabado de ser avistado, reapareceria 134 anos mais tarde, em 2126. E disse que poderia então colidir com a Terra. O cometa era pelo menos tão grande quanto o asteroide que matou os dinossauros. O aviso muito moderado de Marsden — "uma alteração de + 15 dias poderia fazer com que o cometa atingisse a Terra em 2126" — foi um alerta para o Fim do Mundo. Foi

notícia de primeira página em todo o mundo. "A União Astronómica Internacional, a autoridade mundial em astronomia, emitiu pela primeira vez um aviso de uma potencial colisão entre a Terra e um objeto em alta velocidade vindo dos confins do sistema solar", relatou o New York Times. "O tamanho do cometa está na faixa que os cientistas assumem ser suficiente para acabar com a civilização." "Vem a gritar do céu como um Scud do Inferno, maior do que uma montanha e carregado com mais energia do que todo o arsenal nuclear do mundo", afirmava uma impressionante história de capa na Newsweek, pintando o cenário assustador.

Mais tarde, Marsden cancelou o alerta. Novos cálculos mostraram que o cometa passaria em segurança no final de julho de 2126. Mas se viesse apenas duas semanas mais tarde, em meados de agosto, a rocha de dez milhas de largura colidiria com o nosso planeta. Nenhum astrónomo esteve a menos de duas semanas de prever a real aparição de Swift-Tuttle em 1992. A maioria falhou por anos. Mas o dia exato em que o cometa foi avistado, domingo, 27 de setembro de 1992, foi codificado na Bíblia há 3000 anos. Por acaso, era a véspera do Ano Novo Hebraico. O código da Bíblia previu o momento: "Véspera de Ano Novo, Swift". "5753", o ano hebraico da aparição de 1992, estava codificado com "cometa" e o seu nome completo "Swift-Tuttle". E no código da Bíblia, "Swift" também está codificado com "5886", o ano em que o cometa deve regressar, 2126. O nome do cometa cruza o ano. E logo acima de 2126 estão as palavras: "No sétimo mês veio". Isso sugere que passará pela Terra em segurança em julho.

Mas um aviso terrível está codificado na Bíblia com a palavra "cometa". Não foi senão quando outro cometa colidiu com Júpiter em 1994 que o nosso mundo reconheceu o verdadeiro perigo. Esse impacto criou bolas de fogo do tamanho da Terra e deixou Júpiter marcado com crateras negras massivas. Foi a maior explosão que o homem alguma vez testemunhou no nosso sistema solar e, se tivesse acontecido aqui, teria exterminado a raça humana. O cataclismo de Júpiter também foi previsto no código da Bíblia, descoberto meses antes de acontecer. O nome do cometa, "Shoemaker-Levy", estava codificado com o nome do planeta, "Júpiter", e a data exata do impacto, 16 de julho de 1994.

Em 1995, o Pentágono e a NASA começaram a revistar os céus à procura de asteroides e cometas que pudessem colidir com a Terra. "Poderemos enfrentar um encontro surpresa", disse a Dra. Eleanor Helin, a cientista do governo dos EUA responsável pelo Rastreio de Asteroides

Próximos da Terra. Ela estimou que existem pelo menos 1700 "cruzadores da Terra", asteroides e cometas cujas órbitas se cruzam com a nossa e que poderiam ser suficientemente grandes para destruir toda a vida neste planeta. As probabilidades de uma colisão são remotas. Acontece talvez uma vez a cada 300.000 anos. Mas ninguém sabe quando caiu o último ou quando cairá o próximo. "É preocupante", disse a Dra. Helin, quando começou o primeiro esforço organizado para localizar os "cruzadores da Terra". "Estas coisas têm estado à espreita lá fora todos estes anos, mas nunca as tínhamos visto."

O asteroide que matou os dinossauros caiu no que é hoje o Golfo do México, atingindo toda a América do Norte com uma tempestade de fogo que aparentemente destruiu todos os seres vivos no continente. A poeira, as cinzas e os detritos que foram lançados para a atmosfera bloquearam então o Sol em todo o globo, causando extinções à escala mundial. Estima-se que dois terços de todas as espécies que alguma vez caminharam, voaram ou nadaram na Terra se extinguiram devido a impactos vindos do espaço sideral. Nós somos a primeira espécie que poderá ser capaz de o evitar. Quando o Swift-Tuttle causou o primeiro alarme e o bombardeamento de Júpiter demonstrou de forma vívida o perigo que enfrentamos, os cientistas começaram a planear a defesa da Terra.

O inventor da bomba de hidrogénio, Edward Teller, disse que poderíamos abater um asteroide com um míssil massivo de ogiva nuclear. Outros cientistas sugeriram que explodir simplesmente um dispositivo nuclear perto de um cometa derreteria o gás congelado, criando jatos que dispariam como os propulsores de um foguetão e desviariam o cometa da sua rota de colisão. Houve até um plano para aterrar uma nave espacial em qualquer rocha grande que se dirigisse para a Terra, fixar-lhe motores de foguetão e desviar o cometa ou asteroide deste planeta. Mas esses são todos esquemas não testados, na melhor das hipóteses diagramas vagos e algumas equações, e ninguém sabe quanto tempo, quanto aviso poderíamos ter. " Podem ser apenas dias ou semanas", diz Gareth Williams, colega de Marsden no Observatório Smithsonian. "Se for um cometa numa órbita muito longa, pode apanhar-nos de surpresa, pode ser totalmente desconhecido."

Até ao Shoemaker-Levy bombardear Júpiter, não havia um esforço organizado sequer para rastrear as rochas no espaço sideral. Continua a não haver planos concretos para parar uma que venha em direção a nós. O código da Bíblia avisa que uma colisão com a Terra pode ser um perigo real. Há uma série de encontros próximos indicados, mesmo até ao momento em que o Swift regressa em 2126. Mas o primeiro ano claramente

codificado com "cometa" fica a apenas 10 anos de distância — "5766", no calendário moderno 2006.

A cruzar 2006 está uma afirmação arrepiante: "O seu caminho atingiu a sua habitação". O aviso que se sobrepõe ao ano termina com as palavras "objeto semelhante a uma estrela". Logo acima de 2006 está uma aparente confirmação do momento: "Ano previsto para o mundo". Outras probabilidades estão codificadas. Tanto "5770" como "5772" — os anos 2010 e 2012 — também aparecem com "cometa". "Dias de horror" cruza 2010. "Escuridão" e "penumbra" cruzam "cometa" logo abaixo. "Terra aniquilada" afirma o texto oculto logo acima do ano 2012. Mas onde 2012 está codificado há também uma afirmação de que o desastre será evitado, que o cometa será bloqueado: "Será desfeito em pedaços, expulso, eu o despedaçarei, 5772."

Foi exatamente isso que aconteceu ao cometa que atingiu Júpiter. Antes de atingir o planeta, desfez-se em 20 pedaços separados. Mas depois cada um deles bombardeou Júpiter todos os dias durante uma semana. Há um conto antigo, narrado no Talmud, sobre um rei que se zangou com o seu filho e jurou que lhe atiraria uma pedra massiva. Mais tarde, arrependeu-se, mas não podia voltar atrás na sua palavra. Então, ordenou que a pedra fosse partida em pequenos seixos e que cada um destes fosse atirado, um a um, ao seu filho. A parábola, encenada numa escala cósmica com Júpiter, também pode prever o destino do homem na Terra.

Existe uma teoria de que uma colisão por um cometa em tempos pré-históricos possa ter inspirado contos apocalípticos posteriores na Bíblia. "Estudos atuais indicam que deve ter havido pelo menos um impacto de dez gigatons nos últimos setenta mil anos", escreveu Timothy Ferris no New Yorker, "uma explosão horrível, que teria bloqueado o sol, inundado grande parte do mundo, encharcado a terra com fogo e cheiro a enxofre e, de outro modo, provocado um Apocalipse bíblico completo." Mas podem passar cem milhões de anos entre impactos suficientemente grandes para causar uma extinção global, e um milhão de anos entre explosões que poderiam destruir um país, e milhares de anos entre cometas que poderiam arrasar uma cidade. E na altura em que descobri que este perigo cósmico estava codificado na Bíblia, o previsto "holocausto atómico", o "holocausto de Israel" que poderia desencadear uma Guerra Mundial, estava a apenas semanas de distância. A contagem decrescente para o que poderia ser o verdadeiro Armagedão estava a chegar ao fim.

Capítulo Oito

Os Dias Finais

Quando voei de regresso a Israel no final de julho de 1996, o ameaçado "holocausto atómico" estava a apenas seis semanas de distância. No voo, li um artigo no Jerusalem Post referindo que o Primeiro-Ministro Netanyahu estava prestes a partir para um encontro com o Rei Hussein em Amã, na Jordânia. Isso também tinha sido previsto no código da Bíblia. Descobri-o uma semana antes de Netanyahu ser eleito, no mesmo lugar onde a sua vitória foi prevista, mais de dois meses antes da viagem que acabava de ser anunciada. "Julho a Amã" aparecia quase abertamente no código, logo ao lado de "Primeiro-Ministro Netanyahu". O artigo do jornal confirmava agora a sua viagem à Jordânia. Estava agendada para 25 de julho de 1996. "Meu Deus", disse para mim mesmo, "é real."

Mais uma vez, o código da Bíblia tinha provado estar certo. Há três mil anos, tinha previsto que em julho de 1996 Netanyahu iria a Amã. Se o código da Bíblia estava certo sobre isso, se era exato até aos mais pequenos detalhes, então também era provável que estivesse certo sobre o previsto "holocausto atómico", o "holocausto de Israel" e a "Guerra Mundial". O perigo parecia muito real. Então, no último minuto, a viagem de Netanyahu foi subitamente adiada. Na noite anterior à data em que o líder israelita deveria partir para Amã, o Rei Hussein adoeceu. O Primeiro-Ministro não foi à Jordânia até 5 de agosto. O código da Bíblia estava errado? O "Primeiro-Ministro Netanyahu" foi mesmo "a Amã", como previsto há 3000 anos. Mas não foi em "julho", como o código afirmava.

Fui ver Eli Rips. Perguntei-lhe se o código da Bíblia poderia funcionar como a física quântica. Se funcionasse, então não poderia dizer-nos simultaneamente o quê e quando. O Princípio da Incerteza dizia-o claramente — quanto mais precisamente se medisse o quê, menos precisamente se poderia medir o quando. Era por isso que a mecânica quântica previa não um, mas muitos futuros possíveis. Rips não invocou o Princípio da Incerteza. Em vez disso, apontou para a palavra no código da Bíblia logo acima de "Julho a Amã". Dizia: "Adiado". Poderia o código da Bíblia estar certo sobre um acontecimento, mas errado sobre a data? A questão tinha uma urgência especial nas semanas finais de uma contagem decrescente para um possível Armagedão.

Até 13 de setembro de 1996, o último dia de 5756, o ano do previsto "holocausto atómico", mantive-me em contacto estreito com os líderes israelitas. Três dias antes da data codificada com "holocausto de Israel", encontrei-me em Nova Iorque com o conselheiro de segurança nacional do Primeiro-Ministro, Dore Gold. No dia seguinte, enviei uma mensagem final ao chefe da Mossad, Danny Yatom, e o General Yatom mandou dizer que a

inteligência israelita estava em alerta. Mas nada aconteceu a 13 de setembro de 1996. Não houve nenhum ataque atómico. O ano hebraico de 5756 veio e foi, e Israel e o mundo continuavam em paz. Fiquei aliviado, mas intrigado. Estaria o código da Bíblia simplesmente errado? Ou o perigo seria real e apenas fora adiado? Pensei nisso durante todo o fim de semana e, na segunda-feira, enviei um fax a Yatom:

"Uma última palavra, e estou fora do negócio das previsões do futuro. O ataque atómico previsto para os últimos dias de 5756 foi obviamente uma probabilidade que não aconteceu — mas o meu palpite é que o perigo não acabou. Em várias ocasiões vimos coisas acontecerem como previsto, mas não quando previsto. Exorto-vos a permanecerem atentos àquilo que é quase certamente um perigo real." Eu não podia ter a certeza de que o perigo era real, mas agora tinha provas de que o futuro não estava gravado em pedra. Finalmente, havia uma resposta para a questão colocada pelo assassinato de Rabin, debatida por Einstein e Hawking, e levantada por Peres quando o avisei do ameaçado ataque atómico — "Se está previsto, o que podemos fazer?"

O futuro estava codificado na Bíblia. O homicídio de Rabin e a Guerra do Golfo provaram-no. Mas não estava pré-determinado. Era uma série de probabilidades e podia ser alterado. A pergunta soletrada pelas mesmas letras que soletravam o ano 5756 — "Vais mudá-lo?" — tinha sido respondida. Terão os israelitas, alertados pelo código da Bíblia para um ataque atómico, evitado o mesmo ao estarem em alerta na altura do perigo previsto? Terá o Primeiro-Ministro Peres, ao declarar publicamente o perigo três dias depois de me ter reunido com ele, posto cobro a um ataque terrorista planeado? Ou terá tudo mudado apenas por acaso, quando Netanyahu, no último minuto, adiou uma viagem diplomática à Jordânia?

Ao adiar a sua viagem, o Primeiro-Ministro pode ter salvado a sua vida. "Morte, julho a Amã" afirmava o texto oculto completo que cruzava o seu nome. A palavra "adiado" aparecia logo acima. "Adiado" aparecia mais duas vezes com o "Primeiro-Ministro Netanyahu", cruzando as palavras "a sua alma foi ceifada" e cruzando "assassinado". Ao salvar a sua vida, Netanyahu pode ter evitado, ou adiado, uma guerra. "A próxima guerra" estava codificada com uma previsão: "será após a morte do Primeiro-Ministro (outro morrerá)". Na verdade, o texto oculto completo afirmava "outro morrerá, Av", nomeando o mês hebraico equivalente a julho. E ao travar uma guerra no Médio Oriente, a viagem adiada pode ter evitado um conflito global.

Tanto as palavras simples da Bíblia como o código preveem que uma "Batalha Final", uma "Guerra Mundial", começará em Israel. Assim, o

mundo inteiro pode ter sido poupado, pelo menos por algum tempo, pela viagem subitamente cancelada. Seria realmente possível que uma pequena mudança, uma viagem que ocorreu dez dias mais tarde, pudesse fazer uma diferença tão grande? Se evitou um assassinato, sim. A Primeira Guerra Mundial foi, de facto, desencadeada por um assassinato.

O arquiduque austríaco Francisco Fernando foi morto em junho de 1914, desencadeando um conflito que, em poucas semanas, varreu toda a Europa e a Rússia e, finalmente, envolveu os Estados Unidos. "Uma curva errada feita pelo motorista do arquiduque colocou o herdeiro do trono austríaco face a face com [o seu assassino] Gavrilo Princip", observou um documentário da PBS, declarando a causa imediata da Primeira Guerra Mundial. "Num ápice, todo o continente ia estar em guerra."

Não é difícil imaginar que, num Médio Oriente já tenso, o assassinato de um segundo Primeiro-Ministro israelita em menos de um ano, numa capital árabe, pudesse desencadear uma guerra. E uma guerra total no Médio Oriente poderia rapidamente tornar-se global. Os físicos chamar-lhe-iam o "Efeito Borboleta". É fundamental para a Teoria do Caos. James Gleick, no seu livro Caos, cita o "Efeito Borboleta" — "A noção de que uma borboleta a agitar o ar hoje em Pequim pode transformar sistemas de tempestades no próximo mês em Nova Iorque." Terá Netanyahu, apenas por ir para a Jordânia dez dias mais tarde, travado a contagem decrescente para o Armagedão?

No código da Bíblia, logo acima de "Guerra Mundial" está uma data: "9 de Av é o dia da Terceira". Era o dia exato da viagem planeada de Netanyahu à Jordânia. O dia 25 de julho de 1996 era o 9 de Av de 5756 no antigo calendário hebraico. É uma data maldita na história judaica. É o dia em que Jerusalém foi destruída pelos babilónios em 586 a.C. É o dia em que Jerusalém foi destruída pelos romanos em 70 d.C. Ao longo da história, houve uma série de desastres que se abateram sobre os judeus nessa data, e ela é tão temida pelos religiosos que estes jejuam no 9 de Av e rezam por misericórdia. E agora o código da Bíblia afirmava que no "9 de Av" uma terceira Guerra Mundial poderia começar, com a terceira destruição da Cidade Santa, um ataque nuclear contra Jerusalém.

O nome antigo de Jerusalém, "Ariel", o nome utilizado no aviso original do Apocalipse, estava de facto codificado entre "Guerra Mundial" e "9 de Av é o dia da Terceira". Mas Netanyahu não foi a Amã, como planeado, no 9 de Av. E "adiado" está novamente codificado tanto com a data como com o nome do Primeiro-Ministro. Na verdade, tanto "Bibi" como "adiado" estão codificados com "9 de Av, 5756". No mesmo versículo, há um texto oculto entrelaçado que afirma: "Cinco futuros, cinco

caminhos". Era uma declaração clara de que o futuro tinha sido alterado. Também parecia uma declaração clara de que existiam muitos futuros possíveis e que o código da Bíblia revelava cada um deles.

Porque é que o código da Bíblia não nos dizia simplesmente o resultado final, o único futuro real? "Tudo está previsto, mas a liberdade de ação é dada", afirma o Talmud, o antigo comentário sobre a lei bíblica. Durante quase 2000 anos, os sábios debateram o aparente paradoxo — como pode haver livre-arbítrio humano se Deus sabe tudo antecipadamente? O código da Bíblia torna essa questão real para o mundo moderno. Obriga-nos a fazer a pergunta que o Primeiro-Ministro Peres me fez — "Se está previsto, o que podemos fazer?" "É um aviso, não uma previsão", disse eu ao líder israelita. "O que fazemos determina o resultado." Tentei dizê-lo com total confiança, porque queria acreditar nisso e queria que ele acreditasse. Mas, mais tarde, discuti o aparente paradoxo com Eli Rips.

"Não sei se o que está previsto pode ser alterado", disse Rips. "Tenho pensado muito nisso e outrora pensei que sabia a resposta, mas agora não sei." Disse a Rips que me parecia haver duas formas de ler as famosas linhas do Talmud. Primeira, que temos livre-arbítrio, mas o que escolhemos fazer é conhecido antes de o fazermos. Segunda, que embora todo o futuro esteja previsto, podemos alterá-lo. "Não posso aceitar que possamos alterar o que foi previsto", disse Rips, "porque todas as alterações que fazemos também eram conhecidas por Deus antecipadamente." "Eu costumava pensar que o nosso futuro estava previsto, ponto final", continuou Rips. "Mas o código da Bíblia fez-me perceber que existe outra alternativa — todos os nossos futuros possíveis foram previstos e nós estamos a escolher entre eles."

É por isso que tanto "Julho a Amã" como "adiado" estavam codificados. É por isso que 1996 estava codificado com "holocausto atómico", mas o perigo também estava codificado com vários outros anos. É por isso que as letras que soletravam o mesmo ano no calendário hebraico, 5756, também faziam uma pergunta: "Vais mudá-lo?" Porque é que o código da Bíblia não dizia apenas o único futuro real? A resposta parece ser que não existe apenas um futuro real, existem muitos futuros possíveis.

O "adiamento" está escrito na Bíblia e no código. Está escrito com "holocausto de Israel", tal como estava escrito com o "Primeiro-Ministro Netanyahu". "Holocausto de Israel" está codificado com o ano 2000, bem como com 1996, e as palavras "tu adiaste" estão codificadas no mesmo lugar. "5756" colocava uma pergunta: "Vais mudá-lo?" O texto oculto que

começa na mesma letra que inicia a grafia de "5760" dá a resposta: "Tu adiaste". O "adiamento" está escrito com "ano da praga". Onde "Israel e Japão" cruzam essas palavras, a mesma sequência de código afirma: "Eles adiaram o ano da praga". O "adiamento" está escrito com "Guerra Mundial". Onde os anos 2000 e 2006 estão codificados, o texto oculto afirma: "Eu adiarei a guerra". Está até escrito com o "Fim dos Dias". Cada vez que o "Fim dos Dias" aparece no texto simples da Bíblia, a palavra "adiado" aparece no texto oculto. Em Génesis 49:1-2, onde Jacob diz aos seus filhos o que lhes acontecerá "no Fim dos Dias", o "adiamento" é inerente ao próprio nome do Patriarca. Em hebraico, o nome "Jacob" também significa "ele vai evitar" e "ele vai adiar".

Terá o Fim sido "evitado" ou apenas "adiado"? Quando Moisés diz aos antigos israelitas o que acontecerá no "Fim dos Dias", o texto oculto parece dizer "adiado". Em Deuteronómio 31:29, o aviso de Moisés de que "o mal vos sobrevirá no Fim dos Dias" é precedido por um texto oculto que afirma: "Tu sabias que será adiado". E em Números 24:14, onde o feiticeiro Balaão prediz o "Fim dos Dias" — as palavras que estão codificadas tanto com "holocausto atómico" como com "Guerra Mundial" — o texto oculto afirma "amigo adiou". "Amigo adiou" sobrepõe-se a "o fogo abalou a nação". E o texto oculto no mesmo versículo também afirma "eu te aconselharei o que" e "eu te aconselharei quando". O "amigo" não é identificado. Mas parece ser quem quer que tenha codificado a Bíblia. Ainda não está claro se o Fim virá, quando o adiamento declarado terminar, mas uma coisa é clara — o "adiamento" está escrito em todas as profecias originais do "Fim dos Dias".

O Armagedão não foi evitado, de acordo com o código, apenas adiado. E havia muitas indicações no código da Bíblia de que o "adiamento" poderia ser muito curto. O "Primeiro-Ministro Netanyahu" está codificado com o ano corrente, "5757". E o ano hebraico que começou em setembro de 1996 e termina em outubro de 1997 é também o ano mais claramente codificado com o seu adversário, o líder palestiniano "Arafat". Com apenas duas semanas no novo ano, as tensões em Israel explodiram mais uma vez. Na quarta-feira, 25 de setembro de 1996, eclodiu uma guerra aberta em Israel. Durante três dias, a polícia palestiniana combateu soldados israelitas, que responderam com helicópteros de combate e enviaram tanques para a Cisjordânia pela primeira vez desde a Guerra dos Seis Dias de 1967. O número de mortos foi de 73, e centenas ficaram feridos. O que foi mais impressionante foi a rapidez com que a batalha

começou, quão subitamente a paz aparente em Israel se tornou numa guerra de tiros.

Liguei para Eli Rips em Jerusalém. "O meu próprio julgamento é que a perspetiva de guerra é agora uma alta probabilidade", disse Rips. "Não estou a falar agora como matemático, ou a partir do código da Bíblia, mas apenas como um israelita a observar a eclosão súbita de um conflito armado." A causa imediata da violência foi a abertura de um túnel sob o Monte do Templo em Jerusalém, o local do santuário mais sagrado dos judeus, o Muro das Lamentações, os restos do antigo Templo, e do terceiro santuário mais sagrado do Islão, a Cúpula do Rochedo. "Túnel", descobri para minha surpresa, aparecia no código com "holocausto de Israel". E quando verifiquei "holocausto atómico", fiquei chocado ao ver a cruzar "atómico" o nome da cidade da Cisjordânia onde os combates começaram, "Ramallah". O texto oculto completo afirmava: "Ramallah cumpriu uma profecia".

Mais uma vez, o código da Bíblia parecia estar a atualizar-se a si próprio, quase como se o codificador também estivesse a acompanhar a constante reviravolta dos acontecimentos no Médio Oriente. Uma localização estava codificada sobre a outra, uma crise sobre outra, um ano sobre outro, de modo que, finalmente, não havia forma de ter a certeza se o perigo real era em 1996, ou 1997, ou no ano 2000, ou mais além. Mas o perigo geral estava muito claramente declarado e muito claramente ligado ao momento presente. Não havia dúvida de que o código estava a descrever as pessoas, os lugares e os acontecimentos no atual conflito árabe-israelita. Olhei novamente para "holocausto de Israel". A palavra "anexado" aparecia duas vezes no mesmo lugar, contra probabilidades muito altas. Era a palavra que os israelitas usavam para descrever os dois territórios que capturaram aos árabes na guerra de 1967, os Montes Golã nas montanhas de frente para a Síria, e Jerusalém Oriental.

Esses eram os dois pontos de rutura no Médio Oriente moderno. "Arafat" também aparecia no texto oculto da Bíblia, codificado no único lugar onde ambas as declarações bíblicas do "Fim dos Dias" se juntam. Não podia ser por acaso, e era a declaração mais clara possível de que o atual conflito no Médio Oriente poderia realmente transbordar para o Armagedão. "É o que está declarado no Midrash", disse Rips, referindo-se ao antigo comentário sobre a Bíblia. "É talvez o 'exílio sob Ismael' mesmo antes do 'Fim dos Dias'.

Alguns dos Midrash dizem que, numa época de dominação árabe, 80% da população israelita será morta." Ficámos ambos em silêncio por um momento. "Isto pode ser o que está a encontrar no código", disse Rips. Eu não conhecia a antiga profecia. Ismael foi o primeiro filho do patriarca Abraão, aquele que ele enviou embora. De acordo com o Bible, ele é o antepassado de todos os árabes. O segundo filho de Abraão, Isaac, foi o herdeiro escolhido. Ele é o antepassado de todos os judeus. A disputa familiar durava há 4000 anos e estava previsto que chegaria a um fim terrível.

Em janeiro de 1997, Netanyahu e Arafat apertaram as mãos num controlo partilhado de Hebron, a cidade onde se diz que Abraão está sepultado, e estabeleceram um calendário para um acordo mais amplo. Mas a questão mais difícil, o estatuto final de Jerusalém, que tanto os israelitas como os palestinianos reivindicam como a sua capital, permaneceu por resolver. E não havia forma de saber se o aperto de mão tenso às 3 da manhã de 15 de janeiro levaria a uma paz real ou a uma nova eclosão de violência. Em março de 1997, a paz começou a desmoronar-se. Arafat rejeitou o primeiro passo na retirada planeada de Israel dos territórios ocupados. Netanyahu anunciou que iria construir um bairro judeu no coração de Jerusalém Oriental, vista pelos palestinianos como a capital da sua futura pátria. "A realidade mais triste que se tem vindo a manifestar em mim", escreveu o Rei Hussein da Jordânia a Netanyahu enquanto as tensões começavam a acumular-se, "é que não o encontro ao meu lado a trabalhar para cumprir a vontade de Deus para a reconciliação final de todos os descendentes dos filhos de Abraão."

E a 21 de março, a violência eclodiu em Tel Aviv, Jerusalém e Hebron. Um bombista suicida palestiniano matou três pessoas e feriu quarenta num café de Tel Aviv, no primeiro ataque terrorista desde que Netanyahu fora eleito. No mesmo dia, rebentaram motins em Hebron e na Jerusalém Oriental árabe, no local do projeto de habitação judaica, Har Homa. "Har Homa" está codificado no texto mais sagrado da Bíblia. Aparece sem saltos na Mezuzah, os quinze versículos que foram preservados num rolo separado e colocados na porta de todas as casas em Israel.

E codificadas com "Har Homa" estão as palavras sinistras: "Todo o seu povo para a guerra". "Todo o seu povo para a guerra", as palavras no código da Bíblia originalmente encontradas com o assassinato de Rabin, e encontradas novamente com a vaga de atentados à bomba em Jerusalém e

Tel Aviv que despedaçou a paz que Rabin tinha forjado com Arafat, tinham-se tornado mais uma vez uma realidade em setembro de 1996 e março de 1997. E essas mesmas palavras também apareciam com o perigo final, "holocausto atómico". Cada faísca que poderia desencadear o holocausto foi prevista, mas até que cada crise chegasse ao fim não havia forma de saber se era apenas mais uma escaramuça numa disputa de 4000 anos ou o início do Armagedão.

Pode ser impossível saber simultaneamente o quê e quando. "A física desistiu", disse Richard P. Feynman, o prémio Nobel que muitos consideram o maior cientista desde Einstein. "Não sabemos como prever o que vai acontecer numa determinada circunstância. A única coisa que pode ser prevista é a probabilidade de diferentes eventos. Só podemos prever as hipóteses." E, no entanto, a física quântica é um ramo da ciência altamente bem-sucedido. Funciona.

Talvez porque reconhece a incerteza como parte da realidade. Da mesma forma, o código da Bíblia funciona. Novamente, porque reconhece a incerteza como parte da realidade. "O nosso mundo está claramente refletido nele", disse Rips. "É como se estivéssemos a olhar para um espelho. Os nossos esforços para ver o futuro e para fazer algo a esse respeito provavelmente desempenham ambos um papel. Penso que é um evento interativo muito complicado."

Rips disse que quando estava a trabalhar ao seu computador, a pesquisar informações no código, por vezes sentia que estava online com outra inteligência. "O código da Bíblia não está realmente a responder agora", explicou ele, "apenas previu tudo de uma só vez, com antecedência." Segundo Rips, todo o código da Bíblia teve de ser escrito de uma só vez, num único clarão. "Nós experimentamo-lo como experimentamos um holograma — parece diferente quando o olhamos de um novo ângulo — mas a imagem, claro, está pré-gravada." É a história da raça humana gravada com mais de 3000 anos de antecedência. Não conta a história sequencialmente, mas tudo de uma vez.

Os acontecimentos modernos sobrepõem-se aos acontecimentos antigos, o futuro está codificado em versículos que falam do passado bíblico. Um versículo pode conter em si as histórias de outrora, de agora e de daqui a cem anos. "O problema é como decifrамos tudo isto", disse Rips. "É muito claramente não aleatório, mas é como se tivéssemos um

relatório de inteligência no qual só conseguimos ler uma em cada vinte palavras."

Rips estava, como sempre, cauteloso. "Isto é o produto de uma inteligência superior", disse ele. "Pode querer que compreendamos, mas pode não querer que compreendamos. O código pode não nos revelar o futuro a menos que sejamos dignos." Eu não concordava. Se o mundo estava realmente em perigo, pouco importava se éramos dignos. O codificador, se fosse bom, certamente nos avisaria. No final, havia um fosso intransponível. Rips era religioso. Eu não era. Para mim havia sempre uma pergunta — quem codificou a Bíblia, qual era o seu motivo, onde estava ele agora? Para Rips havia sempre uma resposta — Deus.

No final da minha investigação de cinco anos, encontrei a prova final de que o próprio código da Bíblia é real. E provas arrepiantes de que o mundo esteve mais perto do desastre em 1996 do que alguma vez saberemos. O nosso quase colapso em 1996 estava claramente declarado no texto simples de Isaías, o primeiro Apocalipse, o único livro da Bíblia encontrado intacto entre os Manuscritos do Mar Morto, aquele que parecia prever um ataque atómico contra Jerusalém. Não estava escondido num código. Estava abertamente declarado nas palavras simples do manuscrito de 2500 anos. O ano foi revelado num versículo único, um que contava o futuro ao contrário. O principal tradutor de textos hebraicos antigos, o Rabino Adin Steinsaltz, o homem a quem a revista Time chamou "um académico único num milénio", apontou-me esse versículo.

Fui ver Steinsaltz quando ouvi falar do código da Bíblia pela primeira vez. O rabino é também um cientista, e eu queria ver o que ele pensava sobre um código na Bíblia que previa o futuro, predizia acontecimentos que aconteceram milhares de anos depois de a Bíblia ter sido escrita, relatava em detalhe um futuro que ainda não existia. "Na Bíblia o tempo está invertido", disse Steinsaltz, notando uma estranha peculiaridade no texto hebraico original do Antigo Testamento. "O futuro está sempre escrito no pretérito, e o passado está sempre escrito no futuro." "Porquê?", perguntei. "Ninguém sabe", disse ele. "Podemos estar a mover-nos contra a corrente do tempo", disse Steinsaltz, notando que as leis da física são "simétricas no tempo", que correm tão bem para trás como para a frente no tempo. Ele abriu a sua Bíblia, procurando uma passagem do primeiro dos profetas, Isaías. "Aqui, em Isaías, diz que é preciso olhar para trás para ver o futuro", disse ele. "Onde Isaías diz: 'Anunciai-nos as coisas que ainda hão de vir', pode traduzir as mesmas palavras para ler: 'Eles contaram o futuro ao

contrário'. Na verdade, pode traduzir as mesmas palavras para ler: 'Anunciai as letras ao contrário'. É como a escrita em espelho."

Olhei para as letras ao contrário, mas não encontrei nenhuma revelação surpreendente. Só anos mais tarde, depois de descobrir que Isaías parecia prever um ataque atómico, é que olhei novamente para esse mesmo versículo. Isaías 41:23 declara: "Anunciai-nos as coisas que ainda hão de vir, para que saibamos que sois deuses; fazei bem, ou fazei mal, para que nos assombremos, e conjuntamente o vejamos." E agora, quando olhei para as letras ao contrário, o futuro contado ao contrário, vi que a escrita em espelho soletrava um ano — "5756". Não estava num código.

Estava simplesmente ali. No versículo de 2500 anos que "contava o futuro ao contrário", 1996, o ano do ameaçado "holocausto atómico", estava claramente declarado. E o mesmo aconteceu com o adiamento. Sobrepondo-se a "5756", o texto invertido declarava abertamente: "Eles mudaram o tempo". A pergunta feita pelas mesmas letras hebraicas que soletram o ano 5756 — "Vais mudá-lo?" — tinha sido respondida de forma decisiva na visão mais antiga do Apocalipse. A resposta estava abertamente declarada no versículo que nos mandam ler ao contrário — "Tu vais mudá-lo". Mais de 2000 anos atrás, no primeiro Apocalipse, o primeiro profeta, Isaías, previu o ano do verdadeiro Armagedão, 1996, e também o adiamento.

Uma pergunta permanecia sem resposta — até quando? Vi Eli Rips uma última vez na véspera de Ano Novo de 1996. Olhámos novamente para as estatísticas dos dois anos mais fortemente ligados a todos os acontecimentos do Apocalipse. Os anos 2000 e 2006, no antigo calendário 5760 e 5766, eram os únicos dois anos nos próximos cem que correspondiam tanto a "holocausto atómico" como a "Guerra Mundial". Todos os perigos declarados no código — "o Fim dos Dias", "holocausto de Israel", até "grande terramoto" — também correspondiam "em 5766". Rips calculou as probabilidades. Eram de pelo menos mil para um. "É algo excecional, realmente notável", disse Rips. "Alguém colocou intencionalmente esta informação na Torá." Isso ficou claro. Mas nenhum de nós sabia se o perigo era real. Disse a Rips que não conseguia acreditar totalmente nisso porque ainda não conseguia aceitar a profecia aberta da Bíblia, ainda não conseguia aceitar que haveria realmente um Fim dos Dias. "Se aceita a declaração oculta na Torá", disse Rips, "então também deve aceitar a declaração aberta."

Havia uma lógica no que ele dizia. Não havia dúvida de que o código computorizado parecia apoiar a profecia há muito conhecida da Bíblia, e no entanto para mim havia uma diferença. Eu tinha visto uma tornar-se realidade, e não a outra. "Acreditei que o código da Bíblia era real no dia em que Rabin foi morto", expliquei, recordando o momento. "Estava numa estação de comboios, encostado a uma parede, a falar com um amigo num telefone público. De repente, ele interrompeu-me e disse: 'Espera um minuto, quero ouvir as notícias sobre Rabin'. Tinha estado fora todo o dia, não tinha ouvido nada, mas soube instantaneamente que a previsão se tinha tornado realidade, que Rabin estava morto. Deslizei pela parede, até ao chão. E disse, para mim mesmo mas em voz alta: 'Meu Deus, é real'."

Rips disse que compreendia. "Foi o meu próprio sentimento, exatamente, quando os mísseis Scud foram disparados contra Israel no segundo dia da Guerra do Golfo, na data que encontrámos com três semanas de antecedência no código da Bíblia", disse ele. "Estava numa sala selada com toda a minha família. A minha mulher, os meus cinco filhos pequenos e eu estávamos todos a usar máscaras de gás. Conseguíamos ouvir as sirenes de ataque aéreo lá fora. Eram 2 horas da manhã do dia 3 de Shevat, 18 de janeiro de 1991. Esse era o dia que tinha sido codificado.

Sabia que os mísseis estavam a voar em direção a nós, ouvimos dizer que Tel Aviv já tinha sido atingida, e tudo o que conseguia pensar era: 'Funciona! O código funciona!'." Rips já investigava o código da Bíblia há seis anos quando a Guerra do Golfo começou, como previsto, quando previsto. Mas não foi senão na noite em que os Scuds atingiram Israel que ele acreditou totalmente que era real, tal como eu não tinha acreditado totalmente até Rabin ser assassinado, como previsto, quando previsto. "Acreditei antes como matemático", disse Rips. "Mas esta era uma perspetiva completamente diferente. Foi um estranho momento de alegria naquela sala selada, à espera que o míssil atingisse."

Outro cientista tinha-me falado outrora de sentimentos mistos semelhantes, de como se tinha sentido quando descobriu que toda a vida na Terra poderia estar condenada. Escrevi a primeira história de capa sobre esse aviso apocalítico, a descoberta de Sherry Rowland de que o ozono estava a ser destruído por produtos químicos criados pelo homem, numa altura em que ele era descartado como um excêntrico, quando todos lhe chamavam "Chicken Little". E agora lembrava-me do que ele me disse quando se provou que tinha razão e ganhou o prémio Nobel. "Não houve um momento de Eureka!, na verdade", disse Rowland. "Apenas cheguei a

casa uma noite e disse à minha mulher: 'O trabalho está a correr muito bem, mas parece o fim do mundo'."

Agora, na véspera de Ano Novo em Jerusalém, na cidade que o código da Bíblia alertava que seria o alvo de um ataque atómico que poderia desencadear o verdadeiro Armagedão, contei essa história a Eli Rips e ambos nos rimos. Mas não conseguia esquecer que, de acordo com o código da Bíblia, dentro de dez anos um "holocausto atómico" em Israel poderia desencadear uma terceira "Guerra Mundial", que poderíamos já estar no verdadeiro "Fim dos Dias". Não há forma de ignorar o facto claro de que um código computorizado na Bíblia, confirmado por alguns dos matemáticos mais famosos do mundo, um código que previu com precisão a Guerra do Golfo, a colisão de um cometa com Júpiter e o assassinato de Rabin, também parece declarar que o Apocalipse começa agora, que dentro de uma década poderemos enfrentar o verdadeiro Armagedão, uma Guerra Mundial nuclear.

Mas o código da Bíblia é mais do que um aviso. Pode ser a informação de que precisamos para evitar o desastre previsto. "O código salvará" aparece logo acima de "holocausto atómico", logo abaixo de "o Fim dos Dias". Não é uma promessa de salvação divina. Não é uma ameaça de condenação inevitável. É apenas informação. A mensagem do código da Bíblia é que podemos salvar-nos a nós próprios.

No final, o que fazemos determina o resultado. Portanto, fomos deixados onde sempre estivemos, com uma grande diferença — agora sabemos que não estamos sozinhos.

Coda

Os repórteres geralmente contam o que aconteceu, não o que vai acontecer. "Geralmente, as pessoas esperam que as coisas ocorram antes de tentarem descrevê-las", escreveu Jonathan Schell no seu livro definitivo sobre a ameaça nuclear, *O Destino da Terra*. "Mas como não nos podemos dar ao luxo, sob circunstância alguma, de deixar acontecer um holocausto, somos forçados, neste caso único, a tornar-nos os historiadores do futuro."

Nos dias seguintes ao assassinato de Yitzhak Rabin, cheguei relutantemente à mesma conclusão.

"Eu sei porque é que tu estás envolvido nisto", disse eu a Rips, tarde uma noite, uns dias após a morte de Rabin, quando já não havia qualquer dúvida de que o código da Bíblia era real. "Tu és matemático, és religioso e lês a Bíblia todos os dias. Mas eu não sei porque é que estou envolvido. Não sou religioso. Nem sequer acredito em Deus. Sou um cético total. Não haveria ninguém mais difícil de convencer de que isto é real do que eu."

"É por isso que estás envolvido", disse Rips. "Tu podes contar ao mundo moderno sobre o código da Bíblia."

"Sou apenas o repórter que tropeçou nisto", respondi.

Mas exatamente no momento em que o código da Bíblia se tornou uma realidade de vida ou morte, descobrimos que o código também previa um "holocausto atómico" em Israel, um ataque que poderia desencadear a primeira "Guerra Mundial" nuclear. Senti-me compelido a alertar tanto Peres como Netanyahu de que o código parecia prever um ataque atómico, tal como tinha alertado Rabin de que o código previa o seu assassinato.

Nunca imaginei que acabaria por me ver a procurar os detalhes do verdadeiro Apocalipse. Nunca imaginei que o "Fim dos Dias" estaria codificado na Bíblia com o ano corrente. Nunca imaginei que as profecias bíblicas do Armagedão, há muito conhecidas, pudessem de algum modo ser reais.

Fui repórter toda a minha vida. Comecei no turno da noite da secção policial. Sempre tive uma visão da realidade muito prática e terra a terra. E estava determinado a lidar com esta história da mesma forma que lidava com qualquer outra história. Havia dois problemas. Não conseguia obter uma entrevista frente a frente com o codificador. E não podia verificar os factos no futuro.

Estará o código da Bíblia apenas a dar uma roupagem científica à febre do milénio, ou estará a alertar-nos, talvez mesmo a tempo, de um perigo muito real? Não há forma de saber. O código pode não estar nem "certo" nem "errado". Provavelmente diz-nos o que poderia acontecer, não o que vai acontecer. Mas como não podemos deixar que o nosso mundo seja destruído, não podemos simplesmente esperar — temos de assumir que o aviso no código da Bíblia é real.

Notas de Capítulo

O Dr. Rips realizou uma experiência formal controlada apenas no Livro do Génesis, mas encontramos consistentemente detalhes precisos de acontecimentos modernos também codificados no resto da Torá, os primeiros cinco livros da Bíblia. O assassinato de Rabin, por exemplo, estava codificado em Números e Deuteronómio. "Ficaria surpreendido se o mesmo código que provámos existir no Génesis não existisse no resto da Torá", afirma Rips. E ele concorda que outras partes do Antigo Testamento, como Daniel e Isaías, também poderiam estar codificadas. A colisão do cometa com Júpiter estava codificada em Isaías, onde a data do impacto também foi encontrada com antecedência.

O próprio código da Bíblia parece confirmar que todo o Antigo Testamento está codificado. "Ele codificou a Torá, e mais", afirma o código, uma evidência de que não apenas os primeiros cinco livros, mas pelo menos alguns dos escritos posteriores também contêm informações ocultas. De facto, a codificação mais clara de "código da Bíblia" usa a palavra hebraica "Tanakh", o nome para todo o Antigo Testamento. "Tanakh" é na verdade um acróstico hebraico das primeiras letras dos nomes de todas as três partes do Antigo Testamento: a Lei, os Profetas e os Escritos. Cruzando as palavras "código da Bíblia" está um texto oculto que afirma que este foi "selado perante Deus" — uma aparente declaração de que o código da Bíblia é o "livro selado", a revelação secreta prevista no texto simples da Bíblia.

Rips usou o texto padrão da língua hebraica do Génesis, conhecido como *Textus Receptus*, na sua experiência. O mesmo texto completo da Bíblia é utilizado no programa de computador do código da Bíblia. A edição mais conhecida desse texto, a Bíblia de Jerusalém (Koren Publishing Co., 1992), também contém a tradução para inglês mais amplamente aceite do Antigo Testamento, sendo a principal fonte de citações do texto simples neste livro. Também consultei e por vezes utilizei uma tradução que alguns académicos preferem, realizada pelo Rabino Aryeh Kaplan, *The Living Torah* (Maznaim, 1981).

As citações do Novo Testamento são principalmente da Versão Rei Jaime, embora também tenha consultado uma tradução moderna conhecida como a Nova Versão Internacional. As declarações de Rips citadas ao longo deste livro provêm de uma série de conversas que tiveram lugar ao longo de cinco anos, principalmente na sua casa em Jerusalém, no seu gabinete na Universidade Hebraica, no seu gabinete na Universidade de Columbia e em centenas de entrevistas telefónicas.

CAPÍTULO UM: O CÓDIGO DA BÍBLIA

Chaim Guri ligou para o gabinete de Rabin na noite em que me encontrei com ele, 1 de setembro de 1994, e na manhã seguinte o motorista do Primeiro-Ministro recolheu a minha carta a alertar para o assassinato e entregou-a a Rabin. Guri, vencedor dos dois maiores prémios de escrita de Israel, o Prémio Bialik e o Prémio de Literatura de Israel, conhecia Rabin desde a infância e continuava a ser um dos amigos mais próximos do Primeiro-Ministro.

Yigal Amir, um judeu ortodoxo de 26 anos, disparou três tiros, atingindo Rabin duas vezes, após um comício político em Tel Aviv na noite de 4 de novembro de 1995. Mais tarde, disse que Deus lhe tinha ordenado que o fizesse, e afirmou que o assassinato era justificado pela lei religiosa porque Rabin planeava entregar a terra que Deus deu a Israel. "5756", o ano hebraico codificado com "assassinato de Rabin" e "Tel Aviv", começou em setembro de 1995 e terminou em setembro de 1996. Os anos codificados na Bíblia pertencem ao antigo calendário hebraico, que começa no tempo bíblico, 3760 anos antes do calendário moderno.

Além de Guri, duas outras pessoas sabiam, mais de um ano antes de acontecer, que eu tinha encontrado o assassinato de Rabin previsto no código da Bíblia e que tinha alertado o Primeiro-Ministro. Quando encontrei a previsão codificada pela primeira vez em 1994, mostrei-a a Eli Rips, que estava então em Nova Iorque como professor visitante na Universidade de Columbia. E na mesma viagem em que me encontrei com Guri, reuni-me com o cientista-chefe do Ministério da Defesa de Israel, o General Isaac Ben-Israel. O memorando que lhe entreguei, datado de 31 de agosto de 1994, declarava: "A única vez que o nome completo Yitzhak Rabin está codificado na Bíblia, as palavras 'assassino que assassinará' cruzam o seu nome... Penso que Rabin está em perigo real, mas que o perigo pode ser evitado." Mais tarde, encontrei-me novamente com o General Ben-Israel, juntamente com Rips, que o informou sobre os detalhes técnicos do código da Bíblia.

Um mês antes do assassinato, tentei novamente contactar Rabin diretamente. Ele estava nos Estados Unidos para assinar um acordo de paz provisório com Arafat na Casa Branca. Enviei uma mensagem ao seu principal assessor a 30 de setembro de 1995, declarando: "No ano passado, estive em contacto com o Primeiro-Ministro Rabin através do seu amigo próximo, Chaim Guri. Ele falou com o Primeiro-Ministro depois de se encontrar comigo e enviou-lhe uma carta sobre uma possível ameaça à vida do Sr. Rabin. Descobri novas informações que sugerem que o Primeiro-Ministro Rabin pode estar em grande perigo." O assessor não me deu resposta e não consegui contactar o Primeiro-Ministro, que foi morto cinco semanas mais tarde.

Falei novamente com Guri no dia seguinte à morte de Rabin, depois voei para Israel e encontrei-me com ele em Jerusalém. Na chamada telefónica e no nosso encontro, ele contou-me a sua reação ao ver a previsão do assassinato concretizar-se e o seu telefonema imediato para o General Barak. Ehud Barak, o herói militar mais condecorado de Israel, tinha sido durante muitos anos o chefe de estado-maior do Exército, e Guri referiu-se a ele dessa forma, mas na altura em que Rabin foi morto, Barak era na verdade um ministro do gabinete.

Ouvi falar do código da Bíblia pela primeira vez por acaso, em junho de 1992, após uma reunião sobre um assunto inteiramente diferente com o General Uri Saguy, que era então o chefe da inteligência militar israelita. A informação veio de um jovem oficial, mas ninguém no nível superior da inteligência israelita tinha conhecimento do código da Bíblia até eu levar Rips para informar alguns dos oficiais técnicos num momento posterior.

Rips é professor associado no departamento de matemática da Universidade Hebraica em Jerusalém. A citação que ele me leu do Génio de Vilna veio de uma tradução para inglês de *The Jewish Mind*, de Abraham Rabinowitz (Hillel Press, 1978), pp. 33-34.

Witztum, colega de Rips, encontrou com antecedência a data precisa do primeiro ataque de mísseis Scud contra Israel, 3 de Shevat de 5751 (18 de janeiro de 1991). Rips confirmou que Witztum lhe disse a data e que o próprio Rips a viu codificada na Bíblia, três semanas antes de a Guerra do Golfo começar. Mais tarde, tanto Rips como a sua mulher contaram-me como se tinham sentido na noite em que o ataque de mísseis aconteceu na data exata encontrada com antecedência.

H.M.D. Weissmandel, o rabino checo que encontrou as primeiras evidências do código, nunca publicou ele próprio a sua descoberta. Mas os seus alunos publicaram mais tarde um livro de edição limitada que incluía uma breve referência ao seu trabalho sobre o código antes da Segunda Guerra Mundial, *Torat Hemed* (Yeshiva Mt. Kisko, 1958). Um dos seus alunos, o Rabino Azriel Tauber, disse que Weissmandel, numa era pré-computador, escreveu toda a Torá em cartões de arquivo, com 100 letras em cada cartão, dez linhas de dez letras cada, e depois procurou palavras soletradas com saltos equidistantes.

A procura de Isaac Newton pelo código da Bíblia foi revelada pelo grande economista John Maynard Keynes em *Essays and Sketches in Biography* (Meridian Books, 1956), pp. 280-290, "Newton, the Man". Richard S. Westfall, em *The Life of Isaac Newton* (Cambridge University Press, 1993), p. 125, também citou os cadernos teológicos de Newton e

afirmou que o físico "acreditava que a essência da Bíblia era a profecia da história humana". Ver também, de Westfall, *Never at Rest: A Biography of Isaac Newton* (Cambridge University Press, 1980), pp. 346ss.

Vi pela primeira vez o relatório da experiência de Rips e Witztum no rascunho original que submeteram para revisão por pares, e o resumo citado é desse rascunho. O artigo foi finalmente publicado numa revista de matemática americana, *Statistical Science*, em agosto de 1994 (vol. 9, n.º 3), pp. 429-438, "Equidistant Letter Sequences in the Book of Genesis", Doron Witztum, Eliyahu Rips e Yoav Rosenberg. Falei com o editor da revista, Robert Kass, antes de o artigo ser publicado. A sua nota editorial é citada a partir da pré-impressão que ele me leu. Foi posteriormente publicada em *Statistical Science*, p. 306. O artigo completo de Rips-Witztum está reimpresso no Apêndice deste livro.

Os resultados que Rips e Witztum relataram na *Statistical Science* foram de que os nomes tinham correspondido às datas contra probabilidades de quatro em um milhão, mas numa série de experiências posteriores descobriu-se que as probabilidades reais eram de uma em dez milhões. Os resultados originais foram obtidos pegando no conjunto de 32 nomes e 64 datas e misturando-os em um milhão de combinações diferentes, de modo que apenas uma era um emparelhamento completamente correto. Rips e Witztum fizeram então uma execução no computador para ver qual dos milhões de exemplos obtinha um melhor resultado — onde a informação se reunia mais claramente na Bíblia. "Em quatro casos, o emparelhamento aleatório venceu", explicou Rips. "O emparelhamento correto venceu 999.995 vezes." Mas numa segunda experiência, onde todas as correspondências corretas de nomes e datas foram eliminadas dos emparelhamentos misturados, e a única informação correta aparecia na lista completamente exata, e 10 milhões de permutações foram verificadas, os resultados foram de um em 10 milhões. "Nenhum dos emparelhamentos aleatórios saiu mais alto", disse Rips. "Os resultados foram 0 contra 9.999.999, ou um em 10 milhões."

Harold Gans contou-me os resultados da sua experiência independente numa entrevista telefónica a 25 de janeiro de 1993, e detalhou-os ainda mais noutra entrevista telefónica em dezembro de 1996. No seu artigo submetido à *Statistical Science*, Gans declarou: "Concluímos que estes resultados fornecem corroboração dos resultados relatados por Witztum, Rips e Rosenberg." Gans afirmou que as probabilidades de encontrar as cidades codificadas com os nomes dos sábios eram de 1 em 200.000.

Nos anos decorridos desde que o artigo de Rips-Witztum foi publicado em agosto de 1994, ninguém apresentou uma contestação à

revista de matemática, afirmou Kass numa entrevista telefónica em janeiro de 1997. Um cientista australiano, Avraham Hasofer, publicou uma breve crítica ao código da Bíblia numa pequena revista religiosa, *B'Or Ha'Torah* (n.º 8, 1993), pp. 121-131. Mas isso foi antes de Rips e Witztum publicarem a sua experiência. Hasofer não abordou as evidências matemáticas de que existe um código no Génesis, e Hasofer não realizou nenhuma experiência própria, nem investigou realmente o código da Bíblia.

Outro matemático australiano, Brendan McKay, levantou questões sobre a experiência de Rips-Witztum na Internet após este livro ter sido escrito. Ele sugeriu que o código encontrado no Génesis pode não existir no resto da Bíblia. Mas McKay não tinha conhecimento de que o assassinato de Rabin foi encontrado com antecedência, codificado em Números e Deuteronómio, e que outros eventos importantes foram encontrados em cada um dos cinco livros da Torá. McKay também questionou o método estatístico que Rips utilizou. Mas o artigo de McKay é apenas um rascunho preliminar. Não passou pelo processo de revisão por pares que o trabalho de Rips passou, e McKay não o submeteu à *Statistical Science* ou a qualquer outra revista com arbitragem científica. Rips respondeu a McKay, aceitando o seu desafio. "Penso que ele não tem razão", disse Rips.

O matemático mais famoso de Israel, Robert J. Aumann, observou que mesmo que McKay estivesse certo, o seu próprio rascunho preliminar afirmava que os resultados na experiência de Rips-Witztum continuariam a ser de 1 em 1000, o que na ciência comum continuam a ser resultados muito fortes, sendo de facto o teste mais rigoroso alguma vez aplicado por matemáticos.

O estatístico de Harvard Persi Diaconis, numa carta datada de 7 de maio de 1990, estabeleceu de facto esse padrão para a experiência de Rips-Witztum que provou a existência do código da Bíblia: "Para a publicação de uma alegação tão fantástica, penso que deve ser exigido um nível de significância de 1/1000 ou melhor." A experiência realizada por Rips e Witztum de acordo com todas as exigências de Diaconis teve um nível de significância de pelo menos 1/50.000 (e uma experiência posterior mostrou que as probabilidades eram realmente de 1/10.000.000). Diaconis recomendou que o artigo fosse publicado na revista de matemática *Statistical Science*.

Um matemático israelita, que pediu para não ser citado pelo nome, disse-me em dezembro de 1996 que iniciou uma "investigação preliminar" da experiência de Rips-Witztum. Ele afirmou que "não tem evidências" de que as descobertas deles estejam erradas e, de facto, afirmou que "a matemática é perfeita, assim como a ciência da computação". No entanto,

questionou a forma como Rips e Witztum escolheram os nomes dos sábios que cruzaram com as datas de nascimento e morte no código da Bíblia.

Levei as suas questões a Rips. Rips disse-me que ele e o seu colega Witztum tinham primeiro compilado uma lista de 34 sábios a partir de um texto de referência padrão, *The Encyclopedia of Prominent Jewish Scholars*, fazendo-o de forma inteiramente mecânica, utilizando apenas os nomes dos homens aos quais a Enciclopédia dedicava três ou mais colunas. A sua primeira experiência, segundo Rips, mostrou "uma correlação muito forte entre os nomes e as datas", provando aparentemente a existência de um código no Génesis.

Mais tarde, o estatístico de Harvard Persi Diaconis, uma autoridade independente que supervisionava a experiência deles, exigiu "dados novos", uma nova lista que não pudesse ter sido selecionada para ter sucesso. Diaconis também sugeriu o método experimental que Rips e Witztum utilizaram, um milhão de permutações dos nomes e datas, para testar se o emparelhamento correto de nomes e datas era realmente a melhor correspondência no código da Bíblia.

Rips e Witztum compilaram uma segunda lista de 32 nomes, novamente de forma mecânica, utilizando na sua experiência todos os sábios aos quais a mesma Enciclopédia dedicava pelo menos uma coluna e meia e menos de três colunas. Como muitos dos sábios, especialmente em tempos pré-modernos, usavam vários nomes diferentes e existiam grafias diversas para alguns dos nomes, Rips e Witztum submeteram então la lista final de 32 ao presidente do departamento de bibliografia bíblica da Universidade Bar-Ilan de Israel, Dr. Shlomo Z. Havlin. Havlin, um dos principais especialistas em literatura rabínica do mundo, que ajudou a compilar o famoso banco de dados de literatura hebraica antiga de Bar-Ilan, tomou a decisão final sobre quais as grafias de quais nomes Rips e Witztum usariam na sua experiência. Entrevistei Havlin em Jerusalém em dezembro de 1996, e ele confirmou que, de forma independente, decidiu quais os dados que seriam utilizados por Rips e Witztum na experiência que provou a existência do código da Bíblia.

Havlin também fez uma declaração por escrito: "Confirmei que cada uma das duas listas de nomes e denominações foi decidida pelo meu julgamento, e que as examinei escrupulosamente contra o banco de dados computorizado do Centro de Processamento de Dados da Universidade Bar-Ilan."

Estes são, pois, os factos:

1. A lista de nomes utilizada na experiência final foi decidida por um académico independente, Havlin em Bar-Ilan;

2. Os nomes foram encontrados codificados com as datas, de acordo com um teste matemático concebido por um segundo académico independente, Diaconis em Harvard;

3. Os mesmos 32 nomes, mais os 34 nomes originais, foram então encontrados também a corresponder às cidades, por um terceiro cientista independente, o decifrador de códigos do Pentágono, Gans.

A experiência que provou a existência do código da Bíblia não poderia ter sido manipulada.

Não obstante, o matemático israelita que pediu para não ser identificado contestou os resultados da experiência de Rips-Witztum, alegando que se as colunas na Enciclopédia fossem medidas com maior precisão, três dos 32 nomes usados na experiência de Rips seriam eliminados e dois outros nomes seriam adicionados. Rips e Witztum aceitaram o seu desafio e executaram toda a sua experiência novamente em dezembro de 1996 e janeiro de 1997, utilizando a lista revista de nomes exigida pelo matemático cético. Os resultados, relatou Rips, foram "vinte vezes melhores do que na nossa experiência original" — em vez de quatro em um milhão, dois em 10 milhões. Por outra forma de medir as probabilidades, os resultados originais eram de um em 10 milhões, e os novos resultados de cinco em 100 milhões.

Realizei a minha própria experiência, mais limitada, verificando 20 descobertas do código da Bíblia apresentadas neste livro, para ver se alguma das mesmas codificações também aparecia num texto de controlo do mesmo tamanho, as primeiras 304.805 letras da tradução hebraica de *Crime e Castigo*. Metade dos nomes ou frases não apareceu de todo, e nenhum apareceu com informações coerentes e relacionadas. Por exemplo, "Yitzhak Rabin" não apareceu com nenhuma sequência de saltos em *Crime e Castigo*, nem "holocausto atómico". Isso era esperado, porque as probabilidades contra o nome completo de Rabin aparecer num texto de 304.805 letras eram de 10 para 1, e as probabilidades de "holocausto atómico" aparecer eram de quase 100 para 1.

Outras expressões como "Presidente Kennedy" e "Shakespeare" apareceram em *Crime e Castigo*. Isso também era esperado, porque as probabilidades eram de que ambos os nomes aparecessem com alguma sequência de saltos num texto daquele tamanho. No entanto, enquanto na Bíblia as palavras seguintes a "Presidente Kennedy" eram "para morrer", e

"Dallas" estava codificado no mesmo lugar, em *Crime e Castigo* não havia correspondência com o nome da cidade onde ele foi assassinado, e nada relacionado com o seu homicídio apareceu no mesmo lugar. Da mesma forma, "Shakespeare" apareceu uma vez em *Crime e Castigo*, mas não com "Hamlet" ou "Macbeth". O padrão foi consistente para todos os vinte nomes e frases verificados. Por vezes, combinações aleatórias de letras apareciam no romance, mas nunca com informações coerentes.

"Obviamente, se alguém procurasse por exemplos suficientes noutro livro", disse Rips, "acabaria por encontrar algumas palavras relacionadas que se cruzam, que aparecem no mesmo lugar. Isto seria esperado pelo acaso aleatório. Mas apenas no código da Bíblia existe informação consistente e coerente. E ninguém encontrou em *Guerra e Paz* ou em *Crime e Castigo* a previsão exata de um assassinato um ano antes de acontecer, ou as datas corretas de uma guerra com três semanas de antecedência. Ninguém encontrou nada parecido com isso em nenhum outro livro, em nenhuma tradução, ou em qualquer texto original em hebraico, exceto na Bíblia."

A lendária forma original da Bíblia ditada a Moisés por Deus — "contígua, sem interrupção de palavras" — foi declarada por um dos maiores sábios da história, Nachmanides, no seu *Comentário sobre a Torá* (Shilo, 1971), Charles Chavel, ed., vol. 1, p. 14. A continuidade da Bíblia original também se expressava na sua forma original como um rolo, não como um livro com páginas separadas, mas como um pergaminho contínuo que era desenrolado.

A afirmação de Einstein de que "a distinção entre passado, presente e futuro é apenas uma ilusão" provém de uma carta que escreveu à família do seu amigo de longa data Michele Besso, a 21 de março de 1955, Arquivo Einstein, 7-245, publicada em *The Quotable Einstein* (Princeton University Press, 1996), p. 61. Besso era um colega de trabalho no escritório de patentes suíço onde Einstein, de 25 anos, formulou a sua Teoria da Relatividade. A carta citada foi escrita logo após a morte de Besso, cinquenta anos mais tarde, menos de um mês antes da própria morte de Einstein. O contexto completo da sua afirmação sobre a verdadeira natureza do tempo é, por isso, comovente: "Agora ele partiu deste mundo estranho um pouco antes de mim. Isso não significa nada. Para nós, físicos crentes, la distinção entre passado, presente e futuro é apenas uma ilusão, por mais persistente que seja."

A afirmação de Stephen Hawking de que "a viagem no tempo pode estar ao alcance das nossas capacidades" é citada na sua introdução a *The Physics of Star Trek* (Basic Books, 1995), p. xii. Hawking repete a sua

crença na viagem no tempo na última edição do seu livro *Breve História do Tempo* (Bantam, 1996): "A possibilidade de viajar no tempo permanece aberta" (p. 211). Ele também observa que qualquer forma avançada de viagem espacial exigiria uma viagem mais rápida que a luz, o que significa automaticamente voltar atrás no tempo.

A colisão do cometa Shoemaker-Levy com Júpiter, iniciada a 16 de julho de 1994, foi observada por astrónomos em todo o mundo e relatada nos meios de comunicação internacionais. Os detalhes relatados provêm de uma série de reportagens no *New York Times* e na edição de 23 de maio de 1994 da revista *Time*.

Existe uma versão completa da Bíblia no hebraico original com quase 1000 anos, o Códice de Leninegrado, publicado em 1008 d.C. É a cópia intacta mais antiga do Antigo Testamento. Existe uma cópia ainda mais antiga da Bíblia Hebraica no Santuário do Livro, em Jerusalém, chamada Códice de Alepo, mas parte dela foi destruída num incêndio. Esse livro, quando ainda estava intacto, foi utilizado por Maimonides, o grande erudito do século doze. Partes de todos os livros da Bíblia (exceto Ester) e uma cópia completa de Isaías foram encontradas entre os Manuscritos do Mar Morto, que têm mais de 2000 anos. Todas as Bíblias no idioma hebraico original que existem atualmente são iguais, letra por letra.

De acordo com Adin Steinsaltz, o principal tradutor de textos hebraicos antigos, o Talmud declara claramente várias vezes que se uma cópia da Torá tiver uma única letra errada, não pode ser usada e deve ser enterrada. O programa de computador do código da Bíblia utiliza o texto hebraico original universalmente aceite. Portanto, não há dúvida de que informações sobre o mundo de hoje estão codificadas num livro que existia há pelo menos 1000 anos, e quase certamente há 2000 anos, exatamente na mesma forma em que existe hoje.

O meu encontro com Kazhdan e Rips em Harvard teve lugar a 22 de março de 1994, no gabinete de Kazhdan. Os seus comentários citados sobre o código da Bíblia são desse encontro. Kazhdan, juntamente com Piatetski-Shapiro, de Yale, e dois outros matemáticos famosos, também fez uma declaração por escrito que foi publicada em 1988, seis anos antes de a experiência de Rips-Witztum passar por três níveis de revisão por pares, observando que, embora fosse prematuro dizer que o código tinha sido estabelecido de forma decisiva naquela altura, "os resultados obtidos são suficientemente impressionantes para merecer um público amplo e para incentivar um estudo mais aprofundado". Quando nos encontrámos em Harvard, em 1994, a experiência original de Rips tinha acabado de passar pela revisão final por pares. Kazhdan declarou então que acreditava que o

código da Bíblia era real, mas que ainda não conseguia explicar a sua existência.

O meu encontro com Piatetski-Shapiro teve lugar no Instituto de Estudos Avançados de Princeton, em novembro de 1994, e as suas declarações citadas são dessa entrevista.

A afirmação de Stephen Hawking sobre o Princípio da Incerteza foi publicada em *Breve História do Tempo* (Bantam, 1988), pp. 54-55.

A afirmação de Einstein sobre a física quântica e Deus foi feita numa carta de 4 de dezembro de 1926 ao físico Max Born, publicada em *The Born-Einstein Letters* (Macmillan, 1971), pp. 90-91.

Encontrei-me com Robert J. Aumann no seu gabinete na Universidade Hebraica, em Jerusalém, a 25 de janeiro de 1996, e todas as suas declarações citadas foram feitas nesse encontro, exceto a afirmação final — "O código da Bíblia é um facto consumado" —, que ele fez numa reunião da Academia de Ciências de Israel a 19 de março de 1996, quando apresentou Rips, que fora convidado a falar na Academia. Aumann foi o matemático sénior mais diretamente envolvido na supervisão da experiência original de Rips-Witztum que provou a existência do código e, por isso, possui o conhecimento mais detalhado do trabalho deles. Encontrei-me e falei com Aumann em várias ocasiões desde o nosso primeiro encontro. Ele continua a ser um cético convencido: "Psicologicamente é muito difícil de aceitar, mas a ciência está inteiramente ao nível."

A sugestão do código de que existe uma "quinta dimensão" levou-me a reunir-me com o presidente do departamento de física de Harvard, Sidney Coleman, e com um dos principais especialistas na origem do universo, o físico do M.I.T. Alan Guth. Ambos me disseram, em entrevistas separadas, que a maioria dos físicos concorda agora que existe uma quinta dimensão, mas que ninguém consegue ainda definir o que ela é. Ambos, no entanto, declararam um aparente paradoxo — que a quinta dimensão é menor do que o núcleo de um átomo, mas que nós, todo o nosso universo, estamos dentro dela.

O antigo texto religioso citado por Rips é o *Livro da Criação* (*Sefer Yetzirah*), que, segundo a lenda, foi escrito inicialmente pelo patriarca Abraão, mil anos antes de Moisés receber a Bíblia no Monte Sinai. O *Livro da Criação* afirma que existimos num mundo de cinco dimensões: três dimensões de espaço, uma quarta dimensão de tempo e uma quinta dimensão espiritual. A ciência moderna confirma as primeiras quatro e não tem definição para a quinta. O capítulo um, versículo cinco do *Livro da*

Criação define as cinco dimensões desta forma: "Uma profundidade de início / Uma profundidade de fim, Uma profundidade de bem / Uma profundidade de mal, Uma profundidade de acima / Uma profundidade de abaixo, Uma profundidade de este / Uma profundidade de oeste, Uma profundidade de norte / Uma profundidade de sul." *O Livro da Criação*, traduzido por Aryeh Kaplan (Samuel Weiser, 1990), p. 44. Rips, ao citar esta antiga definição da "quinta dimensão", notou que cada dimensão é definida por um sistema de medição, e que a quinta dimensão pode conter todas as outras porque é definida pela distância entre o bem e o mal, e essa, disse Rips, "é a maior distância do mundo".

CAPÍTULO DOIS: HOLOCAUSTO ATÓMICO

Existe uma profecia consistente ao longo do Antigo Testamento de que Israel será devastado numa guerra terrível, e é esta profecia que deu origem à visão mais ampla do Apocalipse, mais conhecida pela previsão horripilante no Novo Testamento, o Livro do Apocalipse. A palavra "Apocalipse" vem do grego e significa na verdade "descobrir, revelar". Mas nos tempos modernos passou a significar a destruição final que é revelada na Bíblia. No Antigo Testamento, a destruição final está muito claramente focada em Israel. A sua declaração mais famosa encontra-se em Daniel 12:1 — "E haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação".

Mas a primeira declaração do Apocalipse vem de Isaías. Em Isaías 9:14 está declarado desta forma: "O Senhor cortará de Israel a cabeça e a cauda... num mesmo dia." Em Isaías 29:1 a ameaça está muito especificamente focada em Jerusalém, tal como em Daniel 9:12, que afirma: "Debaixo de todo o céu nunca se fez como se fez a Jerusalém." Tanto Daniel como Isaías 29 deixam claro que o perigo supremo está num tempo que ainda está por vir, que a destruição de Jerusalém não está apenas no passado, mas também no futuro.

A profecia mais conhecida da "Batalha Final" encontra-se em Apocalipse 20:7-9, que prevê que Satanás liderará um grande exército num ataque a Jerusalém. Os nomes das nações na horda invasora satânica, "Gogue e Magogue" (20:8), vêm na verdade do Livro de Ezequiel no Antigo Testamento, onde são descritos simplesmente como inimigos que invadirão Israel a partir do Norte num momento não especificado no futuro (Ezequiel 38-39). A própria palavra "Armagedão", que também vem do

Apocalipse (16:16), é na verdade uma transliteração grega do nome de uma cidade no norte de Israel, Megido.

No atual ambiente tenso do Médio Oriente, já é difícil lembrar que, na altura em que Rabin foi morto, Israel estava quase singularmente em paz. Isso foi alcançado em grande parte pelo aperto de mão entre Rabin e Arafat no relvado da Casa Branca a 13 de setembro de 1993. E não se desmoronou até que a vaga de terrorismo começou, como previsto no código, a 25 de fevereiro de 1996.

As letras que soletram o ano hebraico 5756 também soletram uma pergunta que traduzi como: "Vais mudá-lo?". Na verdade, o "o" está implícito no hebraico, mas não declarado. A tradução literal do hebraico é uma pergunta na forma plural: "Vós mudareis?". A questão não é se seremos mudados, mas se mudaremos algo mais. Assim, a melhor tradução para português da pergunta formada pelas letras que soletram o ano 5756, as palavras que dão o sentido mais claro do hebraico, são como foi indicado: "Vais mudá-lo?".

A minha carta original a Shimon Peres tinha a data de 9 de novembro de 1995 e foi-lhe entregue nesse dia por Elhanan Yishai, que conhecia o Primeiro-Ministro desde que Peres tinha treze anos e continuava a ser um amigo próximo e aliado no partido Trabalhista. A reação de Peres foi-me contada por Yishai após a reunião deles, menos de uma semana depois de Rabin ter sido morto. Encontrei-me com a secretária de imprensa de Peres, Eliza Goren, no gabinete do Primeiro-Ministro escassos dias depois, e o seu comentário citado é desse encontro. Vi novamente Goren em Nova Iorque a 10 de dezembro de 1995 e, nessa altura, entreguei-lhe outra versão da mesma carta que tinha enviado anteriormente ao Primeiro-Ministro.

A citação do relatório do Senado dos EUA sobre o perigo do terrorismo nuclear provém da declaração de abertura do Senador Sam Nunn, vice-presidente do Subcomité Permanente de Investigações do Senado, conforme transcrito no relatório original da sessão de 31 de outubro de 1995. Aparece com palavras ligeiramente alteradas no relatório final do comité, "Global Proliferation of Weapons of Mass Destruction" (Sen. Hrg. 104-422), p. 4.

A afirmação de que "até as batatas são muito melhor guardadas" do que as armas nucleares na colapsada União Soviética foi feita por Mikhail Kulik, o funcionário que investigou o roubo de 13,5 quilogramas de urânio enriquecido de um estaleiro de submarinos nucleares perto de Murmansk. É citada na *Scientific American* (janeiro de 1996), p. 42, "The Real Threat of Nuclear Smuggling", Phil Williams e Paul Woessner. O perigo foi

reforçado por vários especialistas em terrorismo nuclear, de dentro e de fora do governo dos EUA, incluindo funcionários do Pentágono e da C.I.A. que falaram comigo sob anonimato.

A oferta de um importante cientista russo para vender um sistema de mísseis soviético que ele próprio ajudara a desenvolver foi-me feita numa reunião em Moscovo, em setembro de 1991. A condição obviamente empobrecida dos principais cientistas nucleares, que tanto me chocou nos dias logo após a União Soviética ter começado a colapsar, aparentemente ainda existe até hoje. Em outubro de 1996, o chefe da mais importante instalação de design de armas nucleares na Rússia, Vladimir Nechai, suicidou-se devido à vergonha que sentia por não conseguir pagar aos seus cientistas durante meses seguidos.

Numa coluna do *New York Times* a 15 de novembro de 1996, outro funcionário russo que esteve no seu funeral notou a condição dos cientistas nucleares que lá se encontravam: "Aqui estava o orgulho da ciência russa; aqui estavam os físicos de estatura mundial, vestidos com os seus casacos puídos e camisas desbotadas com os punhos gastos." O funcionário, Grigory Yavlinsky, concluiu: "Na Rússia, ninguém pode garantir a segurança dos programas termonucleares."

A minha conversa telefónica com o General Jacob Amidror teve lugar em novembro de 1995. Amidror era então vice-chefe da Aman, a inteligência militar israelita. Ele é agora o principal assessor do Ministro da Defesa.

O General Danny Yatom contactou-me pela primeira vez por carta datada de 18 de dezembro de 1995, mas não falámos até à primeira semana de janeiro de 1996. A carta de Yatom declarava: "No seguimento da sua carta datada de 10 de dezembro de 1995 ao Primeiro-Ministro, Sr. Shimon Peres, ele pediu-me que me reunisse consigo para discussões." Nas nossas conversas telefónicas posteriores, Yatom, que era então o principal conselheiro militar de Peres, providenciou para que eu me reunisse diretamente com o Primeiro-Ministro. A declaração citada de Yatom é de uma conversa telefónica.

O meu encontro de 26 de janeiro de 1996 com Shimon Peres no gabinete do Primeiro-Ministro em Jerusalém foi agendado através de Yatom e contou com a presença de Goren. As perguntas citadas de Peres são desse encontro.

A declaração de Kadafi foi divulgada através da agência noticiosa líbia a 27 de janeiro de 1996 e relatada nos jornais israelitas no dia seguinte. A citação foi traduzida do diário *Ha'aretz*.

O meu encontro com o General Yatom foi a 28 de janeiro de 1996, no gabinete do Primeiro-Ministro em Jerusalém. Yatom disse-me que já tinha falado com Peres sobre a nossa reunião e referiu também que tinha lido a declaração de Kadafi. As suas declarações citadas são desse encontro.

O discurso de Peres, declarando o perigo do terrorismo nuclear, teve lugar em Jerusalém a 30 de janeiro de 1996. É citado a partir de uma reportagem de 31 de janeiro no *Jerusalem Post*. Mais tarde, Peres fez uma declaração semelhante no programa "Nightline" da ABC (29 de abril de 1996): "É a primeira vez na história que um movimento mau e malicioso, coberto por um revestimento religioso, pode adquirir estas armas terríveis. Imaginem o que teria acontecido se Hitler tivesse uma bomba nuclear."

CAPÍTULO TRÊS: TODO O SEU POVO PARA A GUERRA

O atentado terrorista de 25 de fevereiro de 1996 em Jerusalém e a série de atentados bombistas ao longo dos nove dias seguintes foram relatados em todo o mundo. O relato feito aqui é extraído do *New York Times* e do *Jerusalem Post*. Embora essa data, 5 de Adar no calendário hebraico, tivesse sido encontrada no dia em que Rabin morreu, quase quatro meses antes, como a previsão "todo o seu povo para a guerra" parecia tão improvável de se concretizar tão cedo, não a contei ao Primeiro-Ministro Peres quando me reuni com ele em janeiro. No último minuto, na noite anterior ao ataque de domingo de manhã, tentei contactar o General Yatom, mas não houve resposta no seu gabinete. Encontrei-me com Yatom a 30 de abril de 1996, junto à Embaixada de Israel em Washington, conforme tínhamos combinado numa conversa telefónica no início desse dia.

Liguei para Eli Rips a 28 de maio de 1996, o dia anterior às eleições israelitas, e disse-lhe que tinha encontrado "Primeiro-Ministro Netanyahu" codificado na Bíblia. Foi Rips quem descobriu, durante essa conversa telefónica, que a palavra "eleito" cruzava o nome de Netanyahu. Disse a Rips que não acreditava que isso fosse acontecer e perguntei-lhe o que pensava sobre a aparente falsa previsão no código da Bíblia. Ele sugeriu que esperássemos para ver o resultado. Rips concordou que era claramente contra as probabilidades que duas declarações de morte cruzassem "Primeiro-Ministro Netanyahu", mas disse não ter a certeza se essas palavras, que aparecem no texto simples da Bíblia, tinham significado em relação ao evento moderno, o homem vivo, codificado no mesmo lugar. "Mas eu tinha as mesmas reservas em relação à previsão do assassinato de Rabin", disse Rips, "por isso, desta vez não sei o que dizer."

As palavras com o nome "Amir" na tabela onde "Netanyahu" aparece com "Yitzhak Rabin" — "Ele mudou a nação, ele os tornará maus" — aparecem invertidas no texto simples da Bíblia, sobrepondo-se a "Amir", cujo nome também aparece invertido. Ambas estão no mesmo versículo da Bíblia onde as palavras "nome do assassino" aparecem no texto simples, Números 35:11.

Falei pela primeira vez com Ben-Zion Netanyahu a 3 de junho de 1996, por telefone, e enviei-lhe a carta citada dirigida ao Primeiro-Ministro com a data de 29 de maio. Falei com ele novamente a 9 de junho, e ele confirmou que tinha recebido a minha carta e a tinha entregue ao Primeiro-Ministro na sexta-feira, 7 de junho. O livro do Professor Netanyahu, *The Origins of the Inquisition*, foi publicado em 1995 pela Random House. É dedicado ao seu outro filho, Jonathan, que morreu a 4 de julho de 1976, liderando o famoso resgate em Entebbe. Rips retribuiu a chamada telefónica do velho Netanyahu na minha presença a 31 de julho de 1996. Rips confirmou-lhe que o código da Bíblia era um facto cientificamente comprovado e que tanto "holocausto atómico" como "holocausto de Israel" estavam codificados na Bíblia.

Encontrei-me com Ben-Zion Netanyahu na sua casa em Jerusalém no mesmo dia, 31 de julho. As suas declarações citadas são desse encontro. No dia seguinte, 1 de agosto, vi o velho Netanyahu novamente na sua casa em Jerusalém, ao final da noite. As suas declarações citadas são desse encontro. A minha última conversa com Ben-Zion Netanyahu nessa viagem a Israel ocorreu a 3 de agosto, por telefone, e as citações são dessa conversa telefónica. A última carta que enviei ao Primeiro-Ministro Netanyahu tinha a data de 20 de agosto de 1996 e foi-lhe novamente enviada através do seu pai.

CAPÍTULO QUATRO: O LIVRO SELADO

O "livro selado" é descrito em Apocalipse 5:1-5, e a história do Messias a abrir os "sete selos" é contada em Apocalipse 6-8. A versão original da mesma história aparece em Daniel 12:1-4. É impressionante que, no Novo Testamento, o livro selado seja aberto para libertar os quatro cavaleiros do Apocalipse, para fazer os mortos clamarem por vingança sobre os vivos, para desencadear um grande terramoto e fazer com que o Sol, a Lua e as estrelas fiquem negros e, finalmente, para causar "silêncio no Céu". No entanto, na história original contada no Antigo Testamento, o livro selado é aberto para salvar o mundo do desastre: "E naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que se achar escrito no livro" (Daniel 12:1).

O foco de Isaac Newton em Daniel e no Apocalipse é revelado por vários biógrafos, incluindo Keynes. Ao descrever os papéis ocultos de Newton, Keynes escreveu (p. 286): "Outra grande secção preocupa-se com todos os ramos dos escritos apocalípticos a partir dos quais ele procurava deduzir as verdades secretas do Universo — o Livro de Daniel, o Livro do Apocalipse."

O "Fim dos Dias" aparece quatro vezes nas palavras originais da Bíblia: Génesis 49:1-2, Números 24:14, Deuteronómio 4:30 e Deuteronómio 31:29. Uma segunda expressão bíblica do "Fim dos Dias" aparece nas últimas palavras de Daniel 12:13. Existem três formas de escrever qualquer ano hebraico com letras, e eu verifiquei as três para cada um dos próximos 120 anos, para ver qual correspondia melhor a ambas as expressões bíblicas do "Fim dos Dias". De 360 correspondências possíveis para cada uma das duas formas como a Bíblia declarava originalmente o "Fim", apenas um ano correspondeu a ambas — 5756, no calendário moderno o ano que começou em setembro de 1995 e terminou em setembro de 1996.

O "tempo de angústia" é predito em Daniel 12:1. A promessa de salvação, "livrar-se-á o teu povo", também está em Daniel 12:1.

Um dos primeiros Manuscritos do Mar Morto encontrados foi uma profecia não bíblica de "A Guerra entre os Filhos da Luz e os Filhos das Trevas", na qual a Batalha Final é descrita em termos militares detalhados. Para uma discussão mais detalhada das profecias apocalípticas ao longo dos tempos, ver *When Time Shall Be No More*, Paul Boyer (Harvard University Press, 1992).

A própria Bíblia descreve Deus a dar a Torá a Moisés em Êxodo 24:12. E Moisés é claramente identificado como o homem que escreveu "as palavras desta Torá num livro" em Deuteronómio 31:24. A descrição de Deus a descer no Monte Sinai é vividamente contada em Êxodo 19:16-20, a fonte da descrição neste livro.

Paul Davies é citado a partir de *The Mind of God* (Touchstone, 1993), p. 96.

O New York Times relatou a 18 de fevereiro de 1997 que os "computadores quânticos" podem estar ao nosso alcance, que a humanidade pode estar pronta para dominar o mundo dentro dos átomos e criar "um método de processamento de informação tão poderoso que seria para a computação comum o que a energia nuclear é para o fogo".

O astrónomo Carl Sagan sugeriu que uma tecnologia alienígena avançada "poderia parecer-nos magia" em *Pale Blue Dot* (Random House, 1994), p. 352. O autor de *2001*, Arthur C. Clarke, fez uma observação semelhante: "Qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da magia" (*Profiles of the Future*, Holt, Rinehart, and Winston, 1984). O "artefacto alienígena" imaginado por Paul Davies é descrito no seu livro *Are We Alone?* (Basic Books, 1995), p. 42. Stanley Kubrick, na sua famosa versão cinematográfica de *2001* de Clarke, mostrou um misterioso monólito negro que parecia reaparecer em etapas sucessivas da evolução humana, cada vez que estávamos prontos para ser levados para um nível superior. Quando lhe falei sobre o código da Bíblia, a reação imediata de Kubrick foi: "É como o monólito em 2001."

O início da Bíblia como uma escultura em pedra é contado em Deuteronómio 27:2-8, no qual Moisés instrui o povo a "escrever muito claramente em pedras todas as palavras desta Torá".

A citação de Jack Miles aparece em *God: A Biography* (Knopf, 1995), p. 365.

A alcunha de José, "Zafenate-Paneia", aparece em Génesis 41:45. Existe uma discussão de toda a especulação académica sobre os seus possíveis significados em Kaplan, *The Living Torah*, p. 207, incluindo uma representação hieroglífica egípcia do nome.

A passagem do "revelador de segredos" é de Daniel 2:47. A afirmação de Miles de que o Deus que ajudava José era aparentemente capaz de revelar o futuro, mas não de o mudar, é citada de *God*, p. 365, e a sua comparação do futuro a um "vasto rolo de filme" que pode ser pré-visualizado é citada da p. 365.

A citação que Rips me leu de Isaías 45:7, na qual o próprio Deus afirma claramente que faz tanto o bem como o mal, causou um furor a nível nacional quando foi citada por um rabino na série da PBS de Bill Moyers de 1996, "Genesis". Foi impressionante que a afirmação tenha sido uma surpresa tão grande, e tão controversa, porque não estava oculta, mas abertamente declarada num livro da Bíblia com 2500 anos, tanto no hebraico original como em todas as traduções padrão em inglês, incluindo a Versão Rei Jaime. Se após vários milénios a maioria das pessoas ainda não sabia, e não conseguia aceitar, o que estava claramente declarado na Bíblia como as palavras de Deus, como poderiam aceitar um código oculto na Bíblia?

A tradução alternativa das palavras finais do Livro de Daniel não está escondida num código; é simplesmente outra forma de ler as palavras simples do texto.

CAPÍTULO CINCO: O PASSADO RECENTE

A afirmação de Isaías de que "para ver o futuro, é preciso olhar para trás" provém do versículo 41:23, e é mais amplamente discutida no Capítulo Oito. Tem um significado especial na Bíblia, mas é também uma afirmação que qualquer pessoa que conheça a história do mundo faria. É o que Churchill disse: "Quanto mais para trás conseguires olhar, mais para a frente é provável que vejas." E o filósofo George Santayana disse: "Aqueles que não conseguem lembrar o passado estão condenados a repeti-lo."

Doron Witztum, colega de Rips, discutiu a sua investigação do código comigo quando nos encontrámos em junho de 1992 na sua casa em Jerusalém. Witztum também publicou, numa edição de autor limitada, as suas descobertas sobre o código, *The Additional Dimension* (Israel, 1989). O material sobre o Holocausto citado no Capítulo Um foi incluído nessa publicação.

Um facto significativo que notei desde a primeira semana que passei com Eli Rips a pesquisar o código da Bíblia é que conseguíamos encontrar no código nomes e lugares determinados por eventos conhecidos na história do mundo, ou pelo que estava na primeira página de um jornal naquele dia, coisas que lhe pedi para encontrar no momento. Da mesma forma, quando as pessoas mais tarde me pediam para encontrar nomes ou eventos em que eu não tinha pensado procurar, estes também estavam frequentemente codificados com informações relevantes.

Um editor com quem me reuni enquanto pesquisava para este livro, Sonny Mehta na Knopf, pediu-me para procurar Mahatma Gandhi. "M. Gandhi" estava codificado numa única sequência de saltos com as palavras "Ele será morto", tal como "Presidente Kennedy" foi imediatamente seguido numa única sequência de saltos pelas palavras "para morrer".

O assassinato de Sadat foi encontrado no código da Bíblia pelo colega de Rips, Witztum.

A compra daquilo que é agora conhecido como o Túmulo dos Patriarcas em Hebron, há 4000 anos por Abraão, é contada em Génesis 23, onde toda a transação é descrita em detalhe, incluindo a negociação entre Abraão e Efrom, um hitita, antes de se estabelecerem no preço, "400 siclos de prata".

Os planos do culto Aum Shinrikyo foram documentados num relatório do comité do Senado dos EUA sobre a ameaça de terroristas que utilizam armas não convencionais, "Global Proliferation of Weapons of Mass Destruction", Subcomité Permanente de Investigações (Sen. Hrg. 104-422). "O mundo foi forçado a prestar atenção na manhã de 20 de março de 1995", disse o vice-presidente do comité, o Senador Nunn, citando o dia em que o gás venenoso foi espalhado pelo sistema de metro de Tóquio.

"O culto, conhecido como Aum Shinrikyo, ganhou assim a distinção de se tornar o primeiro grupo, sem ser uma nação durante o tempo de guerra, a utilizar armas químicas em grande escala. Acredito que este ataque sinaliza que o mundo entrou numa nova era" (p. 5). O relatório do Senado citava um livro publicado pelo líder do culto, *Second Set of Predictions*, Shoko Asahara, no qual ele afirmava: "Estou certo de que, em 1997, o Armagedão irá eclodir." De acordo com um especialista americano independente em terrorismo, documentos apreendidos na altura da detenção de Asahara revelaram que ele tinha fixado uma nova e mais precoce data para o Armagedão, 1996.

Os detalhes do atentado de Oklahoma City provêm de reportagens no *New York Times*, *Time* e *Newsweek*. Um especialista em terrorismo nuclear no Pentágono disse-me mais tarde que se os bombistas de Oklahoma tivessem a quantidade de plutónio que caberia numa lata de Coca-Cola, e a tivessem incluído na sua bomba rudimentar de camião feita de fertilizante e combustível, poderiam ter tornado Oklahoma City inabitável por pelo menos um século.

CAPÍTULO SEIS: ARMAGEDÃO

A história da descoberta dos Manuscritos do Mar Morto é recontada no livro autoritário de Millar Burrows, *The Dead Sea Scrolls* (Viking, 1956), pp. 4-5. Tem havido várias versões contadas, mas todas envolvem um beduíno que tropeçou nos Manuscritos do Mar Morto de 2000 anos por acidente. Alguns acreditam que ele não era um jovem pastor, mas sim um contrabandista. Norman Golb, no seu livro *Who Wrote the Dead Sea Scrolls?* (Touchstone, 1995), afirma que os Manuscritos do Mar Morto foram salvos para preservar a Bíblia e outros escritos do Templo contra os romanos, antes de estes destruírem Jerusalém em 70 d.C. As grutas onde os manuscritos foram encontrados estão localizadas em Qumran, nas falésias acima do Mar Morto.

O manuscrito de Isaías foi o único livro completo da Bíblia encontrado entre os Manuscritos do Mar Morto. O original esteve em exibição, enrolado em torno do tambor que se encontra no centro do

Santuário do Livro, até que os curadores se aperceberam de que o antigo pergaminho estava a estalar. Um fac-símile está agora enrolado em torno do tambor, e o original está a ser restaurado. O arquiteto do Santuário, Armand Bartos, numa entrevista telefónica a 21 de outubro de 1996, revelou que o tambor foi projetado para se retrair e ser coberto por placas de aço para proteger o manuscrito de Isaías em caso de guerra nuclear. Parece que o dispositivo que ele projetou já não está funcional.

O Apocalipse é descrito em Isaías 29, e a primeira referência bíblica a um "livro selado" está em Isaías 29:11. A tradução alternativa de Isaías 29:17-18, que afirma que o livro selado será aberto e os seus segredos revelados, não está escondida num código de saltos, mas simplesmente num conjunto ligeiramente diferente de quebras de palavras no texto original.

Verifiquei "Guerra Mundial" e "holocausto atómico" contra todas as três formas de escrever cada ano hebraico para os próximos 120 anos. De 360 correspondências possíveis para cada uma das duas expressões, apenas dois anos corresponderam a ambas — 5760 e 5766, no calendário moderno os anos 2000 e 2006. Rips mais tarde verificou as estatísticas para as correspondências de "Guerra Mundial" e "holocausto atómico" com esses dois anos e concordou que os resultados eram "excecionais".

A estimativa de que existem atualmente 50.000 armas nucleares no mundo provém de especialistas em proliferação nuclear no Pentágono. Os mesmos especialistas afirmam que tanto os mísseis balísticos terrestres americanos como os russos podem atingir qualquer alvo na Terra em meia hora, e que os mísseis nucleares lançados de submarinos podem atingir a maioria das grandes cidades em quinze minutos. Uma Guerra Mundial nuclear poderia causar muito mais destruição em poucas horas do que a Segunda Guerra Mundial causou em seis anos. Ver também Jonathan Schell, *The Fate of the Earth* (Knopf, 1982).

A Mezuzah contém quinze versículos do último livro da Bíblia original, Deuteronómio 6:4-9 e 11:13-21, um total de 170 palavras, sempre escritas em 22 linhas. O pequeno rolo é enrolado e inserido num estojo de madeira ou metal, fixado na parte superior da ombreira direita da porta, seguindo o mandamento da Bíblia: "E as escreverás nas ombreiras de tua casa." Em hebraico, a palavra para "ombreira da porta" é "Mezuzah".

A afirmação do Senador Nunn é citada de "Global Proliferation of Weapons of Mass Destruction" (Sen. Hrg. 104-422), p. 4. A afirmação do Senador Richard Lugar é citada do mesmo relatório do Senado, pp. 10-11.

A afirmação de Peres é citada do seu discurso de 30 de janeiro de 1996 em Jerusalém. Jerusalém é a única cidade entre os nove alvos mais prováveis de um ataque nuclear que é uma correspondência estatística clara no código da Bíblia tanto com "holocausto atómico" como com "Guerra Mundial", e corresponde a ambos contra altas probabilidades. As outras cidades verificadas são Washington, Nova Iorque, Londres, Paris, Tóquio, Pequim, Moscovo e Tel Aviv. Paris é a única outra correspondência possível com "Guerra Mundial", mas o texto oculto completo parece ligar essa codificação a um antigo Primeiro-Ministro israelita: "de Paris, Peres".

A codificação de "Jerusalém" que corresponde tanto a "holocausto atómico" como a "Guerra Mundial" é a melhor codificação do nome dessa cidade na Bíblia, aquela com a sequência de saltos mais curta. Aparece num único versículo, Deuteronómio 5:9. Além disso, o antigo nome bíblico para Jerusalém, "Ariel", também aparece tanto com "Guerra Mundial" como com "holocausto atómico". Esse é o nome da cidade utilizado na primeira visão do Apocalipse, em Isaías 29:1-2. "Ariel" tem um segundo significado literal em hebraico, "lareira do altar", o lugar onde era feita uma oferta queimada. E em Isaías 29:2 a ligação chocante é abertamente declarada: "E ela será para mim como Ariel [uma lareira de altar]." Segue-se a visão de Isaías de uma destruição futura de Jerusalém, palavras que parecem descrever um holocausto atómico.

A descrição de Schell sobre o bombardeamento atómico de Hiroxima a 6 de agosto de 1945 é citada de *The Fate of the Earth*, p. 37. Apenas algumas frases da sua descrição detalhada são aqui citadas, e são citadas sem reticências. A descrição de Schell de uma explosão terrestre de uma bomba nuclear, que também parece ecoar as antigas palavras de Isaías, é citada de *The Fate of the Earth*, pp. 50-51, 53. Novamente, excertos de uma longa descrição detalhada são citados aqui sem reticências. Schell também observa que a bomba atómica de 12,5 quilotoneladas lançada sobre Hiroxima era "para os padrões atuais uma bomba pequena, e nos arsenais de hoje seria classificada entre as armas meramente tácticas" (p. 36).

Para uma discussão extensa sobre a longa e sangrenta história de conflitos religiosos em Jerusalém, ver Karen Armstrong, *Jerusalem* (Knopf, 1996). Na sua crítica do livro, o chefe do gabinete do *New York Times* em Jerusalém, Serge Schmemann, observou: "Três grandes religiões monoteístas consideram-na sagrada, mas nenhuma cidade tem uma história comparável de carnificina, destruição e discórdia" (*New York Times Book Review*, 8 de dezembro de 1996, p. 13).

O versículo do "Armagedão" é citado da Versão Rei Jaime do Novo Testamento, Apocalipse 16:14 e 16:16.

A etimologia da palavra "Armagedão" é confirmada em *The Oxford Companion to the Bible* (Oxford University Press, 1993), p. 56. É aí notado que a palavra "Armagedão" se encontra apenas em Apocalipse 16:16, onde é especificamente identificada como o nome "hebraico" para a localização da Batalha Final. O comentário de Oxford afirma então: "Os académicos explicam geralmente o Armagedão (NRSV: 'HArmagedão') como uma transliteração grega da frase hebraica *har megiddo* ('o monte de Megido')."

O versículo de "Gogue e Magogue" é citado da Versão Rei Jaime, Apocalipse 20:7-8. O comentário de Oxford (p. 256) nota que o Apocalipse aparentemente cita incorretamente Ezequiel 38-39, onde "Gogue" é identificado como o governante da terra de "Magogue". O comentário de Oxford também afirma: "A localização específica de Magogue é desconhecida."

A versão original em Ezequiel 38:15 prevê claramente que Israel será invadido a partir do norte. "Síria" está codificado com esse versículo, e os nomes antigos do Irão e da Líbia aparecem em Ezequiel 38:5. A matança que se segue está declarada em Ezequiel 39:17-18. A visão de Einstein sobre a Terceira Guerra Mundial e a Quarta Guerra Mundial foi citada numa exibição do seu manuscrito original manuscrito da Teoria da Relatividade no Museu de Israel, em Jerusalém, que também abriga o Santuário do Livro, onde os Manuscritos do Mar Morto estão expostos. É também publicada em *The Quotable Einstein*, p. 223.

Capítulo Sete: Apocalipse

"O grande terror" é predito em Deuteronómio 34:12, o último versículo da Bíblia original, as últimas palavras que a Bíblia diz que Deus ditou a Moisés no Monte Sinai. A tradução de Kaplan dos últimos três versículos da Torá declara: "Não se levantou mais em Israel profeta como Moisés, a quem o Senhor conhecesse face a face; nem semelhante em todos os sinais e prodígios que o Senhor o enviou para fazer na terra do Egito... e em tudo o que operou com mão forte, e em todo o grande terror que manifestou aos olhos de todo o Israel."

O texto oculto do último versículo não está propriamente num código, mas é revelado por quebras de palavras ligeiramente diferentes no texto original. O aviso é muito claro — "para todos, o grande terror: fogo, terramoto" — e não pode ser por acaso que este seja o último segredo revelado na Bíblia. Três anos são uma correspondência matemática muito boa com "o grande terror", os anos 2000, 2014 e 2113. É impressionante que todos os perigos apocalíticos, sejam desastres provocados pelo homem

ou naturais, pareçam estar agrupados no código da Bíblia, pelo menos de forma aproximada, dentro desses mesmos períodos de tempo.

O "grande terramoto" é predito em Apocalipse 16:18 e 16:20. Uma visão anterior do "grande terramoto" estava em Ezequiel 38:19-20, onde a localização é claramente declarada como sendo "a terra de Israel". E uma versão ainda mais antiga estava em Isaías 13:13, onde o terramoto ameaçado parece global, ou mesmo cósmico.

A grafia completa de "Los Angeles" em hebraico não aparece no código da Bíblia, mas a forma abreviada "L.A. Calif." está mais claramente codificada com "grande terramoto" do que qualquer outra grande cidade do mundo, e aparece também com "fogo, terramoto". Ambas as codificações aparecem com o mesmo ano, "5770", no calendário moderno 2010.

O relatório do Serviço Geológico dos EUA que prevê um grande terramoto no sul da Califórnia antes de 2024 foi publicado no *Bulletin of the Seismological Society of America* (vol. 5, n.º 2), pp. 379-439, em abril de 1995. Também entrevistei o coordenador do Serviço na Califórnia, David Schwartz, a 23 de outubro de 1996, e ele confirmou que se espera um sismo massivo no sul da Califórnia dentro dos próximos 30 anos, acrescentando que o norte da Califórnia é a segunda área mais provável nos Estados Unidos a ser atingida num futuro próximo. "Ninguém sabe ainda o quão bons somos nisto", disse Schwartz, "mas esses são os dois maiores alvos no mapa."

A estimativa oficial do governo chinês para o número de mortos no grande terramoto de 1976 em Tangshan foi de 242.000, mas de acordo com o *New York Times* o número de mortos foi de 800.000.

Disse ao meu então editor, Dick Snyder, em abril de 1993, que o código da Bíblia indicava que o Japão seria atingido por uma série de grandes terramotos. O sismo de Okushiri aconteceu a 12 de julho de 1993 e estava codificado com o nome do epicentro e o mês. O meu encontro com a ministra do gabinete japonês, Wakako Hironaka, teve lugar no seu gabinete em Tóquio, em setembro de 1993. O grande terramoto de Kobe ocorreu a 16 de janeiro de 1995, matando mais de 5000 pessoas.

Praticamente todos os cientistas acreditam agora que os dinossauros foram exterminados por um asteroide que se despenhou no que é hoje o Golfo do México, há aproximadamente 65 milhões de anos. As descobertas mais recentes sugerem que este causou uma tempestade de fogo em toda a América do Norte, matando imediatamente tudo neste continente, e que as cinzas resultantes da explosão bloquearam o Sol em redor do mundo, acabando por matar todos os dinossauros. A teoria original da extinção por

asteroide foi proposta em 1980 por Walter Alvarez, um geólogo em Berkeley. As descobertas mais recentes foram publicadas na edição de novembro da *Geology Magazine* por Peter Schultz e Stephen D'Hondt.

A criação de "o grande Tanin" é contada em Génesis 1:21. O nome do dragão que a Bíblia diz que Deus combateu, "Raabe", vem de Isaías 51:9. É um apelo a Deus: "Desperta, desperta, veste-te de força... desperta como nos dias passados, como nas gerações antigas. Não és tu aquele que cortou em pedaços a Raabe, e feriu o dragão?". A palavra hebraica aqui é novamente "Tanin".

O mito da Criação mais antigo que se conhece foi escrito milhares de anos antes da Bíblia, na Suméria, a área perto do Golfo Pérsico agora chamada Iraque. O mito sumério começa com a matança de um "dragão" por um "deus". E quase todas as civilizações antigas ao redor do mundo tinham um mito primordial semelhante.

O aviso de Brian Marsden de que o cometa Swift-Tuttle poderia atingir a Terra a 14 de agosto de 2126 foi feito a 15 de outubro de 1992. A reportagem citada do *New York Times* foi publicada a 27 de outubro de 1992. A reportagem citada da *Newsweek* foi publicada a 23 de novembro de 1992.

A colisão de 1994 do Shoemaker-Levy com Júpiter foi relatada em todo o mundo. O relato aqui feito é do *New York Times* e da revista *Time*. Eleanor Helin, a cientista da NASA responsável pelo rastreio de asteroides e cometas, foi citada no *New York Times* a 14 de maio de 1996, e os planos para evitar uma colisão com a Terra foram relatados tanto no *Times* como na *Newsweek*.

O conto antigo sobre o rei que partiu a grande pedra em seixos antes de a atirar ao seu filho é narrado em dois comentários antigos, *Midrash Salmos* 6:3 e *Midrash Yalkut Shimoni* 2:635. Mais tarde, um sábio do século dezoito, o Génio de Vilna, relacionou este conto com o destino final de um dos dois Messias previstos, aquele que, segundo a lenda, virá primeiro, num esforço para evitar o horror do Fim dos Dias. Tal como o filho do rei, disse o Génio de Vilna, ele "não sofrerá a pena de morte. Deve, no entanto, sofrer a dor das pedras mais pequenas." *Kol HaTor*, capítulo 1, parágrafo 6.

O cometa que atingiu Júpiter desfez-se em vinte pedaços antes de bombardear o planeta. É impressionante que o nome hebraico para o planeta Júpiter, "Zedek", que significa "justiça", seja a raiz de um nome utilizado para o Messias que vem primeiro, "Zadik", que significa "o justo".

A teoria de que uma colisão antiga por um cometa possa ter inspirado cenários apocalíticos posteriores na Bíblia é citada de Timothy Ferris, "Is This the End?", revista *New Yorker*, 27 de janeiro de 1997, p. 55. As probabilidades de um cometa ou asteroide atingir a Terra estão declaradas na p. 49.

Capítulo Oito: Os Dias Finais

A reportagem do *Jerusalem Post* referindo que Netanyahu estava programado para se reunir com o Rei Hussein em Amã a 25 de julho de 1996 apareceu na edição semanal publicada a 21 de julho. A data da viagem planeada também foi publicada em vários outros jornais israelitas nessa semana. A razão pela qual a viagem foi adiada, a doença súbita do Rei Hussein, foi confirmada pelo gabinete de imprensa do Primeiro-Ministro. O encontro de Netanyahu com Hussein a 5 de agosto foi relatado no *Jerusalem Post* a 6 de agosto.

"Ambas as viagens foram decididas no dia em que fui eleito", declarou Netanyahu numa conferência de imprensa, referindo-se à sua visita já concluída ao Cairo e à sua então planeada visita de julho a Amã. Ambas as viagens foram encontradas codificadas na Bíblia uma semana antes de Netanyahu ser eleito, onde a sua própria eleição foi prevista com antecedência.

Uma declaração mais formal do Princípio da Incerteza é feita por Stephen Hawking: "Quanto mais precisamente se tenta medir a posição de uma partícula, menos precisamente se pode medir a sua velocidade, e vice-versa." O resultado, segundo Hawking, é que a física quântica apenas pode "prever uma série de resultados possíveis diferentes" e "não um único resultado definitivo". *Breve História do Tempo*, p. 55.

O meu encontro com Dore Gold teve lugar pouco antes da meia-noite de 10 de setembro de 1996, no Essex House Hotel, em Nova Iorque. O meu fax para o General Yatom tinha a data de 11 de setembro e foi enviado nesse dia. Falei com o nosso intermediário, o General Ben Israel, a 10 de setembro e novamente a 12 de setembro, e ele disse-me que se tinha reunido com Yatom, e que Yatom confirmara que tinha recebido a mensagem e que a inteligência israelita estava a verificar o perigo potencial de um ataque atómico. O meu fax final para Yatom foi enviado a 16 de setembro.

O assassinato do arquiduque austríaco Francisco Fernando a 28 de junho de 1914 é aceite por todos os historiadores como a causa imediata da Primeira Guerra Mundial. Um documentário da PBS de 1996, "The Great War", reconfirmou esse facto, e um historiador de Oxford no programa

disse que o assassinato não só desencadeou a guerra, mas também levou inexoravelmente à Revolução Russa.

De facto, a PBS levantou a questão do que poderia ter acontecido se a carruagem do arquiduque tivesse virado à direita em vez de à esquerda, se não se tivesse cruzado no caminho do nacionalista sérvio que disparou sobre ele: "Uma curva errada feita pelo motorista do arquiduque colocou o herdeiro do trono austríaco face a face com Gavrilo Princip", o assassino sérvio.

O assassinato desencadeou uma reação em cadeia. Novamente, da PBS: "A 28 de julho de 1914, a Áustria declarou guerra à Sérvia. Mas a guerra entre a Áustria e a Sérvia significava guerra entre a Áustria e a Rússia. Isso significava guerra entre a Rússia e a Alemanha. E isso significava guerra entre a Alemanha e a França. E isso significava guerra entre a Alemanha e a Grã-Bretanha. Num ápice, todo o continente ia estar em guerra."

O "Efeito Borboleta" é citado por James Gleick em *Caos* (Penguin, 1987), p. 8. Ele também cita uma versão muito mais antiga do mesmo conceito, a partir de uma rima infantil (p. 23): "Por falta de um prego, a ferradura perdeu-se; Por falta de uma ferradura, o cavalo perdeu-se; Por falta de um cavalo, o cavaleiro perdeu-se; Por falta de um cavaleiro, a batalha perdeu-se; Por falta de uma batalha, o reino perdeu-se!"

O 9 de Av é não só, por tradição, a data em que o Primeiro Templo foi destruído em 586 a.C. e o Segundo Templo em 70 d.C., mas também a data em que a Inglaterra expulsou os judeus em 1290, a Espanha expulsou os judeus em 1492, e o dia em que as câmaras de gás de Treblinka começaram a funcionar em 1942, iniciando o Holocausto. Ver Aryeh Kaplan, *Handbook of Jewish Thought* (Maznaim, 1979), vol. II, pp. 339-340.

Alguns historiadores sugerem que os nazis escolheram o dia deliberadamente: "As expulsões em massa de Varsóvia começaram a 22 de julho de 1942, o dia anterior ao 9 de Av. No dia seguinte, o 9 de Av, as câmaras de gás de Treblinka começaram a funcionar. A organização destas ações num feriado judaico sombrio não foi coincidência. Os nazis estudavam o calendário judaico e frequentemente agendavam as ações mais destrutivas [em tais datas]. No espaço de dois meses, 300.000 judeus foram enviados para a morte." Nora Levin, *The Holocaust* (Schocken Books, 1973), p. 318.

De acordo com o Talmud, Deus amaldiçoou esse dia porque foi a data, nos tempos bíblicos, em que os primeiros batedores que Moisés enviou à

frente para a Terra Prometida voltaram com um "mau relatório", dizendo aos antigos israelitas que não a conseguiriam conquistar.

"Ariel" é o nome antigo de Jerusalém utilizado no primeiro aviso do Apocalipse em Isaías 29:1-2.

A citação paradoxal do Talmud sobre a coexistência do livre-arbítrio e da presciência provém de *Mishnah Avot* 3:15, e é atribuída ao Rabino Akiva.

Em hebraico, o nome "Jacob", que significa tanto "ele vai evitar" como "ele vai adiar", também significa "ele vai seguir", especificamente rastrear, ou mesmo vigiar como um detetive. Portanto, o nome do Patriarca Bíblico pode sugerir que ele está, de alguma forma, ainda a zelar pelo seu povo. O nome Jacob foi dado após um misterioso combate de luta livre com um visitante noturno não identificado (Génesis 32:25-29) e tornou-se o nome do país, "Israel". Em hebraico, "Israel" significa "ele lutará com Deus". A própria Bíblia explica o novo nome de Jacob dessa forma: "Não se chamará mais o teu nome Jacob, mas Israel; pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens, e prevaleceste" (Génesis 32:28).

Os três dias de guerra que começaram a 25 de setembro de 1996 foram relatados em todo o mundo. O relato aqui feito é extraído do *New York Times* e do *Jerusalem Post*. O túnel arqueológico sob o Monte do Templo em Jerusalém liga os lugares sagrados de três religiões: o Muro das Lamentações, a Cúpula do Rochedo e a Via Dolorosa, a rota que se diz que Jesus percorreu até à sua crucificação.

A palavra "anexado" que aparece duas vezes com "Holocausto de Israel" é utilizada pelas autoridades israelitas para descrever os dois únicos territórios capturados na guerra de 1967 que foram formalmente integrados em Israel, os Montes Golã e Jerusalém Oriental. O Golã pertencia anteriormente à Síria, que ainda o reivindica, e que recentemente posicionou tropas de elite em redor do mesmo. Jerusalém Oriental fazia parte da Jordânia e é reivindicada pelos palestinianos como a capital da sua pátria.

O nome "Arafat" aparece apenas duas vezes sem saltos no texto original da Bíblia, e uma dessas vezes aparece no único encontro das duas expressões bíblicas do "Fim dos Dias". Na verdade, aparece diretamente abaixo dessa frase, contra probabilidades muito altas. Além disso, as palavras seguintes no texto oculto, após o seu nome, declaram: "Lembra-te! Não te esqueças da confirmação do Tempo do Fim."

O "exílio sob Ismael" é predito principalmente no Zohar, um comentário antigo, parte do chamado "Midrash oculto" que revela os segredos não declarados abertamente na Torá. Existem várias referências no Zohar a um tempo futuro de guerra em Israel no "Fim dos Dias", antes da vinda do Messias. Em *Zohar Génesis* 1:119A está declarado que "os filhos de Ismael preparar-se-ão para despertar todas as nações do mundo para virem contra Jerusalém". É também declarado, no entanto, que Israel poderá ser salvo do ataque.

A história de Isaac e Ismael, os dois filhos de Abraão, é contada em Génesis 21. A mãe de Ismael era uma serva, Agar, a egípcia, e quando Isaac nasceu, a sua mãe, Sara, disse ao seu marido Abraão: "Deita fora esta serva e o seu filho; porque o filho desta serva não herdará com Isaac, meu filho" (21:10). Quando Ismael nasceu, as palavras simples da Bíblia parecem prever a batalha que estava para vir: "E ele será homem feroz, e a sua mão será contra todos, e a mão de todos contra ele" (Génesis 16:12).

O aperto de mão a meio da noite entre Netanyahu e Arafat, a 15 de janeiro de 1997, foi noticiado nesse dia no *New York Times*. Dois dias antes, quando surgiram os primeiros relatos do acordo, o *Times* noticiava: "As autoridades americanas não tinham a ilusão de que o acordo de Hebron iria impedir novas crises e confrontos, dada a desconfiança mútua fundamental e a antipatia entre o Governo israelita conservador e o Sr. Arafat. Espera-se que o alcance das novas retiradas e as questões ainda por negociar — Jerusalém, fronteiras, colonatos judeus — suscitem pelo menos tantas paixões e crises como Hebron. Os colonos judeus militantes irão certamente encarar a retirada de Hebron como uma traição. Os grupos islâmicos rejeicionistas entre os palestinianos poderão tentar usar novamente o terror para fazer descarrilar os acordos."

A série de acontecimentos em março de 1997 é relatada a partir de reportagens no *New York Times* e no *Jerusalem Post*. A citação da carta do Rei Hussein a Netanyahu é retirada de uma reportagem do *New York Times* de 12 de março de 1997. O atentado suicida de 21 de março foi noticiado no *Times* no dia seguinte.

Richard P. Feynman é citado do seu livro, *Six Easy Pieces* (Helix, 1995), p. 135. Feynman também afirma acreditar que o Princípio da Incerteza se relaciona com todas as coisas e que, por isso, "atualmente temos de nos limitar a calcular probabilidades" (p. 136). Feynman afirma ainda que não acredita que alguma vez iremos "superar esse enigma": "Ninguém encontrou (ou sequer pensou) numa forma de contornar o Princípio da Incerteza. Portanto, temos de assumir que ele descreve uma característica básica da natureza" (pp. 136, 132). Eu estava, por acaso, a ler

o livro de Feynman enquanto voava para Israel e soube que Netanyahu estava programado para ir à Jordânia no dia que o código da Bíblia tinha previsto com antecedência. Quando essa viagem foi subitamente adiada, percebi que o grande físico devia ter razão: não podemos ter a certeza do que vai acontecer, apenas podemos declarar probabilidades.

O escritor de ciência Timothy Ferris, no *New York Times Magazine* de 29 de setembro de 1996, afirmou que a física quântica "continua a ser um ramo altamente bem-sucedido da ciência". O seu artigo intitulava-se "Weirdness Makes Sense" (pp. 143ss).

O prémio Nobel Gabriel García Márquez, no seu romance *Cem Anos de Solidão*, fala da descoberta de um manuscrito que revela a história de uma família "cem anos antes do tempo". Conforme García Márquez a descreve, ele parece ter imaginado a verdadeira natureza da Bíblia e do seu código numa escala mais pequena. O escritor "não ordenara os factos no tempo convencional dos homens, mas concentrara um século de episódios quotidianos, de modo que todos coexistissem num único instante" (Harper, 1991), p. 421. Pensei nisso quando Rips me disse que todo o código da Bíblia teve de ser escrito de uma só vez, num único clarão.

O meu encontro original com o Rabino Adin Steinsaltz teve lugar no seu gabinete em Jerusalém, a 30 de junho de 1992, dois dias depois de me ter reunido pela primeira vez com Eli Rips, e encontrei-me com ele em várias das minhas visitas de regresso a Israel. Discutimos a verdadeira natureza do tempo e a forma como este poderia ser revelado pela inversão dos tempos verbais na Torá nesse primeiro encontro e noutras ocasiões. Steinsaltz disse-me que, embora a declaração do futuro como passado e do passado como futuro seja única na Bíblia, não existe um comentário extenso sobre a inversão dos tempos verbais.

Steinsaltz apontou-me primeiro para Isaías 41:23, o versículo na Bíblia que relacionava especificamente o ato de ver o futuro a "dizer as coisas ao contrário". Não foi senão anos mais tarde que descobri, de forma independente, que o versículo, lido ao contrário, indicava o ano do holocausto ameaçado, "5756".

Rips calculou as probabilidades de todos os perigos apocalíticos declarados no código corresponderem a uma única expressão do ano 2006, "em 5766", em cerca de mil para um. Ele concordou que era "notável" que este único ano entre 120 correspondesse unicamente a todos os perigos verificados: "o Fim dos Dias", "Guerra Mundial", "Holocausto Atómico", "Holocausto de Israel" e "Grande Terramoto". Rips também concordou que era "impressionante" que várias expressões dos mesmos anos 2000 e 2006

correspondessem igualmente aos mesmos perigos, mas disse que não havia uma forma clara de medir isso matematicamente. "Podemos ter a certeza de que não é aleatório, que foi codificado intencionalmente", disse Rips. "Não podemos ter a certeza se isso significa que o perigo é real."

A data do primeiro ataque de mísseis Scud, 18 de janeiro de 1991, foi relatada no *New York Times* e confirmada no *Facts on File Yearbook 1991*, p. 28. Oito Scuds foram disparados contra Israel por volta das 2 horas da manhã de 18 de janeiro (hora de Israel). Dois atingiram Tel Aviv. Três caíram perto de Haifa. Três caíram em campos abertos. Jerusalém não foi atingida. Os EUA tinham lançado a Operação Desert Storm, iniciando a Guerra do Golfo, no dia anterior, 17 de janeiro de 1991.

"O código salvará", as palavras que aparecem acima de "holocausto atómico" e abaixo de "o Fim dos Dias", também têm uma segunda tradução em hebraico: "códigos de Moisés". Êxodo 2:10 conta como Moisés recebeu o seu nome. De acordo com a Bíblia, ele nasceu no Egito numa altura em que o Faraó decretou que todos os bebés hebraicos do sexo masculino fossem mortos. A sua mãe, para o salvar, construiu uma pequena arca e colocou-a a flutuar no Nilo. A filha do Faraó encontrou a criança quando foi ao rio para se banhar e adotou-a como sua: "E chamou-lhe Moisés, e disse: Porque das águas o tenho tirado." Em hebraico, é um jogo de palavras. De acordo com o dicionário autoritário Alcalay (Massada, 1990), p. 1517, "Moisés" significa na verdade "puxar para fora, livrar, salvar".

Coda

A afirmação de Jonathan Schell "Somos forçados, neste caso único, a tornar-nos os historiadores do futuro" aparece em *The Fate of the Earth*, p. 21.

Notas Sobre as Ilustrações

(O Tradutor não fez uso delas nesta edição)

Os nomes e acontecimentos codificados na Bíblia usam o mesmo hebraico que aparece no texto simples da Bíblia e o mesmo hebraico usado pelos israelitas hoje em dia. Os anos codificados na Bíblia pertencem ao antigo calendário hebraico, que começa no tempo bíblico, 3760 anos antes do calendário moderno. Os anos equivalentes no calendário moderno estão também anotados em todas as impressões do código da Bíblia.

Os nomes de pessoas e lugares são retirados de fontes de referência padrão, como a *Enciclopédia Hebraica*. As grafias em hebraico para eventos mais atuais são as utilizadas pelos jornais israelitas. As traduções

de todas as codificações foram confirmadas pelo autoritário dicionário hebraico-inglês R. Alcalay (Massada, 1990) e pelo dicionário hebraico padrão integral, A. Even-Shoshan (Kiryat Sefer, 1985). E todo o material do código da Bíblia citado neste livro foi verificado por tradutores israelitas, que trabalharam comigo durante toda a investigação de cinco anos.

Muitas das impressões mais importantes do código da Bíblia reproduzidas neste livro foram vistas e confirmadas pelo Dr. Rips. As traduções do material sobre o assassinato de Rabin foram também confirmadas pelo Rabino Adin Steinsaltz, o principal tradutor de textos hebraicos antigos. Todas as impressões do código da Bíblia apresentadas neste livro foram confirmadas por estatísticas como estando codificadas para além do acaso. Está matematicamente provado que as combinações de palavras não são aleatórias.

As estatísticas são calculadas automaticamente por computador, de acordo com o modelo matemático concebido por Rips e Witztum, e validadas por uma revisão independente por pares. O computador pontua as correspondências entre as palavras utilizando dois testes: a proximidade com que aparecem juntas e se os saltos que soletram as palavras de pesquisa são os mais curtos na Bíblia. (Para uma explicação mais detalhada, ver o Apêndice.) O hebraico lê-se da direita para a esquerda, mas as palavras estão codificadas em ambas as direções e, tal como nas palavras cruzadas, também de cima para baixo e de baixo para cima.

Por vezes, o texto original da Bíblia, com divisões de palavras apenas ligeiramente diferentes entre as letras existentes, revela informações precisas sobre acontecimentos no mundo moderno. Neste livro, é chamado o "texto oculto". Podemos usar as palavras ocultas codificadas com "Watergate" para mostrar como funciona. O texto simples do quarto livro da Bíblia, Números 3:24, refere-se a um clã de uma das Doze Tribos de Israel: "o príncipe da casa paterna dos gersonitas". O texto hebraico original desse versículo está reproduzido abaixo:

PRÍNCIPE DA CASA PATERNA DOS GERSONITAS

No entanto, a mesma palavra que no hebraico bíblico significava "príncipe" ou "governante", no hebraico moderno é a palavra para "Presidente", a palavra usada hoje pelos israelitas para o "Presidente Clinton" ou para o seu próprio "Presidente Weizmann". E, com uma ligeira alteração nas divisões das palavras, as mesmas letras em Números 3:24 soletram uma frase inteiramente nova: "Presidente, mas foi expulso." Novamente, o hebraico original está reproduzido abaixo:

PRESIDENTE, MAS FOI EXPULSO

Assim, a única vez que "Watergate" está codificado em qualquer parte da Bíblia, aparece no mesmo lugar em que o texto oculto descreve a demissão forçada de Nixon. As palavras na Bíblia são exatas. "Watergate", "Presidente" e "expulso" foram as palavras utilizadas pelos jornais israelitas ao noticiarem a queda de Nixon.

Em alguns casos, o código da Bíblia usa uma forma condensada de hebraico, como seria de esperar num código. E o código da Bíblia, tal como a própria Bíblia, por vezes deixa cair letras que são geralmente usadas no hebraico moderno, principalmente o *vav* e o *yud*.

Todas as impressões do código da Bíblia apresentadas neste livro são citadas abaixo, com os números dos capítulos e versículos da Bíblia, mostrando onde estão codificadas. Todas as impressões do código que diferem, mesmo que ligeiramente, do hebraico comum, ou que requerem uma explicação adicional para as pessoas que não leem hebraico, são detalhadas.

Capítulo Um: O Código da Bíblia

- **"Yitzhak Rabin"** está codificado começando em Deuteronómio 2:33 e terminando em Deuteronómio 24:16. É a única vez que o seu nome completo está codificado em qualquer parte da Bíblia. "Assassino que assassinará" aparece em Deuteronómio 4:42, e "assassinará" cruza o nome de Rabin. É a única vez que essas palavras aparecem na Bíblia. (p. 15)

- **"Yitzhak Rabin"**, como foi notado, aparece em Deuteronómio 2:33-Deuteronómio 24:16. "Nome do assassino que assassinará" aparece em Deuteronómio 4:42. O nome do assassino de Rabin, "Amir", aparece em Números 35:11, e o texto simples do mesmo versículo inclui novamente as palavras "nome do assassino". (p. 16)

- **"Assassinato de Rabin"** está codificado de Êxodo 36:37 a Levítico 22:5. O ano em que foi morto aparece em Êxodo 39:3-4 e cruza tanto "assassinato de Rabin" como o lugar onde foi morto, "Tel Aviv". O nome da cidade está codificado de Êxodo 33:5 a Levítico 4:9. (p. 17)

- **"Fogo a 3 de Shevat"**, a data hebraica equivalente a 18 de janeiro de 1991, o dia do primeiro ataque de mísseis Scud na Guerra do Golfo, está codificado em Génesis 14:2-12. O nome do líder do

Iraque, "Hussein", está codificado em Génesis 14:9-14. Tanto a palavra "guerra" como "míssil", embora apenas marcadas uma vez na tabela, aparecem duas vezes, e o segundo "míssil" cruza "inimigo". (p. 19) A sequência completa do código declara, na verdade, "Hussein escolheu um dia". Está codificado em Génesis 14:6-17, o mesmo capítulo da Bíblia onde "fogo a 3 de Shevat" está codificado. Mas as duas frases são demasiado longas para caberem juntas numa única impressão.

A tradução literal das palavras codificadas seria "Hussein marcou um dia", como se o tivesse circulado num calendário. A grafia moderna em hebraico do nome "Hussein" teria geralmente mais uma letra, um *vav*, mas a grafia codificada na Bíblia é uma forma alternativa aceite e consistente com o hebraico bíblico. A codificação do seu nome com a data foi claramente intencional; o ataque aconteceu de facto, como previsto, "a 3 de Shevat".

- **"Yitzhak Rabin"**, como foi notado acima, aparece em Deuteronómio 2:33-Deuteronómio 24:16. (p. 27)

- **"Assassino que assassinará"**, como foi notado acima, aparece em Deuteronómio 4:42. (p. 28)

- **"Amir"** aparece em Números 33:14-15. É a terceira forma pela qual o nome do assassino está codificado com o homicídio. (p. 29)

- **"Clinton"** está codificado começando em Génesis 24:8 and terminando em Números 26:24. O seu nome é soletrado no código da Bíblia exatamente como é soletrado na imprensa israelita. "Presidente" aparece ligado a "Clinton" em Números 7:2. É, novamente, exatamente a palavra utilizada para "Presidente" no Israel moderno. (p. 32)

- **"Watergate"** está codificado de Génesis 28:21 a Números 19:18. "Quem é ele? Presidente, mas foi expulso", conforme explicado em detalhe acima, aparece em Números 3:23-24. (p. 33)

- **"Colapso económico"** está codificado de Êxodo 20:9 a Deuteronómio 11:6. Aparece apenas uma vez em toda a Bíblia, e o ano em que começou, 1929, aparece no mesmo lugar. O ano hebraico equivalente, "5690", está codificado em Números 10:8. (p. 34)

- **"Homem na Lua"** está codificado de Números 19:20 a Números 27:1. "Nave espacial" cruza-o, codificado em Números 22:25. (p. 35)

- **"Shoemaker-Levy"**, o nome do cometa que atingiu Júpiter, está codificado começando em Génesis 19:38 e terminando em Génesis 38:19. "Júpiter" está codificado de Génesis 30:41 a Génesis 31:1. (p. 36)

- **"Shoemaker-Levy"** está novamente codificado em Isaías 25:11 a Isaías 27:4. "Júpiter" está codificado em Isaías 26:16. E a data em que o cometa atingiu o planeta, "8 de Av", aparece em Isaías 26:20. (p. 37) Existem duas formas de soletrar "Júpiter" em hebraico, e ambas estão codificadas com o nome do cometa que atingiu o planeta. A primeira grafia é uma transliteração de "Jupiter" e está codificada em Génesis; apenas parte do nome é apresentada na impressão porque a tabela é demasiado larga para ser reproduzida na íntegra. A segunda é o nome hebraico para o planeta, "Zedek", que está codificado em Isaías com a data em que o cometa atingiu Júpiter.

- **"Hitler"** está codificado em Génesis 8:19-21. É identificado como "nazi e inimigo" em Génesis 8:17-18. É chamado "homem mau" em Génesis 8:21. "Matança" está codificado em Génesis 8:20. (p. 40)

- **"Shakespeare"** está codificado de Levítico 23:24 a Números 1:34. "Hamlet" está codificado em Levítico 3:13-14:27. "Macbeth" está também codificado começando no mesmo versículo da Bíblia, Levítico 3:13, e terminando em Levítico 7:29. (p. 47)

- **"Irmãos Wright"** está codificado de Génesis 30:30 a Génesis 43:14. "Aeroplano" aparece em Génesis 33:7-8. (p. 48)

- **"Edison"** está codificado de Números 14:19 a 17:19. "Lâmpada elétrica" aparece em Números 11:26-27. "Eletricidade" aparece em Números 13:1-2. (p. 48)

- **"Newton"** está codificado de Números 18:30 a Números 21:5. "Gravidade" cruza o seu nome, codificado em Números 19:20. Em hebraico, a palavra que significa "gravidade" é habitualmente antecedida pelas palavras "força de" e, sem isso, significaria "atração" ou "puxão". Mas uma vez que está codificada com "Newton", o cientista que descobriu a "gravidade", o significado parece claro e a codificação intencional. (p. 49)

- **"Einstein"** aparece uma vez na Bíblia codificado de Êxodo 21:29 a Números 31:39. A palavra "ciência" e a afirmação sobreposta "um entendimento novo e excelente" aparecem ambas em Números 3:34 e cruzam o nome "Einstein". "Eles profetizaram uma pessoa inteligente" aparece em Números 11:26. (p. 49)

Capítulo Dois: Holocausto Atómico

- **"Todo o seu povo para a guerra"** aparece em Deuteronómio 2:32, logo acima de "assassino que assassinará", que cruza "Yitzhak Rabin", como foi notado acima. (p. 54)

- **"Holocausto de Israel"** está codificado uma vez na Bíblia, de Génesis 49:17 a Deuteronómio 28:64. "5756" aparece em Êxodo 17:2, a única vez que o ano aparece em qualquer parte do texto simples da Bíblia sem quaisquer saltos. (p. 55)

- **"Holocausto atómico"** está codificado de Números 29:9 a Deuteronómio 8:19. Aparece apenas uma vez na Bíblia, e as probabilidades contra o seu aparecimento são de pelo menos 100 para 1. "Em 5756" está codificado em Deuteronómio 12:15. (p. 56)

- **"A próxima guerra"** está codificado de Génesis 36:15 a Números 12:8. "Será após a morte do Primeiro-Ministro" aparece no versículo logo acima, Génesis 25:11. (p. 58) Na mesma tabela em que "a próxima guerra" está codificado, no mesmo versículo que declara "Será após a morte do Primeiro-Ministro", ambos os nomes "Yitzhak" e "Rabin" estão codificados, mas a impressão completa do código é demasiado grande para ser reproduzida aqui, pelo que apenas vemos o primeiro nome do Primeiro-Ministro.

- **"Artilharia líbia"** está codificado de Êxodo 21:22 a Números 1:38. O mesmo aparecimento único de "5756" em Êxodo 17:2 que surge com "holocausto de Israel" também aparece aqui. (p. 62)

- O nome **"Líbia"** aparece três vezes com "holocausto atómico", uma vez cruzando essas palavras e mais duas vezes na mesma linha, surgindo as três vezes em Êxodo 34:6-7. A palavra hebraica que significa "destruição total" aparece duas vezes nesse mesmo versículo da Bíblia. Logo antes da primeira codificação de "Líbia" estão as palavras "Foi explodido". Logo após a terceira codificação de "Líbia" estão as palavras "Eles foram revelados". (p. 64)

- **"Artilheiro atómico"** está codificado de Deuteronómio 4:40 a Deuteronómio 6:24. A abertura do primeiro versículo, Deuteronómio 4:40, declara: "Para que prolongues os teus dias". Em hebraico, as mesmas letras também soletram "endereço, data". A aparente localização, "o Pisga", cruza a segunda letra de "artilheiro atómico" em Deuteronómio 4:49. (p. 66)

Capítulo Três: Todo o Seu Povo para a Guerra

- **"Autocarro"** está codificado de Números 9:2 a Números 14:35. "Atentado bombista" ou "explosão" aparece no mesmo lugar, codificado em Números 10:23-24. "Jerusalém" cruza "autocarro", codificado em Números 11:1-4. O nome completo da cidade está codificado na Bíblia, mas a impressão é demasiado larga para ser aqui reproduzida na íntegra. (p. 70)

- **"Autocarro"** está codificado novamente em Génesis 34:7-35:5. "Eles andarão e haverá terror" aparece no último versículo, Génesis 35:5, cruzando "autocarro". "Fogo, grande estrondo" aparece no versículo anterior, Génesis 34:4. (p. 71)

- **"Primeiro-Ministro Netanyahu"** está codificado uma vez na Bíblia, de Êxodo 19:12 a Deuteronómio 4:47. A cruzar o seu nome está a palavra "eleito", codificada em Números 7:83. O seu cognome, "Bibi", está codificado no mesmo versículo. (p. 73)

- **"Netanyahu"** aparece sem saltos no texto oculto de Deuteronómio 1:21, na mesma tabela onde "Yitzhak Rabin", "Amir", "nome do assassino" e "todo o seu povo para a guerra" também aparecem juntos (ver Capítulo Um). Logo antes de "Netanyahu" no texto oculto estão as palavras "para o grande horror". (p. 76)

- **"A próxima guerra"** está codificado de Génesis 36:15 a Números 12:8. "Será após a morte do Primeiro-Ministro" aparece no versículo logo acima, Génesis 25:11. Sobrepondo-se a essas palavras, codificada no mesmo versículo, está a declaração "outro morrerá". (p. 80)

- **"Primeiro-Ministro Netanyahu"** é citado acima. As palavras "certamente será morto" que cruzam o seu nome aparecem em Êxodo 19:2. Las palavras "a sua alma foi ceifada" aparecem em Êxodo 31:14. A palavra "assassinado" aparece duas vezes em Números 31:17. (p. 81)

Capítulo Quatro: O Livro Selado

- **"No Fim dos Dias"** aparece no texto simples de Génesis 49:1, que declara: "E chamou Jacob a seus filhos e disse: Ajuntai-vos, e anunciar-vos-ei o que vos há de acontecer no Fim dos Dias." O ano, "em 5756", está codificado de Génesis 48:17 a Génesis 49:6. (p. 86) O "Fim dos Dias" aparece quatro vezes nos cinco livros originais da Bíblia. Na Bíblia de Jerusalém é traduzido como "os últimos dias" e "os dias vindouros". Mas Kaplan nota que o significado literal é "o Fim dos Dias" (*The Living Torah*, p. 245).

- **"Guerra Mundial"** está codificado uma vez na Bíblia, de Deuteronómio 4:28 a Deuteronómio 17:4. "No Fim dos Dias" aparece no texto simples da Bíblia logo acima, em Números 24:14. (p. 87)

- **"Holocausto atómico"**, como já foi notado, também aparece uma vez (Números 29:9 a Deuteronómio 8:19). Novamente, "no Fim dos Dias" aparece logo acima, no mesmo versículo que surge com "Guerra Mundial", Números 24:14. (p. 88)

- A segunda expressão bíblica de **"Fim dos Dias"**, que surge apenas no texto simples de Daniel, está codificada de Deuteronómio 4:34 a Deuteronómio 32:28. "Em 5756" está codificado logo acima, em Deuteronómio 1:25. (p. 89) No seu contexto bíblico original é sempre interpretado como a previsão de um tempo futuro de angústia, o Apocalipse. Mas as últimas palavras de Daniel são também vistas como uma previsão dos "dias do Messias".

- **"Amir"**, o assassino de Rabin, está codificado na mesma sequência de saltos que "Fim dos Dias", de Números 16:3 a Números 29:8. "Guerra" aparece no texto simples de Deuteronómio 4:34, o versículo onde "Fim dos Dias" começa. (p. 92)

- As duas expressões bíblicas de **"Fim dos Dias"** aparecem juntas uma vez, no texto simples de Deuteronómio 4:30, e codificadas de Números 28:9 a Deuteronómio 19:10. Tanto "praga" como o apelo "Salva!" aparecem no mesmo lugar em Números 14:37-38. (p. 93)

- **"Foi feito por computador"** está codificado em Êxodo 32:16-17, onde o texto simples declara: "E as tábuas eram obra de Deus; também a escrita era a escrita de Deus, esculpida nas tábuas." (p. 96)

- **"Código da Bíblia"** está codificado de Deuteronómio 12:11 a Deuteronómio 12:17. A palavra hebraica utilizada para "Bíblia" é

"Tanakh", que significa todo o Antigo Testamento. "Selado perante Deus" aparece em Deuteronómio 12:12. (p. 99)

- **"Computador"** está codificado em Daniel 12:4-6. O texto simples de Daniel 12:4 declara: "Mas tu, ó Daniel, fecha as palavras e sela o livro, até ao tempo do Fim." (p. 99)

- **"5757"**, o ano hebraico equivalente a 1997, está codificado de Daniel 10:8 a Daniel 11:22. O ano corrente também aparece com as famosas palavras de Daniel 12:4: "Fecha as palavras e sela o livro, até ao tempo do Fim." No mesmo lugar, em Daniel 11:13 e Daniel 11:40, aparecem duas vezes as mesmas palavras que têm duas traduções possíveis: "para ti, o codificado" e "para ti, os segredos ocultos". (p. 104)

Capítulo Cinco: O Passado Recente

- **"Guerra Mundial"** está codificado de Deuteronómio 4:28 a Deuteronómio 17:4. "Iria atingi-los, para destruir, aniquilar" aparece em Deuteronómio 9:19, cruzando "Guerra Mundial". (p. 106) A palavra "segunda" está codificada logo acima de "Guerra Mundial", mas não está incluída na impressão do código porque em hebraico a palavra "guerra" é do género feminino, e a palavra "segunda" aparece aqui na forma masculina. No entanto, parece claramente intencional, porque o texto oculto completo afirma "segunda e terceira", e essa frase cruza "este mundo devastado, Guerra Mundial", que está soletrado numa única sequência de saltos.

- **"Roosevelt"** está codificado uma vez na Bíblia, de Génesis 40:11 a Deuteronómio 9:1. É identificado como "Presidente" em Números 25:18, e o texto oculto desse mesmo versículo afirma: "Ele deu a ordem para atacar no dia da grande derrota." A última letra da palavra hebraica para "grande derrota" não aparece na impressão por ser uma coluna demasiado larga. (p. 106)

- **"Holocausto atómico"**, como foi notado acima, está codificado de Números 29:9 a Deuteronómio 8:19. O ano de Hiroxima, 1945, no calendário hebraico "5705", aparece em Deuteronómio 8:19, cruzando la última letra de "holocausto atómico". "Japão" está codificado em Números 29:9. (p. 107)

- **"Presidente Kennedy"** está codificado uma vez na Bíblia, de Génesis 34:19 a Génesis 50:4. As palavras seguintes na mesma sequência de saltos, "para morrer", estão codificadas de Génesis

27:46 a Génesis 31:51. "Dallas" aparece no mesmo lugar, começando em Génesis 10:7 até Génesis 39:4. (p. 108)

- **"Oswald"** está codificado de Números 34:6 a Deuteronómio 7:11. "Nome do assassino que assassinará" aparece em Deuteronómio 4:42, o mesmo versículo que está codificado com o assassinato de Rabin e o nome do seu assassino, Amir. (p. 109)

- **"Ruby"** está codificado em Deuteronómio 2:8 com "Oswald", e as palavras "ele matará o assassino", que aparecem em Números 35:19. (p. 110)

- **"R.F. Kennedy"** está codificado em Êxodo 26:21-22. No texto oculto desses versículos, entrelaçadas com o seu nome, aparecem duas vezes as palavras "o segundo governante será morto". O nome do seu assassino, "S. Sirhan", está codificado de Êxodo 19:18 a Êxodo 29:13, cruzando o nome "Kennedy" no código. (p. 111)

- **"Toledano"** está codificado de Génesis 31:39 a Génesis 42:34. A única vez que o seu nome aparece, toda a sequência do código soletra "cativeiro de Toledano" (Génesis 24:6 a Génesis 30:20). O nome da cidade, "Lod", aparece em Génesis 39:14. As palavras "Não derrameis sangue" aparecem no texto simples de Génesis 37:22, e a afirmação "ele morrerá" aparece no texto oculto de Génesis 30:20. (p. 113)

- **"Goldstein"** está codificado de Génesis 31:10 a Levítico 25:16. "Homem da casa de Israel que matará" aparece a cruzar o seu nome em Levítico 17:3. O nome da cidade onde cometeu o massacre, "Hebron", aparece em Números 3:19. (p. 114) "Goldstein" é geralmente soletrado com mais uma letra, um *vav*, mas esta é uma grafia alternativa aceite e é consistente com o hebraico bíblico.

- **"Oklahoma"** está codificado de Génesis 29:25 a Génesis 35:5. "Morte" cruza o nome da cidade que foi bombardeada em Génesis 30:20. "Haverá terror" aparece no texto simples de Génesis 35:5, o último versículo em que "Oklahoma" está codificado. (p. 117)

- **"Edifício Murrah"** está codificado de Génesis 35:3 a Génesis 46:6. As palavras "desolado, abatido" aparecem em Génesis 35:3, cruzando o "M". "Morto, despedaçado" aparece em Génesis 37:33, cruzando novamente o nome do edifício. (p. 118)

- **"O seu nome é Timothy"** está codificado em Génesis 37:12-19, e "McVeigh" está codificado em Génesis 37:8-9. (p. 119) O seu nome está codificado com o dia e a hora em que ele alegadamente fez explodir o edifício de escritórios federais em Oklahoma City, matando 168 pessoas. Foi exatamente a "dois anos da morte de Koresh", o líder de um culto religioso lunático. Essas palavras também estão codificadas com "McVeigh", mas não são mostradas na tabela de menor escala reproduzida no livro.

Capítulo Seis: Armagedão

- Tanto **"em 5760"** como **"em 5766"**, os anos 2000 e 2006 no calendário moderno, estão codificados com "Guerra Mundial" em Deuteronómio 11:14-15. Os dois anos estão codificados nos mesmos versículos da Bíblia. Eles sobrepõem-se um ao outro. "Em 5766" é simplesmente "em 5760" com mais uma letra, soletrando o ano posterior. Não há forma de saber se um ou ambos os anos são pretendidos. Ambos correspondem a "Guerra Mundial" contra probabilidades muito altas, e ambos são melhores correspondências do que qualquer outro ano. Nenhum outro ano aparece na tabela original de "Guerra Mundial" no código da Bíblia. Matematicamente, "em 5766" é uma correspondência ligeiramente melhor, mas "5760" aparece uma segunda vez na mesma tabela, codificado em Números 28:5-6. (p. 124)

- **"Holocausto atómico"**, tal como "Guerra Mundial", está codificado com ambos os anos, 2000 e 2006. Ambos os anos aparecem novamente em Deuteronómio 11:14-15. Mais uma vez, não há forma de saber qual dos dois anos é pretendido. Ambos são uma correspondência muito boa matematicamente. Embora "5766" seja novamente uma correspondência ligeiramente melhor, estes dois anos são os únicos nos próximos 120 que correspondem tanto a "holocausto atómico" como a "Guerra Mundial". (p. 125)

- **"Terrorismo"** está codificado com "Guerra Mundial" em Deuteronómio 3:13, e as palavras "guerra de morte" aparecem logo acima em Deuteronómio 1:44. (p. 128)

- **"Comunismo"** está codificado uma vez na Bíblia, de Génesis 41:34 a Números 26:12. As palavras de ligação "queda de" estão codificadas em Números 22:27-28. "Russo" está codificado no mesmo lugar, entre Números 26:12 e Números 34:2. "Na China" está codificado logo abaixo em Deuteronómio 22:21, e a palavra "próximo" aparece no mesmo versículo. (p. 129)

- **"Arma atómica"** está codificada uma vez no Livro de Isaías, de 32:1 a 65:18. "Jerusalém", "rolo" e "Ele abriu-o" aparecem todos no texto oculto do último versículo, Isaías 65:18. Na verdade, eles sobrepõem-se uns aos outros. O "M" em "atómica" é também o "M" em "Jerusalém", e o mesmo "M" é o "M" em "Megillah", a palavra hebraica para "rolo", e a sobrepor-se a "rolo" estão as palavras "Ele abriu-o", que em hebraico começa com o mesmo "M". Uma vez que as palavras simples de Isaías declaram que um "livro selado" será aberto, revelando os detalhes de um Apocalipse que descreve quase abertamente como um ataque atómico contra Jerusalém, a codificação de "arma atómica" é claramente intencional. Mas no hebraico moderno seria habitualmente soletrada com mais uma letra. (p. 132)

- **"Ariel"**, o nome antigo de Jerusalém, aparece no texto oculto de Deuteronómio 4:28, onde a codificação de "Guerra Mundial" começa. (p. 133)

- **"Armagedão"** está codificado de Génesis 44:4 a Êxodo 10:16, e "holocausto de Asad" segue-se na mesma sequência de saltos de Génesis 30:6 a Génesis 41:57. A impressão do código "Armagedão" usa as palavras hebraicas "Har Megiddo", que significam "Monte Megido". Os estudiosos da Bíblia concordam que este nome hebraico é a origem da palavra "Armagedão", que é na verdade uma transliteração grega do nome dessa localização no norte de Israel. A palavra "Armagedão" não aparece no texto simples do Antigo Testamento, apenas no Novo Testamento. (p. 134)

- **"Sìria"** está codificado em Ezequiel 38:10-15, começando no versículo que declara: "E virás do teu lugar, dos confins do Norte, tu e muitos povos contigo, uma grande multidão e um poderoso exército." "Gogue, terra de Magogue" aparece no texto simples de Ezequiel 38:2. (p. 135)

Capítulo Sete: Apocalipse

- O ano **2113** está codificado de Deuteronómio 29:24 a Deuteronómio 33:14. "Vazio, despovoado, desolado" aparece em Deuteronómio 33:14. "Para todos, o grande terror: fogo, terramoto" aparece no texto oculto do último versículo da Bíblia original, Deuteronómio 34:12. (p. 138)

- **"Grande terramoto"** está codificado de Êxodo 39:21 a Deuteronómio 18:17. Também aparece com ambos os anos, 2000 e 2006. Novamente, eles sobrepõem-se um ao outro, codificados em

Levítico 27:23. "Em 5760", o ano 2000 no calendário hebraico, aparece no entanto duas vezes, codificado novamente em Êxodo 39:21. (p. 139)

- **"Los Angeles"** não está codificado na Bíblia, mas a sua forma abreviada "L.A. Calif." está codificada duas vezes, em Levítico 23:10-12 e em Génesis 27:9-30. Contra altas probabilidades, "L.A. Calif." aparece com "grande terramoto" (Êxodo 9:24 a Números 23:11), e novamente com "fogo, terramoto" (Génesis 27:17). E ambas as codificações aparecem com o mesmo ano, 2010. Esse ano, "5770" no calendário hebraico, está codificado com "grande terramoto" em Números 4:23. E "5770" na verdade sobrepõe-se a "fogo, terramoto" em Génesis 27:17. (p. 141)

- **"China"** aparece em Números 33:12 com "grande terramoto" e "em 5760" (citado acima). O ano do último "gande terramoto" na China, 1976, está codificado em Levítico 27:24. (p. 143)

- **"Kobe, Japão"** está codificado de Números 5:14 a Deuteronómio 1:7. Tanto "fogo, terramoto" como "o grande" aparecem no texto oculto de Deuteronómio 10:21. (p. 145)

- **"Ano da praga"** está codificado uma vez na Bíblia, de Êxodo 16:10 a Deuteronómio 2:34. "Israel e Japão" aparece no texto oculto de Êxodo 16:10, cruzando "ano da praga". (p. 146)

- **"Japão"** aparece em Levítico 14:18 com "grande terramoto". Os anos 2000 e 2006 aparecem logo abaixo em Levítico 27:23. (p. 147)

- **"Colapso económico"** está codificado uma vez na Bíblia, de Êxodo 20:9 a Deuteronómio 11:6. "Terramoto atingiu o Japão" aparece logo abaixo no texto oculto de Deuteronómio 31:18. (p. 147)

- **"Dinossauro"** está codificado uma vez na Bíblia, de Génesis 36:14 a Deuteronómio 30:14. "Dragão" cruza "dinossauro", codificado em Deuteronómio 4:25. O nome do dragão com quem a Bíblia diz que Deus batalhou aparece no texto oculto de Deuteronómio 10:10, que declara: "Atingirá Raabe". "Asteroide" cruza "dinossauro", codificado em Deuteronómio 24:19-21; uma letra não cabe na impressão do código da Bíblia aqui reproduzida. (p. 149)

- **"Swift"** está codificado de Levítico 15:19 a Levítico 23:29. O ano em que se prevê o regresso do cometa, 2126, está codificado em

Levítico 24:5. "No sétimo mês veio" aparece em Levítico 23:39. "O sétimo mês" significaria normalmente o sétimo mês no calendário hebraico, mas neste contexto parece, em vez disso, ser uma declaração de que o cometa virá em julho e, portanto, passará em segurança pela Terra. (p. 151)

- **"Cometa"** está codificado de Levítico 18:20 a Deuteronómio 27:1. O ano 2006 está codificado em Levítico 27:23. "Ano previsto para o mundo" aparece logo acima, em Levítico 25:46. (p. 154) O ano 2012 também aparece com "cometa", em Deuteronómio 1:4. "Terra aniquilada" aparece logo acima em Êxodo 34:10. Mas, com 2012, também no texto oculto de Deuteronómio 1:4 estão as palavras "Será desfeito em pedaços, eu o despedaçarei". (p. 155)

Capítulo Oito: Os Dias Finais

- **"Primeiro-Ministro Netanyahu"** está codificado uma vez, de Êxodo 19:12 a Deuteronómio 4:47. "Julho a Amã" aparece sem saltos no texto oculto de Levítico 26:12-13. Também aparece apenas uma vez na Bíblia. (p. 157)

- **"Adiado"** aparece em Levítico 14:39, logo acima de "Julho a Amã". (p. 158)

- **"Adiado"** aparece três vezes na mesma tabela com "Primeiro-Ministro Netanyahu", logo acima de "Julho a Amã", a sobrepor-se a "a sua alma foi ceifada" em Êxodo 31:14, e cruzando "assassinado", codificado de Números 19:10 a Deuteronómio 17:11. (p. 160)

- **"A próxima guerra"** está codificado uma vez na Bíblia, de Génesis 36:15 a Números 12:8. "Outro morrerá, Av, Primeiro-Ministro" aparece no texto oculto de Génesis 25:11, uma linha acima. (p. 161)

- **"9 de Av é o dia da Terceira"** aparece no texto oculto de Números 19:12, com "Guerra Mundial" e o antigo nome de Jerusalém, "Ariel". "Terceira" não concorda em género com "guerra", que em hebraico é uma palavra feminina. No entanto, o "9 de Av" foi a data da primeira e da segunda destruições de Jerusalém e, uma vez que o código da Bíblia avisa que uma terceira Guerra Mundial pode começar com a terceira destruição de Jerusalém na mesma data, a codificação é claramente intencional. E o hebraico é perfeito se descrever a "terceira" destruição de Jerusalém. (p. 163)

- **"9 de Av, 5756"**, a data no calendário hebraico equivalente a 25 de julho de 1996, está codificado de Génesis 45:27 a Levítico 13:55. "Bibi" e "adiado" estão entrelaçados com um texto oculto que afirma "cinco futuros, cinco caminhos" em Números 7:35. (p. 164)

- **"Holocausto de Israel"** está codificado uma vez de Génesis 49:17 a Deuteronómio 28:64. O ano 2000, "5760" no antigo calendário, cruza-o codificado em Êxodo 12:4. "Tu adiaste" sobrepõe-se ao ano no texto oculto de Êxodo 12:45. (p. 166)

- **"Eles adiaram o ano da praga"** está codificado como uma única sequência de saltos de Génesis 1:3 a Deuteronómio 2:34. "Israel e Japão" cruza-o em Êxodo 16:10. (p. 167)

- **"Amigo adiou"** aparece no texto oculto de Números 14:14, onde as palavras simples predizem o "Fim dos Dias". Ambos aparecem logo acima de "Guerra Mundial". (p. 168)

- **"Túnel"** está codificado com a mesma sequência de saltos que "Holocausto de Israel", correndo em paralelo a este de Êxodo 17:2 a Números 14:36. (p. 169)

- **"Ramallah"** aparece em Números 32:25, cruzando "holocausto atómico" (Números 29:9 a Deuteronómio 8:19). O texto oculto completo declara: "Ramallah cumpriu uma profecia." (p. 170)

- **"Anexado"** aparece duas vezes com "holocausto de Israel", em Levítico 13:2 e Levítico 27:15. (p. 171)

- **"Arafat"** aparece em Deuteronómio 9:6, logo abaixo de "no Fim dos Dias" (Deuteronómio 4:30), a única vez que essas palavras no texto simples da Bíblia aparecem com a segunda expressão bíblica do "Fim dos Dias", codificada de Números 28:9 a Deuteronómio 19:10. (p. 171)

- **"Eles contaram o futuro ao contrário"** aparece em Isaías 41:23, que também pode ser traduzido como "Anunciai-nos as coisas que ainda hão de vir" ou "Anunciai as letras ao contrário". "5756", no calendário moderno 1996, aparece ao contrário no mesmo versículo de Isaías. (p. 176) "Eles mudaram o tempo" sobrepõe-se ao ano, também soletrado ao contrário em Isaías 41:23. (p. 176)

- **"O código salvará"** aparece em Números 26:64, logo acima de "holocausto atómico" e logo abaixo de "no Fim dos Dias"

(Números 24:14). Em hebraico, as mesmas letras que soletram "o código salvará" também soletram "códigos de Moisés". (p. 180)

Agradecimentos

Esta aventura começou por acaso há cinco anos, quando soube que um matemático israelita altamente respeitado tinha descoberto um código oculto na Bíblia que revelava acontecimentos modernos. Fui ver Eli Rips uma noite, em junho de 1992, pensando que saberia no espaço de uma hora que a sua alegação não tinha qualquer fundamento. Nos cinco anos decorridos desde então, falámos pelo menos semanalmente e encontrámo-nos muitas vezes. A evidência esmagadora de que o código da Bíblia é real veio de muitas fontes, mas este livro não poderia ter sido escrito sem a ajuda constante de Eli. No entanto, foi escrito de forma independente dele, e as opiniões nele expressas não são as suas, exceto no que diz respeito às suas declarações citadas.

Muitos académicos israelitas assistiram a minha investigação. O Rabino Adin Steinsaltz concedeu-me muito do seu valioso tempo. Yakir Aharonov, um físico de renome, ajudou-me a compreender alguns dos conceitos científicos complexos que poderão estar envolvidos. Robert Aumann, que investigou o trabalho de Rips mais minuciosamente do que qualquer matemático, reuniu-se comigo repetidamente e explicou pacientemente as provas do código. Vários funcionários do governo israelita também ajudaram de formas importantes. Não lhes agradecerei pelo nome, porque no ambiente atual isso poderia tornar os seus empregos mais difíceis.

Vários amigos dispensaram tempo para ler, criticar e incentivar. Um deles, John Larsen, fez muito mais. John foi o primeiro amigo a quem falei sobre o código da Bíblia e foi a primeira pessoa a ler este livro em manuscrito. O seu conselho foi incrivelmente bom em todas as etapas e, na medida em que este livro funciona, deve-lhe muito. Jane Amsterdam juntou-se a nós numa fase posterior crítica, cheia de entusiasmo. Tanto ela como John correram riscos por mim e fizeram naturalmente, sem hesitação, coisas que exigiam coragem. O meu amigo e advogado, Michael Kennedy, esteve envolvido desde o início e, como fez ao longo de toda a minha vida, ajudou em todos os sentidos. O seu associado, Ken Burrows, um verdadeiro advogado de autores, manteve o projeto no rumo certo. Finalmente, quero agradecer ao meu tradutor, Gilad, um jovem israelita brilhante cujo avô ajudou a fazer do hebraico novamente uma língua viva

após a Segunda Guerra Mundial, e às minhas assistentes de investigação Hillary e Elizabeth. E especialmente a Vendela, que trabalhou comigo todos os dias e me ajudou a escrever este livro. Eu não teria conseguido sem ela.